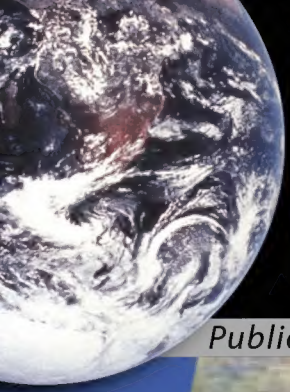


REVISTA Criacionista

Publicação da Sociedade Criacionista Brasileira. Ano 32 – Nº 68 – 1º semestre/2003

DINOSSAUROS

A FALÁCIA DA EVOLUÇÃO

ELOS PERDIDOS

Sociedade Criacionista Brasileira

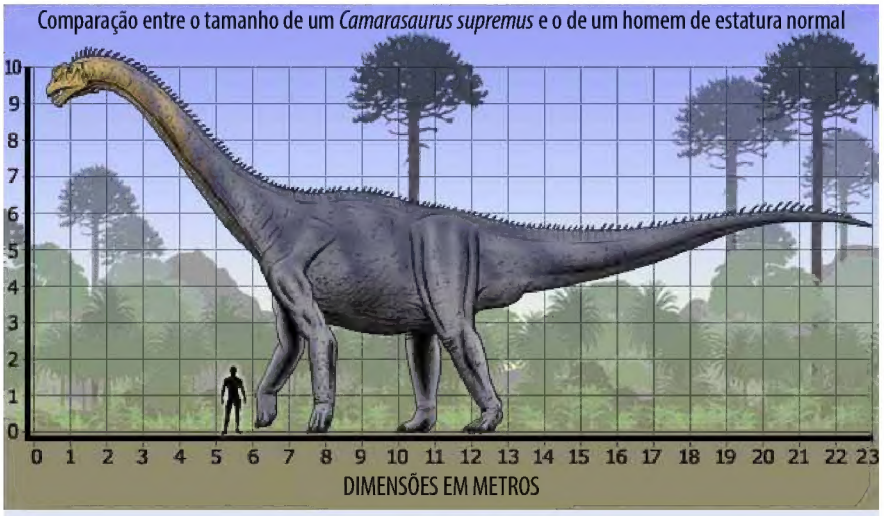
Nossa capa

Muito se fala e se tem falado sobre os dinossauros, e sem dúvida permanece sempre uma aura de mistério sobre os seus nomes complicados, bem como sobre a complexidade das suas diferentes "espécies". Frequentemente surgem novos achados fósseis, e passam a ser associados a eles novos nomes, correspondentes a novas espécies, apesar de sua aparência (reconstituída) ser, para um leigo, praticamente idêntica à de outros que já eram conhecidos.

A partir da divulgação desses achados, a maior parte das pessoas concorda com três noções específicas sobre os dinossauros, não de todo corretas: (1) Eles são (ou foram) grandes, desajeitados e feios; (2) eles viveram há milhões de anos; e (3) eles estão todos extintos.

De fato, quão verdadeiras são essas noções e outras congêneres? O que seria mera suposição decorrente de uma estrutura conceitual evolucionista utilizada para o exame das evidências fósseis encontradas, e o que seria compatível com afirmações e relatos sobre o assunto, dentro de uma estrutura conceitual criacionista em harmonia com o contexto bíblico?

Na reedição deste número da Revista Criacionista escolhemos propositadamente outras imagens menos agressivas para substituir a figura de capa anterior, que destacava uma horrorosa reconstituição do famigerado carnívoro *Tyrannosaurus rex*.



Camarasaurus supremus

Observa-se nesse gigantesco animal (seria o "behemoth" bíblico?) certa harmonia de formas. Para um Engenheiro, sua aparência estrutural é semelhante à de uma esbelta ponte pênsil sustentada por dois grandes pilares centrais, tendo seus tramos das extremidades suspensos em balanço.

REVISTA CRIACIONISTA N° 68

Primeira edição:	Impressa na Gráfica e Editora Qualidade - Núcleo Bandeirante – DF.
	Março de 2003 - 1000 exemplares
Editores Responsáveis:	Ruy Carlos de Camargo Vieira
	Rui Corrêa Vieira
Desenhos:	Francisco Batista de Mello
Segunda edição:	Edição eletrônica pela SCB
	1° semestre de 2017
Editores Responsáveis:	Ruy Carlos de Camargo Vieira
	Rui Corrêa Vieira

Endereço da Sociedade Criacionista Brasileira em 2017, ano da reedição deste número da Folha Criacionista:

Telefone: (61)3468-3892 Sites: www.criacionismo.org.br e

e-mail: scb@scb.org.br www.revistacriacionista.org.br

Editorial

NOTA EDITORIAL ACRESCENTADA À REEDIÇÃO DESTE NÚMERO DA FOLHA CRIACIONISTA

A reedição deste número e dos demais números dos periódicos da Sociedade Criacionista Brasileira faz parte de um projeto que visa facilitar aos interessados o acesso à literatura referente à controvérsia entre o Criacionismo e o Evolucionismo.

Ao se terminar a série de reedições dos números dos periódicos da SCB e com a manutenção do acervo todo em forma informatizada, ficará fácil também o acesso a artigos versando sobre os mesmos assuntos específicos, dentro da estrutura do Compêndio "Ciência e Religião" que está sendo preparado pela SCB para publicação em futuro próximo.

Os Editores responsáveis da Folha Criacionista

Ruy Carlos de Camargo Vieira e Rui Corrêa Vieira

Brasília, Janeiro de 2017

Não há mais dúvida de que, por parte das mais importantes revistas de divulgação científica para o grande público, foi exacerbada recentemente a verdadeira guerra declarada ao campo das concepções alternativas relativas à evolução das espécies. A *National Geographic* (incluindo seu canal de televisão) lidera as últimas escaramuças em âmbito mundial, acompanhada no Brasil pela *Superinteressante*, *Galileu* e agora também pela *Scientific American* em português. Dinossauros e longas eras geológicas, bem como fósseis recém-descobertos apresentados como supostos elos entre répteis e aves, além de hominídeos apresentados como supostos elos entre os seres humanos e os símios, constituem as mais importantes frentes de batalha atualmente na *mídia*.

Neste número da *Revista Criacionista*, sem querer nos envolver diretamente na conflagração provocada pelos meios de comunicação, mas somente mantendo a nossa linha de proporcionar aos interessados literatura que julgamos adequada para a formação de uma opinião independente, pretendemos apresentar alguns aspectos da controvérsia entre Criacionismo e Evolucionismo que envolvem a questão dos dinossauros, ou melhor, das criaturas cujos restos fósseis são encontrados ao redor do mundo, e que aparentemente estão extintas – ou foram julgadas estar extintas – incluindo não só os dinossauros propriamente ditos, como também outros tipos de animais terrestres e aquáticos.

Como pretendemos proceder sempre nesta nova fase inaugurada pela transformação da *Folha Criacionista* em *Revista Criacionista*, inicialmente estamos apresentando um "artigo de fundo", e em seguida alguns outros artigos versando sobre o tema principal, acompanhados de outros artigos e notícias não necessariamente limitados pelo assunto básico escolhido e constante do artigo de fundo.

Dada a natureza bastante especializada do tema escolhido, os artigos que estão sendo publicados não são de autores brasileiros, embora tenhamos na Sociedade Criacionista Brasileira

associados que dominam o assunto, e que no futuro apresentarão para publicação suas contribuições pessoais sobre aspectos diversos da Paleontologia, complementando as informações apresentadas neste número da *Revista Criacionista*.

Desejamos destacar, neste Editorial, a colaboração das instituições congêneres à nossa, que nos deram autorização para a tradução e publicação de artigos, capítulos de livros, e livretos que têm sido publicados por elas em seus periódicos, livros e demais publicações avulsas

Deixamos expressos aqui, como sempre, e particularmente, nossos agradecimentos a todos os que têm prestado a sua valiosa colaboração para que a Sociedade Criacionista Brasileira tenha podido dar continuidade às suas atividades, aprimorando-as e estendendo-as de forma a disponibilizar aos interessados na controvérsia entre Criacionismo e Evolucionismo importantes informações e materiais que não se encontram facilmente, mormente em nossa língua portuguesa.

Os Editores

Sumário

05 - NOÇÕES GERAIS SOBRE OS DINOSSAUROS
Editores *et alii*

11 - DEPOIS DO DILÚVIO – CAPÍTULOS 9 A 13
11 - AS CRONOLOGIAS ANTIGAS E A IDADE DA TERRA
17 - DINOSSAUROS NOS REGISTROS ANGLO-SAXÕES E OUTROS
27 - BEOWULF E AS CRIATURAS DA DINAMARCA
35 - CONCLUSÃO
37 - O QUE É O *CREATION SCIENCE MOVEMENT*
Bill Cooper

40 - A CARCAÇA DO *ZUIYO MARU*
Malcolm Bowden

51 - EM BUSCA DO DINOSSAURO DO CONGO
William J. Gibbons

55 - A FALÁCIA DA EVOLUÇÃO
Harun Yahya

64 - *ARCHAEORAPTOR LIAONINGENSIS* – O DINOSSAURO EMPLUMADO DA *NATIONAL GEOGRAPHIC* NÃO VOA
Steven Austin

Notícias

68 - O *ARCHAEORAPTOR LIAONINGENSIS* NÃO DECOLOU

69 - O PROJETO DAS PENAS DAS AVES

70 - QUAL É A ORIGEM DAS MOSCAS?

72 - O FILME "JURASSIC PARK"

73 - O ÚLTIMO PASSAROSSAURO E OS FATOS – O *MICRORAPTOR-GUI*

75 - O QUE SERIA NECESSÁRIO PARA UM DINOSSAURO SE TRANSFORMAR EM AVE?

78 - PENAS OU PÁSSAROS – O QUE VEIO PRIMEIRO?

79 - CELACANTO – *LATIMERIA CHALUMNAE*: O CASO DOS "FÓSSEIS VIVOS"

81 - O "MONSTRO DE *LOCH NESS*"

84 - E O "MAPINGUARI"?

85 - QUAL FOI A CAUSA DA EXTINÇÃO DOS DINOSSAUROS?

87 - AINDA A PREMIAÇÃO DO LIVRO "EVOLUÇÃO – UM LIVRO TEXTO CRÍTICO"

88 - CONFERÊNCIAS DO DR. DUANE GISH NO BRASIL

89 - CRIACIONISMO EM DEBATE NA GRANDE IMPRENSA

89 - ELES TÊM QUASE TUDO EM COMUM

93 - O *PASSAROSSAURO* E OUTROS ANIMAIS – A CATÁSTROFE DO DARWINISMO

97 - A TEORIA DA EVOLUÇÃO, A CIÊNCIA EXPERIMENTAL E A EXISTÊNCIA DE DEUS

REVISTA Criacionista

Publicação periódica da Sociedade Criacionista Brasileira (SCB)

Telefone: (61)3468-3892

Sites: www.scb.org.br e www.revistacriacionista.org.br

E-mail: scb@scb.org.br

Edição Eletrônica da SCB

Editores:
Ruy Carlos de Camargo Vieira
Rui Corrêa Vieira

Projeto gráfico:
Eduardo Olszewski
Michelson Borges

Adaptação e atualização do projeto gráfico:
Renovacio Criação

Diagramação e tratamento de imagens:
Roosevelt S. de Castro

Ilustrações:
Victor Hugo Araujo de Castro

Os artigos publicados nesta revista não refletem necessariamente o pensamento oficial da Sociedade Criacionista Brasileira. A reprodução total ou parcial dos textos publicados na Folha Criacionista poderá ser feita apenas com a autorização expressa da Sociedade Criacionista Brasileira, que detém permissão de tradução das sociedades congêneres, e direitos autorais das matérias de autoria de seus editores.

Sociedade Criacionista Brasileira

Revista Criacionista / Sociedade Criacionista Brasileira
v. 32, n. 68 (Março, 2003) – Brasília: A Sociedade, 1972-.
Semestral
ISSN impresso 2526-3948
ISSN online 2525-3956
1. Gênese. 2. Origem. 3. Criação
EAN Nº 977-2526-39400-0

ORIGEM DAS ESPÉCIES

Não deixa de ser interessante a fascinação despertada pelos dinossauros, ou melhor, pelas reconstruções artísticas usualmente feitas desses gigantescos animais, outrora denominados "dragões" nas diversas culturas que guardaram memória a respeito desses seres hoje tidos como extintos há milhões de anos, mas cuja existência contemporânea deixou profunda impressão em diversos povos e culturas. Certamente a maneira pela qual são eles hoje apresentados ao público lastimavelmente pode ser considerada uma "propaganda enganosa" do produto "Evolução".

Neste artigo, os Editores fazem um apanhado geral sobre a natureza dos dinossauros e a influência dos meios de comunicação para a divulgação de suposições evolucionistas a seu respeito como sendo verdades "cientificamente comprovadas".

Editores *et alii*

NOÇÕES GERAIS SOBRE DINOSSAUROS

Para muitas pessoas, especialmente depois da "dinomania" inaugurada com o célebre filme "Parque Jurássico", de Steven Spielberg – inspirado no livro de Michael Crichton, *Jurassic Park* (Ballantine Books, New York, 1990) –, dinossauros passaram a estar intimamente associados a "milhões de anos". E ainda mais, a partir do monopólio evolucionista exercido praticamente sobre todos os principais meios de comunicação, bem como sobre o sistema educacional, em geral, acelerou-se a campanha de doutrinação evolucionista do grande público, de tal forma que a aparência grande, propositadamente desajeitada e feia dos dinossauros reconstruídos a partir de achados fósseis, juntamente com o fenômeno de sua extinção, foram trazidos à luz como prova irrefutável das teses da Teoria da Evolução.

Por outro lado, tomando o relato bíblico literalmente, os "dinossauros terrestres" teriam sido criados no sexto dia da semana da Criação, o mesmo dia em que o homem foi criado. Os "dinossauros marinhos" teriam sido criados no quinto dia, o mesmo dia em que foram criados os peixes e outras criaturas aquáticas. Assim, homens e dinossauros teriam vivido contemporaneamente antes do Dilúvio e muito provavelmente por mais algum tempo após o Dilúvio, nada impedindo que ainda hoje existam também espécimes vivos tanto dos dinossauros marinhos quanto dos terrestres.

Embora a maior parte das pessoas, ao se referirem aos dinossauros, provavelmente pensem que *todos* eles tivessem sido monstros enormes, na realidade o registro fóssil mostra que eles variavam muito de tamanho, com grande frequência desde o tamanho de um pombo (*Compsognathus*) até o porte de galinhas, perus, cães e cavalos, chegando a atingir também – embora com menor freqüência – dimensões avantajadas (como no caso do *Braquiossauro*) com até 12 metros de altura, 43 metros de comprimento e mais de 70 toneladas de peso, peso equivalente a mais de 10 elefantes africanos!

Quanto ao seu aspecto, evidentemente os dinossauros que foram predadores não tiveram qualquer aparência mais simpática do que os animais predadores que ainda existem em nossos dias. Entretanto, pode-se notar harmonia de formas em numerosos outros tipos de dinossauros (reconstituídos) independentemente de seu tamanho específico. Apenas para exemplificar, um *Diplodocus*, um Camarassauro ou um Braquiossauro apresentam harmonia de formas, com aparência semelhante à de uma esbelta ponte pênsil sustentada por dois grandes pilares centrais, tendo seus tramos das extremidades suspensos em balanço.

Em síntese, na estrutura conceitual criacionista, os dinossauros (entendidos em sua acepção geral, independentemente de qualquer taxonomia aceita pela Paleontologia moderna) foram seres criados na semana da Criação, juntamente com os demais seres vivos, de conformidade com certos grupos básicos originais, que posteriormente sofreram alterações (como os demais seres vivos) que tornaram muitos de seus tipos específicos agressivos e predadores. E, da mesma forma que numerosos outros animais, eles foram extintos em decorrência da catástrofe global do Dilúvio e seus efeitos posteriores.

Recomendamos, como leitura adicional introdutória, o capítulo 19 do livro *The Answers Book*, que trata do que aconteceu aos dinossauros. Este livro, de autoria de Ken Ham, Jonathan Sarfati e Carl Wieland, foi publicado em sua edição original em Inglês pela nossa congênere australiana *Answers in Genesis*, e esperamos que a sua tradução, já procedida pela Sociedade Criacionista Brasileira, seja publicada no segundo semestre deste ano de 2003.

Lembramos, ainda, a propósito da possível convivência do homem com os dinossauros em tempos recentes, que foi publicado no número 63/64 da então *Folha Criacionista*, o interessante artigo "A Presença do Homem no Tempo dos Dinossauros" (pp. 44-46), transcrito da revista francesa *Science et Foi*.

A Nomenclatura

Com a intenção de trazer um pouco mais de conhecimento para nossos leitores que não estejam muito familiarizados com a Taxonomia Zoológica – que evidentemente também é adotada na Paleontologia – a seguir passamos a dar algumas informações mais específicas que lhes poderão ser de interesse. Para isso, adaptamos alguns trechos do livro de David Norman *The Illustrated Encyclopedia of Dinosaurs*, publicado em 1985 pela editora Crescent Books, de Nova York.

Inicialmente, desejamos ressaltar que é realmente grande o número de "variedades" de dinossauros que têm sido identificados ao redor do mundo – cerca de quase 300 *espécies*, conforme citado por Peter Dodson, em 1990 ("Counting Dinosaurs – How Many Kinds Were There?", *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 87, 1990, pp. 7608-7612). As identificações dos dinossauros de grande porte, feitas por paleontólogos, em quase a metade dos casos, baseiam-se somente em um ou dois ossos. Mas também para a identificação dos demais dinossauros os paleontólogos têm-se baseado em esqueletos articulados, jazidas de ossos, ossos de espécimes jovens, pegadas, gastrólitos, ninhos, ovos e embriões.

Grande variedade de nomes diferentes tem sido usada para caracterizar as "variedades" de dinossauros descobertas pelos paleontólogos. Normalmente, para essa caracterização ou classificação parte-se do conceito de *espécie*, que em síntese seria o "tipo" de dinossauro que poderia ser mais facilmente reconhecido.

Embora o conceito de *espécie* não seja tão trivial, poderemos exemplificar com o caso do gato doméstico, cujo nome científico é *Felis catus*. Esta sua denominação consiste do nome "particular" ou da *espécie catus*, acrescido do nome do grupo ou *gênero Felis*. Este último nome indica que o gato doméstico faz parte de um grupo maior que inclui por exemplo o gato selvagem (*Felis sylvestris*) e o gato africano da savana (*Felis lybica*). Por outro lado, esse grupo maior, ou gênero, tem muitas semelhanças com outro grande grupo ou gênero de carnívoros que engloba, por exemplo, o leão (*Panthera leo*) e a chita (*Acinonyx jubatus*), podendo ser reunidos todos esses grupos em uma *família*, os *Felidae* (ou felídeos). Recomendamos a nossos leitores, para o aprofundamento da caracterização do conceito de *espécie biológica*, a leitura da Parte II do livro *Evolução – Um Livro Texto Crítico*, de autoria de Reinhard Junker e Siegfried Scherer, publicado pela Sociedade Criacionista Brasileira, onde se encontram considerações bastante atuais sobre o assunto.

Da mesma forma pode-se classificar os dinossauros, como exemplificado a seguir com os iguanodontes. O *Iguanodon bernissartensis* é uma *espécie* particular de dinossauro da subordem dos Ornitópodos. Outras espécies conhecidas do *gênero* Iguanodonte são o *Iguanodon mantelli*, o *Iguanodon fittoni*, e o *Iguanodon dawsoni*. Esse gênero *Iguanodon* tem muitas semelhanças com outros gêneros, como o *Camptosaurus*, o *Ouranosaurus*, e o *Muttaburrasaurus*, todos eles podendo ser reunidos na *família Iguanodontidae*.

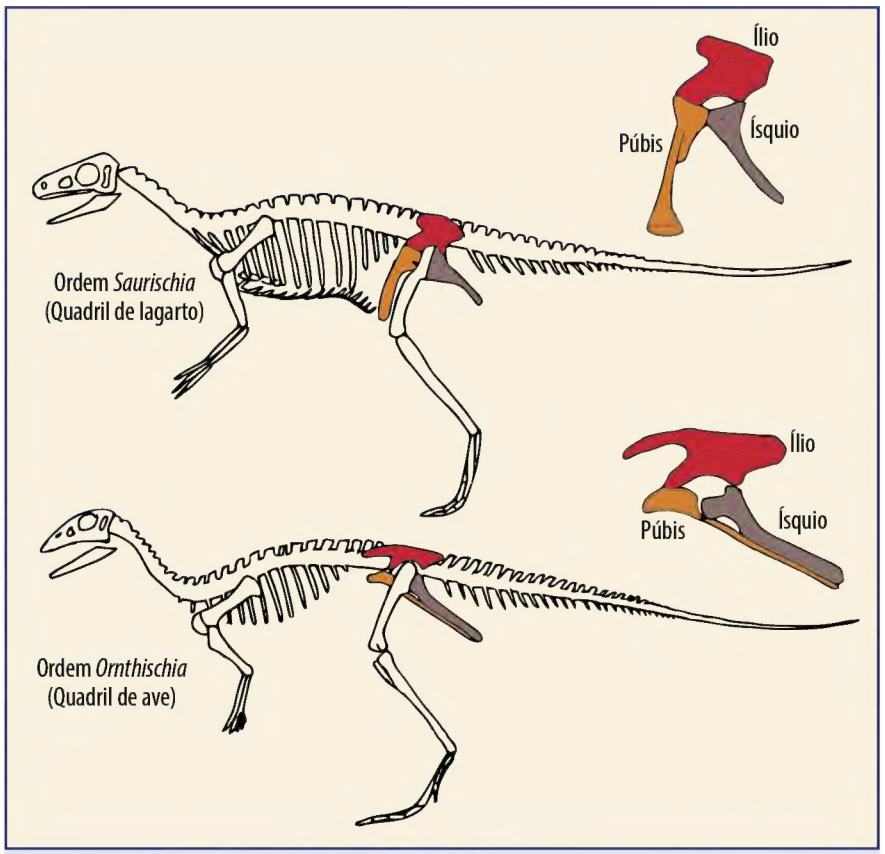
Acima desse nível de classificação, a família *Iguanodontidae* apresenta muitas semelhanças com outras diferentes famílias, como a dos Hadrossaurídeos, dos Hypsilophodontídeos e dos Fabrossaurídeos, de tal forma que, por sua vez, todas elas podem ser agrupadas na *ordem* dos Ornitópodos.

A Classe dos Dinossauros

Durante muitos anos após Richard Owen ter introduzido, em 1841, a denominação de *dinossauros* para os grandes lagartos fósseis, eles foram considerados como uma ordem única de répteis.

Richard Owen

Em torno de 1887 já havia sido coletado grande número desses fósseis, de modo a ficar claro que eles diferiam entre si notavelmente em função dos ossos da pélvis ou bacia. Harrey G. Seeley propôs então que os dinossauros constituíssem uma *classe* dividida em duas grandes *ordens* – a dos *Saurischia* (Saurísquios, isto é, com "pélvis de lagarto") e a dos *Ornithischia* (Ornitísquios, isto é, com "pélvis de ave") – dependendo da forma daqueles ossos, como apresentado na figura acima.



As duas Ordens de Dinossauros

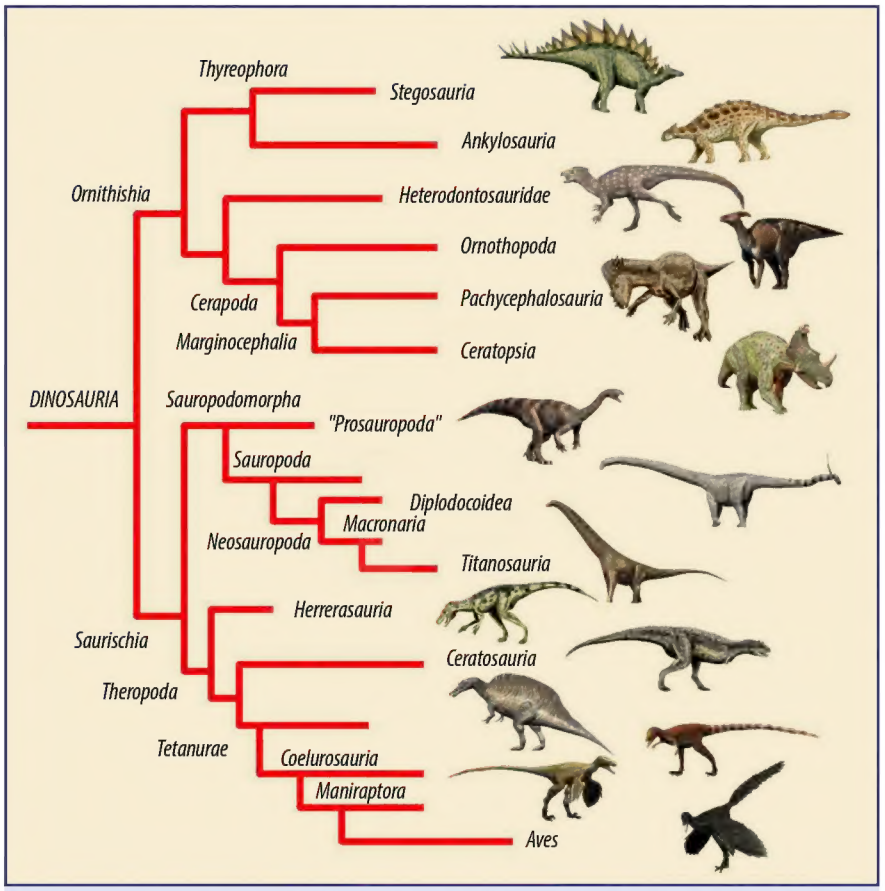
Os ossos da bacia dos dinossauros da ordem *Saurischia* não diferem muito dos ossos dos répteis atuais. Os dos dinossauros da ordem *Ornithischia*, porém, apresentam ossos da bacia dispostos de maneira distinta. Ao invés de o púbis apontar para a frente e para baixo, como nos répteis, ele se encontra voltado para trás, paralelamente ao ísquio. (Curiosamente, embora esta seja a disposição nos *Ornithischia*, considerados como mais antigos, nos que são considerados como mais recentes – por exemplo, os hadrossauros e ceratópidos –, o pubis aparenta estar voltando à sua suposta posição original.)

Além dessa característica diferencial na estrutura da bacia, as duas ordens de dinossauros apresentam também várias outras distinções. Dentre elas, os dinossauros da ordem *Ornithischia* são todos herbívoros, enquanto que os da ordem *Saurischia* são tanto do tipo herbívoro quanto do tipo carnívoro.

Na suposta árvore genealógica dos dinossauros, outras subdivisões são aceitas, como por exemplo na ordem dos *Saurischia* três subordens, uma das quais é a dos Terópodos carnívoros e outra a dos Sauropodomorfos herbívoros.

Os Terópodos são quase todos bípedes, e abrangem famílias distintas, desde a dos gigantescos Tiranossauros até a dos pequenos Celurossauros, e incluem também a família dos Ornitomimossauros, semelhantes a avestruzes sem dentes. A subordem dos Sauropodomorfos herbívoros, por sua vez, também pode

ser subdividida em famílias distintas, como a dos saurópodos gigantes, que também se desdobram nas subfamílias dos diplodócidos e dos braquiossáuridos, como exemplificado na figura seguinte, dentre numerosas outras propostas.



Uma das classificações propostas para a Classe dos Dinossauros em suas duas grandes Ordens
Observe-se a inserção de Aves nesta proposta de árvore genealógica dos dinossauros!

Deve ficar claro que essas divisões e subdivisões têm na realidade caráter meramente classificatório, não tendo relação nenhuma com uma provável "árvore evolutiva" dos dinossauros. A propósito, é fato reconhecido pelos próprios evolucionistas que os *Ornithischia* em princípio não teriam nenhum relacionamento evolutivo com as aves (apesar de em seu nome comparecer a raiz grega *ornithos,* que significa *ave*), mas sim supostamente com os *Saurischia* terópodos... (confusão propositada?).

A ordem dos *Ornithischia,* como visto na Figura acima, é dividida em seis subordens distintas, dentre as quais a dos Ornitópodos, cuja denominação, aliás, também é inconveniente, já que seus pés, ao contrário do que indica o nome, nada têm de semelhante a pés de aves! A subordem dos Ornitópodos abrange a família *Iguanodontidae*, juntamente com outras diferentes famílias, como a dos hadrossaurídeos, dos hypsilophodontídeos e dos fabrossaurídeos, todas elas apresentando muitas semelhanças entre si. A maioria dos Ornitópodos é bípede, alguns deles podendo às vezes "andar de quatro".

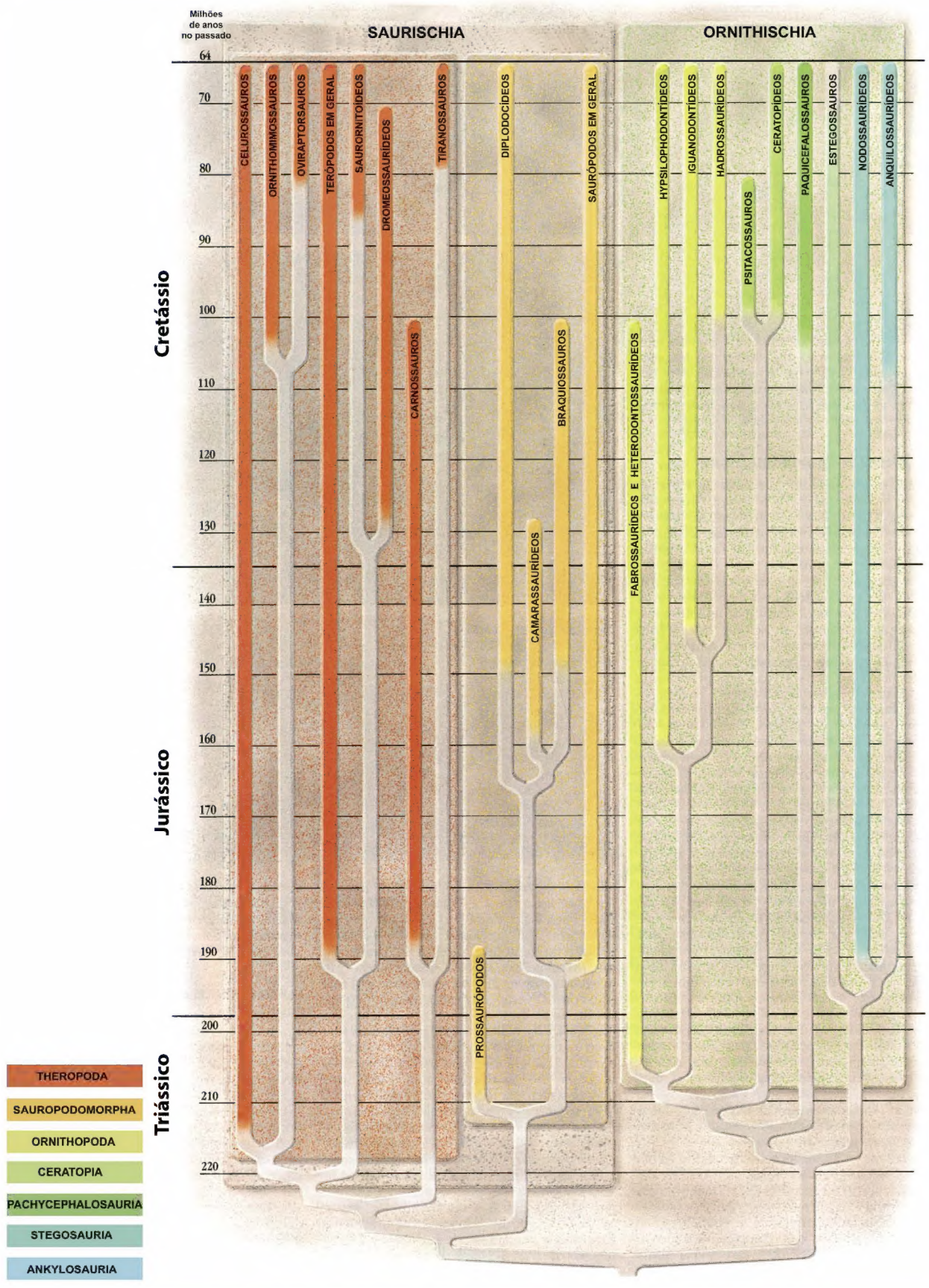
Três das demais principais subordens dos *Ornithischia* são as dos ceratópidos, a dos stegossáuridos, e a dos ankylossáuridos, todas elas constituídas predominantemente de quadrúpedes (exceto alguns poucos ceratópidos).

Deve-se lembrar que, além dos *Saurischia* e dos *Ornithischia*, popularmente são conhecidos também como *dinossauros* outros tipos de animais que não vêm a ser répteis, mas peixes, anfíbios, aves e mamíferos, também extintos, e com formas bastante distintas das usuais em nossos dias, algumas tão estranhas quanto às dos dinossauros propriamente ditos, até aqui considerados.

Até 1990 haviam sido reconstituídos esqueletos completos de espécimes de 197 gêneros distintos de dinossauros pertencentes às famílias constantes da classificação exemplificada na página seguinte. Dentre todas essas famílias, cerca da metade não continha espécimes com mais de 6 metros de comprimento (tamanho de um elefante africano contemporâneo), o que evidencia ter realmente existido grande variedade de tamanhos dos dinossauros, e não somente dimensões gigantescas como as do braquiossauro ou do *diplodocus.*

A partir deste apanhado geral, pode-se verificar que realmente, mesmo com as tentativas de classificação que se têm mostrado bastante complexas, e até discutíveis no âmbito dos próprios paleontólogos especialistas, para o leigo continua a pairar certo clima de mistério envolvendo tanto a complicada nomenclatura adotada para a Taxonomia dos dinossauros, como as estranhas formas de suas diferentes espécies reconstituídas a partir

Árvore genealógica proposta para os Dinossauros



Exemplificação da Classificação de Famílias de Dinossauros a partir de sua suposta Filogênese

(Norman, David, *The Illustrated Encyclopedia of Dinosaurs*, p. 23, Crescent Books, New York, 1985)

dos achados fósseis, já que em nossos dias a imensa maioria delas encontra-se extinta.

Implicações das concepções "populares"

Neste apanhado geral sobre os dinossauros, não poderíamos deixar de destacar algumas das conseqüências que consideramos deletérias da "dinomania" que sorrateiramente invadiu os meios de comunicação e os livros escolares, e para as quais devemos estar alertados pelo fato de serem apresentadas como "verdades cientificamente comprovadas", quando na realidade apenas são suposições abrigadas no contexto da estrutura conceitual evolucionista, sem qualquer comprovação verdadeiramente científica.

A primeira consideração que fazemos é que os dinossauros usualmente são apresentados como "animais pré-históricos", isto é, animais que existiram em épocas remotas quando supostamente não existiam seres humanos que pudessem ter deixado qualquer tipo de relato a seu respeito. Esta suposição é feita evidentemente tanto em decorrência da aceitação prévia de uma discutível escala cronológica para a evolução das espécies, como para procurar aduzir provas a favor da veracidade dessa escala, em um verdadeiro círculo vicioso.

Particularmente, é ignorado completamente o fato de que a Bíblia apresenta relatos no livro de Jó que apontam para a possibilidade da convivência de seres humanos com dinossauros de algumas espécies terrestres e aquáticas, em tempos históricos (veja neste número da *Revista Criacionista* o Capítulo 10 do livro de Bill Cooper, *After the Flood*). Fica também, assim, preparado o espírito para a rejeição liminar de quaisquer outras evidências de possível existência de remanescentes de animais semelhantes aos dinossauros fósseis, em nossos dias.

Em seguida, outra consideração que fazemos é que os dinossauros são apresentados no contexto da escala de tempo geológica, que atribui à Terra a idade da ordem de 5 bilhões de anos, e localizados nos períodos que teriam ocorrido há centenas de milhões de anos. Desta forma, subliminarmente vai sendo introduzida a ideia da possibilidade da evolução poder ter ocorrido ao longo de imensos períodos de tempo, o que justificaria o fato de não a podermos observar hoje devido ao pequeno intervalo de tempo disponível nos tempos históricos. Fica claro que esta argumentação apoia indiretamente o chamado Atualismo – ou seja, a concepção também conhecida como Uniformismo – que propõe que os fenômenos observados hoje na natureza sempre ocorreram no passado com o mesmo ritmo medido atualmente. De fato, essa concepção é o grande argumento trazido em defesa dos grandes períodos de tempo envolvidos na história geológica da Terra.

Assim, vai também sendo preparado o espírito para a aceitação de processos evolutivos lentos e graduais, conceito que é um dos pilares do Darwinismo. Isso, associado ao fato sempre destacado de que ocorreu no passado remoto a extinção dos dinossauros, traz à mente a ideia do segundo pilar do Darwinismo: a existência de um processo de seleção natural que, no caso, atuou para eliminar da Terra esses seres que hoje só seriam encontrados como fósseis.

Evidentemente, esse quadro todo induz à rejeição do relato bíblico no qual se destaca a existência de planejamento, desígnio e propósito na criação dos seres vivos, e induz simultaneamente à aceitação de uma moldura evolucionista na qual impera a atuação da seleção natural e do acaso ao longo de imensos períodos de tempo.

E, finalmente, como a mais deletéria das conseqüências da "dinomania", por imperceptível que possa ser, resulta a aceitação de que, como todas as criaturas evoluíram a partir de formas "inferiores" de vida, também o ser humano será somente um primata evoluído, simplesmente um animal, que em princípio só subsistirá, como indivíduo e como espécie, se mostrar sua maior aptidão na luta pela sobrevivência em que obrigatoriamente está envolvido. Decorrem desta postura, então, as justificativas para a opressão do mais fraco, com todas as suas conseqüências funestas, tanto no âmbito individual quanto particularmente no âmbito social e político, onde as trágicas experiências do "Darwinismo Social" se fizeram sentir nos últimos cem anos – regimes totalitários tanto de esquerda como de direita, políticas de eugenia, aborto, e ideologias racistas, dentre outras.

HISTÓRIA

DEPOIS DO DILÚVIO

Tendo em vista que este número 68 da Revista Criacionista trata de maneira mais abrangente da temática dos dinossauros, os editores acharam por bem publicar aqui o capítulo 9 do livro de Bill Cooper – "After the Flood" – ao invés do capítulo 4 (que seria de se esperar se continuasse a ser seguida a publicação dos capítulos de forma sequencial), pelo fato de este capítulo se relacionar diretamente com aquela temática. Nos números seguintes da Revista Criacionista serão publicados os capítulos 4 a 8, retomando-se a sequência normal. Cremos que esta alteração não afetará de forma sensível o acompanhamento de todo o texto do livro de Bill Cooper.

Bill Cooper

Bill Cooper é membro do Conselho e curador do *Creation Science Movement*, é casado e tem duas filhas. Recentemente recebeu o *Honours Degree da Kingston University* por seus estudos interdisciplinares em História das Ideias (Religião, Filosofia e Teoria Política) e Literatura Inglesa. Tem feito conferências sobre a "Tabela das Nações", sob os auspícios do *Creation Science Movement*, na Alemanha e na Bélgica e em muitas ocasiões na Inglaterra, inclusive na *Leeds University*.

Capítulo 9
As cronologias antigas e a Idade da Terra

Os milhões ou bilhões de anos atribuídos à idade da Terra constituem uma ideia bastante recente que, na realidade, começou a ser formulada na virada do século XVIII e progrediu após a publicação dos trabalhos de Hutton e Lyell. Esses autores introduziram o conceito conhecido como teoria uniformista, que afirma que as transformações na natureza sempre ocorreram no mesmo ritmo lento observado hoje, e que, portanto, a configuração da Terra foi se formando gradualmente ao longo de "eons" de tempo. Esta noção não dá lugar nem para uma criação recente em seis dias, nem para o dilúvio bíblico dos tempos de Noé. A concepção uniformista não só lançou os fundamentos da teoria da evolução, que viria em seguida, como também foi achada suficiente em si mesma para refutar o registro de Gênesis. Além do mais, o seu atrativo filosófico dúbio levou à aceitação quase universal da teoria. De fato, a rejeição do relato de Gênesis parece ter sido o objetivo perseguido pela formulação da teoria, em primeiro lugar.[1] Têm sido publicadas ultimamente críticas bastante fundamentadas e complexas contra a teoria do uniformismo, tanto por criacionistas como por outras pessoas, e não vou repetir aqui o que tem sido dito. O que nos interessa neste estudo é o que nossos antepassados pensavam a respeito da idade da Terra, e exatamente qual a idade que era registrada por eles.

Entre os Anglo-saxões e os antigos Bretões prevalecia um interesse particular para o estabelecimento de uma cronologia fidedigna para as suas histórias, e embora hoje possam existir boas razões para se questionarem **algumas** datas obtidas pelo seu sistema de registro, temos entretanto evidências inequívocas que demonstram que eles criam em uma Terra jovem (uma criação recente), e no dilúvio. Por exemplo, a versão da Crônica Anglo-saxônica conhecida como a *Crônica Parker*,[2] afirma que desde o início do mundo até o ano 6 A.D. passaram-se 5.200 anos. A *Crônica Laud*[3] difere levemente, afirmando que o mesmo período

decorreu da Criação até o ano 11 A.D., indicando ou um simples erro de escrita, ou a derivação de duas fontes distintas. Entretanto, ambas as Crônicas concordam em que, desde a Criação até o ano 33 A.D., o ano da crucifixão, transcorreu um período de 5.226 anos. Em outras palavras, no que diz respeito aos Saxões, o mundo havia sido criado em torno de 5.200 a.C.

Além disso, encontra-se dentre os registros Anglo-saxões a afirmação de que: "Fram Adame ... (ao) ... flod ... (foram) ... twa hund wintra & twa thusenda & twa & fiowertig" isto é "De Adão ... (ao) ... dilúvio ... (foram) ... 2.242 invernos" [4]. *(Tradução do Autor.)*

Seria interessante descobrir como os Saxões obtiveram esse número de 2.242 anos para o período antediluviano, pois ele não aparece na Vulgata (que dá para esse período 1.656 anos, concordando com a Versão Hebraica da Bíblia), e eles não estavam acostumados com a "Versão dos Setenta "que dá para aquele período 2.256 anos. Entretanto, o número dado por eles concorda exatamente com o dos Bretões, como nos relata Nennius:[5]

"Do início do mundo até o dilúvio, 2.242 anos.
Do dilúvio até Abraão, 942 anos.
De Abraão a Moisés, 640 anos.
De Moisés a Davi, 500 anos.
De Davi a Nabucodonozor, 569 anos.
De Adão até o cativeiro babilônico, 4.879 anos.
Do cativeiro babilônico até Cristo, 566 anos.
Portanto de Adão até a paixão de Cristo, 5.228 anos.
Desde a paixão de Cristo, completaram-se 796 anos,
E desde a Sua encarnação, 831 anos."
(Nennius, capítulos 1 a 4. Tradução do Autor.)

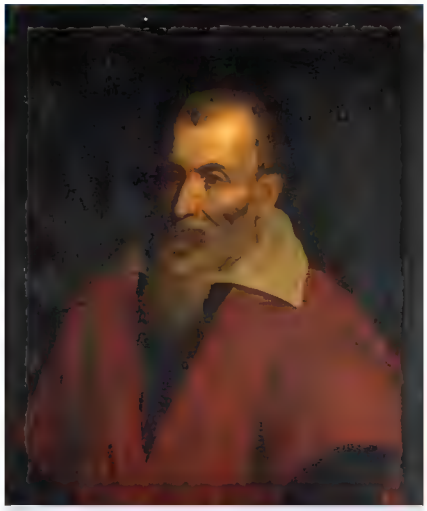
Diríamos, hoje, que há certos pontos em que essa antiga cronologia britânica está evidentemente errada. Por exemplo, não houve 942 anos entre o dilúvio e Abraão, mas somente cerca de 427 anos até a entrada de Abraão em Canaã.[6] E ainda, somando os anos dados nas primeiras 7 linhas, tem-se o período de 5.459 anos entre Adão e Cristo, enquanto que a cronologia afirma, na sua parte final, que de Adão à paixão de Cristo decorreram somente 5.228 anos – um erro de 231 anos! Admitindo que Nennius por si mesmo fosse capaz de fazer uma simples soma, concluímos que ele nos legou dados de uma fonte incorreta (e talvez mais antiga?) de forma caracteristicamente não revisada nem corrigida. De qualquer forma, os antigos Bretões e os Saxões, pelos seus registros, consideravam a Criação em torno de 5.200 a.C.

A cronologia irlandesa, por outro lado, parece ter sido favorável à data da Criação em torno de 4.000 a.C. Na realidade, admite-se existirem certas dificuldades complexas com relação à cronologia irlandesa, mas relativas aos acontecimentos registrados no período entre o dilúvio e a colonização de Mileto, em torno de 500 a.C. Por exemplo, Partholan, se aceitarmos a cronologia irlandesa, desembarcou na Irlanda no século XV a.C., enquanto que a crônica britânica o coloca no reino de Gurguit (que, diz-se, deu a Irlanda para ele) no século IV a.C. Entretanto, essas dificuldades podem ser solucionadas. Parece, aqui, que a cronologia britânica é que está errada. Entretanto, como surgiu esse erro de mais de mil anos?

Há várias possibilidades. Primeiro, poderia ser que Gurguit tenha sido confundido com um rei britânico muito mais antigo. Mas quando consideramos que Partholan iniciou o seu reinado cerca de 380 anos antes de sequer ter sido fundada a linhagem real britânica (por Brutus, cerca de 1104 a.C.) esta possibilidade é imediatamente descartada. Poderia Partholan ter sido confundido com um rei irlandês de nome semelhante, bastante posterior, cujo reino fosse contemporâneo ao de Gurguit? Isto é bem possível, embora os registros irlandeses silenciem a respeito de tal rei. Finalmente, podemos considerar a possibilidade de ter havido alguma espécie de acordo político entre as monarquias britânica e irlandesa durante o quarto século a.C. (isto é, durante o reinado de Gurguit), e que o nome de Partholan, como o fundador da linhagem real irlandesa, e em cujo nome a linhagem então se firmava, simplesmente tivesse se confundido com a do rei durante cujo reinado tivesse sido efetuado o acordo. Desta forma, a discrepância seria somente de nome, e não de cronologia.

Entretanto, a data da Criação em torno de 4000 a.C., apoiada pelos primeiros cronistas irlandeses, traz à mente a mais famo-

Bispo Ussher


Joseph Scaliger

sa de todas as datas propostas para a Criação, a de Ussher, que em sua obra do século XVII, *Annales, Veteris et Novi Testamenti*, calculou a data de 4004 a.C. O próprio Ussher era irlandês, que sem dúvida abeberava-se na tradição de seus compatriotas. Independentemente de Ussher ter sido ou não influenciado por esse fato, observamos que as datas aceitas para a Criação, entre Bretões, Saxões e Irlandeses estiveram sempre entre aproximadamente 4000 a.C. e 5200 a.C., o que nos leva à observação seguinte, que diz respeito ao trabalho de Scaliger, um cronologista do século XVI.

Joseph Scaliger (1540-1609) foi um estudioso, de imensa capacidade, que abriu muitos novos caminhos no estudo da literatura clássica. Sua maior credencial para a fama, porém (se a relativa obscuridade até hoje a ele concedida puder ser descrita como fama), reside no seu trabalho *De Emmendatione Temporum*, que ele publicou em 1.583, e que abriu o caminho para a moderna ciência da Cronologia. (Essa publicação foi seguida pelo seu *Thesaurus Temporum,* em 1606, em que ele reconstruiu o *Chronicon* de Eusébio.)

Scaliger deslocou o seu interesse pela literatura clássica e línguas, para a cronologia, principalmente porque, em seus dias, a cronologia era uma ciência que havia degenerado e mantinha-se em certo grau de confusão. De fato, as dificuldades enfrentadas eram tais que tornavam impraticável qualquer trabalho, e Scaliger atribuiu-se a tarefa de ou aprimorar, ou de reformar totalmente a cronologia. Na sua obra *De Emmendatione Temporum* Scaliger acertadamente reconheceu que o calendário então vigente (isto é, o Calendário Gregoriano que havia sido introduzido na Europa em 1582, e que ele fortemente criticava) era um aparato algo incômodo com o qual se pudesse reconstruir a cronologia de eventos passados. A sua própria complexidade levava a cometer erros, e suas imprecisões inerentes levavam a outras imprecisões. Desta forma, ele decidiu resolver o problema, de uma maneira tão engenhosa quanto simples. Ao invés de um evento ser considerado como tendo ocorrido em certa data de um ano a.C. ou d.C., dir-se-ia ter ele ocorrido em um certo dia numerado.

Ora, embora a contagem numerada a partir de um certo dia fosse a resposta, ele levantava uma outra questão: a partir de que ponto deveria começar essa contagem? A resposta era óbvia: ela deveria partir do primeiro dia da Criação. Porém, quando teria ocorrido esse primeiro dia? Bem, Scaliger resolveu o problema (parcialmente) voltando sua atenção às três unidades básicas sobre as quais virtualmente todos os calendários exequíveis se fundamentam, a saber: o ciclo solar, o ciclo metônico, e a indicção romana.

De maneira simplificada, o ciclo solar completa-se a cada 28 anos, o ciclo metônico a cada 19 anos, e a indicção romana a cada 15 anos. Scaliger entendeu que obviamente deveriam existir instantes em que todos os três ciclos começassem e terminassem juntos. Assim, verificando cuidadosamente o ponto em que se encontrava cada ciclo no momento em que começou os seus cálculos, e contando o tempo de forma retroativa, chegou ao ano em que todos os três ciclos estavam se iniciando simultaneamente. E este era o ano 4713 a.C.

Um simples cálculo mostrou que os três ciclos novamente estariam se iniciando simultaneamente a cada 7.980 anos (valor este igual ao produto 28 x 19 x 15), caracterizando um intervalo de tempo situado entre os limites de 4713 a.C. e 3267 A.D., ao qual ele deu o nome de "Período Juliano" em homenagem ao seu pai Julius.[7]

Isto constituiu uma excelente e ampla base sobre a qual construiu o seu sistema de cronologia. Por conveniência, Scaliger numerou como sendo o **dia 1** o dia primeiro de janeiro de 4713 a.C., iniciando sua cronologia a partir dessa data. O fato de os três ciclos (solar, metônico e indicção romana) se iniciarem simultaneamente no ano 4713 a.C. apresenta certo significado para os criacionistas, pois Gênesis é bem claro ao declarar que o sistema solar e o seu pano de fundo estelar foram criados para que pudéssemos medir, por seu intermédio, tempos e estações, dias e anos. Em outras palavras, Deus tinha criado um relógio gigantesco, e nada seria mais natural do que o Criador ter dado início ao funcionamento desse relógio de forma a medir a idade do Universo, juntamente com a mais óbvia sucessão das estações aqui na Terra.

Entretanto, antes de aceitarmos apressadamente que Scaliger tivesse tropeçado inadvertidamente na verdadeira data da Criação, devemos lembrar que ele havia baseado os seus cálculos nos valores contemporâneos dos ciclos solar e metônico, ou pelo menos nos valores desses ciclos existentes no ano 1582/1583. Os criacionistas devem permanecer alerta quanto à hipótese de esses valores do passado terem permanecido os mesmos até os dias atuais, hipótese essa constantemente criticada por eles próprios na refutação do uniformismo. Muitos acontecimentos catastróficos ocorreram que, sem dúvida, têm alterado esses valores com intensidade que somente podemos imaginar. Em nível local (do planeta Terra) tivemos o dilúvio universal e outros eventos geológicos que puderam alterar a rotação da Terra e, portanto, a duração do dia e do ano. A Lua sofreu catástrofes locais que, sem dúvida, puderam afetar a duração do mês lunar, e o Universo todo tem-se degradado em seus parâmetros durante os últimos cerca de seis milênios devido à inexorável atuação da Segunda Lei da Termodinâmica.

Além do mais, existem evidências documentais que sugerem que os cálculos referentes a calendários sofreram diversas revisões tanto durante os séculos mais imediatamente seguintes ao dilúvio, como posteriormente. Por que foram necessárias tais revisões? A degradação dos movimentos da Terra, Lua e estrelas, e portanto do calendário, parece não ter ocorrido gradualmente ao longo de um enorme período de tempo, como subentendido pela maioria dos autores modernistas que escreveram sobre o assunto, mas sim em certos instantes da história em que o calendário corrente que era satisfatório repentinamente deixou de sê-lo. Ao estudar as revisões que tiveram de ser feitas, e das quais guardamos alguns registros, vemos que intercalações tiveram de ser feitas para corrigir discrepâncias que surgiram repentinamente. (A propósito deste assunto, os Editores recomendam a leitura da publicação da SCB intitulada "Tempo Astronômico, Histórico e Profético", onde é feito um apanhado de várias tradições existentes sobre alterações no ciclo anual, que foram apresentadas na publicação de Immanuel Velikovsky, intitulada "Worlds in Collision").

Ora, se a degradação do calendário, especialmente do calendário lunar, tivesse sido de fato gradual, como alguns querem nos fazer crer, então por que as reformas que visaram corrigir essa degradação não foram também efetuadas em estágios igualmente graduais? Simplesmente não é suficientemente razoável supor – como faz a maioria dos autores modernos que têm escrito sobre o assunto – que os antigos elaboradores de calendários eram meramente observadores incipientes que não dominavam qualquer astronomia teórica, e que portanto só podiam fazer calendários incipientes que tinham de ser corrigidos de tempos em tempos. Se as pessoas de então tivessem elaborado um calendário que fosse insatisfatório, certamente teriam descoberto esse fato dentro de um a dois anos após sua implantação, e não teriam esperado séculos para supostamente desenvolver suficiente percepção para verificar que as estações estariam em descompasso com o seu próprio tempo calculado para as colheitas. Com ignorância e obtusidade desta ordem, é difícil ver como teriam eles enfrentado alguns dos mais desafiadores problemas da vida.

Os Maias da América Central são um povo a respeito do qual se diz que não dominavam qualquer matemática de uma ordem particularmente elevada, nem qualquer astronomia teórica. Ora, os Maias instituíram uma contagem de tempo exatamen-

Vista parcial de Chichen Itza, no México

te igual à que Scaliger elaborou, para resolver certos problemas cronológicos genealógicos com que se depararam ao reconstruir a sua própria história antiga. Do ponto de vista modernista, entretanto, o aspecto incômodo é o fato de que os Maias haviam aperfeiçoado a sua contagem dos dias cerca de seiscentos anos, ou mais, antes que Scaliger sequer tivesse existido. Scaliger, nos é ensinado corretamente, era um gênio. Os Maias, é-nos ensinado erradamente, não eram.

Mas por que nos é ensinado que os Maias não eram gênios? Por que os modernistas insistem em nos dizer que os Maias não dominavam qualquer astronomia teórica, e nenhum sistema de matemática teórica, apesar de tantas evidências concretas em contrário? Em Chichen Itza, no México, repousam as ruínas de um gigantesco observatório que os Maias construíram, cujas galerias estão alinhadas com o Sol, a Lua e as estrelas. Com este observatório, em conjunto com outros observatórios com galerias também em alinhamento, os Maias eram capazes de predizer eclipses do Sol e da Lua com grande precisão, bem como medir o ciclo sinódico de Vênus com uma precisão atingida somente nos tempos modernos.[8] Mas talvez exista mesmo algo sistemático na loucura modernista.

Se correlacionarmos a contagem Maia dos dias com a de Scaliger, vemos que o dia 1 dos Maias começou no dia Juliano 584283,[9] que corresponde em nossos valores a 10 de agosto de 3113 a.C. (eu ponho isto numa quinta-feira) como o início da contagem Maia. Ora, a importância disso está no fato de que, embora o conceito Maia de tempo fosse cíclico, eles sabiam que a catástrofe mundial que havia encerrado a era anterior tinha sido ocasionada pela água, e que a sua era havia começado após aquela catástrofe. Em outras palavras, eles encaravam o dilúvio como o encerramento da era antiga e o início da nova. E é aqui que ambas as contagens dos dias assumem uma enorme importância. A contagem de Scaliger, recordamos, levou-o ao ano inicial de 4713 a.C., sendo mais do que provável que essa data corresponda **aproximadamente** ao ano da Criação. Os Maias, porém, não iniciavam a sua contagem a partir da Criação, e sim a partir do dilúvio, e esse evento foi colocado em **sua** cronologia (e não na cronologia de Scaliger) no ano 3113 a.C. Subtraindo-se 3113 de 4713 resulta o período de 1.600 anos entre as datas da Criação e do dilúvio, período este que corresponde com aproximação notável ao período de 1.656 anos estabelecidos tão precisamente no registro de Gênesis. Não admira, portanto, que essa informação fosse hoje eclipsada pelo questionamento superficial feito relativamente à matemática e à astronomia dos Maias. Se eu fosse um modernista eu também questionaria!

Para fazer um breve resumo da situação, podemos ver por todas as evidências ressaltadas acima, que não só nossos antigos antepassados, em tempos pré-cristãos, reportavam-se à sua descendência dos patriarcas mencionados na Tabela das Nações, como também afirmavam que a Terra havia sido criada recentemente, e que havia passado por um dilúvio. Eles sabiam de tudo isso sem qualquer relação com o livro de Gênesis, alheios inteiramente a ele. Seus registros, em conjunto, constituem um mais do que formidável corpo de evidências. Existe, ainda, mais um assunto que tem a ver com nossa pesquisa, e que também foi algo que nossos antepassados aceitavam totalmente sem qualquer problema. De fato, eles registraram a sua ocorrência regularmente em seus anais e crônicas, inteiramente alheios

ao fato de que hoje isso seria assunto controvertido e sensível. É o que iremos tratar no capítulo seguinte.

Notas

1. Ver *Rise of the Evolution Fraud*, de Malcolm Bowden.
2. *Corpus Christi College Cambridge MS. 173.* Para uma tradução em inglês, ver Garnonsway.pp. 6-7.
3. *Bodleian MS. Laud 636.* Ver também Garmonsway, pp. 6-7.
4. MS. Cotton. Vespasian. D. IV. fol. 69v.
5. *A principio mundi usque ad diluvium anni II CC XL II.*
   A diluvio usque ad Abraham anni D CCCC XL II.
   Ab Abraham usque ad Moysen anni D C XL.
   A Moyse usque ad David anni D.
   A David usque Nabuchodonosor anni sunt D LX VIIII.
   Ab Adam usque transmigrationem Babyloniae anni sunt IIII DCCC LXX VIIII.
   A transmigratione Babyloniae usque ad Christum D LX VI.
   Ab Adam vero usque ad passionem Christi anni sunt V CC XX VIII.
   A passione autem Christi peracti sunt anni D CC LXXXX VI.
   Ab incarnatione autem eius anni sunt D CCC XXX I.
   (Nennius 1-4; ver também Morris. p. 59)
6. Osgood, John. *The Times of Abraham*. CEN Tech. J. Vol. 2. 1986. p. 79.
7. *Encyclopaedia Britannica*. 1985 ed. Vol. 15. p. 463.
8. Os Maias calculavam um ciclo de 584 dias, comparável ao valor moderno de 583,92 dias. Ver Ronan, C. *The Cambridge Illustrated History of the World's Science*. Newnes. Cambridge. 1983. p. 55.
9. *Encyclopaedia Britannica*. 1985 ed. Vol. 15, p. 474.

O CALENDÁRIO MAIA

O calendário de conta longa, atualmente mais conhecido como calendário maia, é um entre os diversos sistemas temporais utilizados pelos Maias, com início em 11 de agosto de 3114 a.C.,

Ele leva em conta a existência de 260 dias no período que corresponde ao que conhecemos como "ano", cientificamente conhecido como *tzolkin*, que aliado a um calendário de 365 dias – denominado *haab* -, constitui o que se considera a roda calendárica.

Ele é organizado em unidades temporais crescentes. Cada 20 dias completam o que corresponderia a um "mês", ou seja, entre os nativos, o *uinal*. 18 *uinals* constituem um *tun* ou o "ano" ocidental. Por sua vez, 20 *tuns* formam um *katun*, enquanto 400 *tuns* configuram o *baktun*.

Os Maias também se baseavam em dados lunares e no ciclo de Vênus, com 584 dias, além de outros ciclos menos importantes, para completar sua compreensão da passagem do tempo. Mas foi com a contagem longa que eles conseguiram datar seus monumentos, estelas e pirâmides, o que permite aos arqueólogos, hoje, resgatar um pouco da história deste povo.

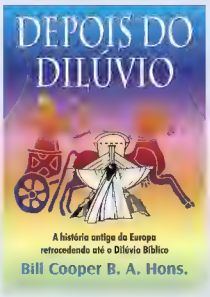
Ana Lucia Santana

Mestre em Teoria Literária pela USP (2004)

HISTÓRIA

DEPOIS DO DILÚVIO

Tendo em vista que este número 68 da Revista Criacionista trata de maneira mais abrangente da temática dos dinossauros, os editores acharam por bem publicar aqui o capítulo 10 do livro de Bill Cooper – "After the Flood" – ao invés do capítulo 4 (que seria de se esperar se continuasse a ser seguida a publicação dos capítulos de forma sequencial), pelo fato de este capítulo se relacionar diretamente com aquela temática. Nos números seguintes da Revista Criacionista serão publicados os capítulos 4 a 8, retomando-se a sequência normal. Cremos que esta alteração não afetará de forma sensível o acompanhamento de todo o texto do livro de Bill Cooper.



Bill Cooper

Bill Cooper é membro do Conselho e curador do *Creation Science Movement*, é casado e tem duas filhas. Recentemente recebeu o *Honours Degree da Kingston University* por seus estudos interdisciplinares em História das Ideias (Religião, Filosofia e Teoria Política) e Literatura Inglesa. Tem feito conferências sobre a "Tabela das Nações", sob os auspícios do *Creation Science Movement*, na Alemanha e na Bélgica e em muitas ocasiões na Inglaterra, inclusive na *Leeds University*.

Capítulo 10
Dinossauros nos registros anglo-saxões e outros

Tenho feito palestras na Alemanha, na Bélgica e em muitos locais na Inglaterra, sobre o assunto da Tabela das Nações e da história da Europa imediatamente após o dilúvio, e o que inicialmente me surpreendia, nos momentos destinados a perguntas, foi como o assunto rapidamente se voltava à questão dos dinossauros. Aparecem eles nas crônicas antigas? Existem descrições suas? E assim por diante. Por isso, reuni aqui os exemplos de menção a dinossauros que pude encontrar de imediato, embora sem dúvida muitos outros casos existam para ser considerados. Alguns dos exemplos mencionados aqui provêm dos próprios registros que justamente estamos considerando com relação à descendência das nações.

O inter-relacionamento dos dois assuntos é lógico, pois se a Terra é tão recente quanto nossos antepassados pressupunham e quanto o modelo criacionista das origens prediz, então deverão ser encontradas evidências que nos apontem para a coexistência do homem com os dinossauros em passado recente. De fato, existem boas evidências que sugerem a coexistência entre ambos ainda hoje, o que se opõe diretamente ao modelo evolucionista que ensina que os dinossauros viveram milhões de anos antes de ter surgido o homem, e que, portanto, nenhum ser humano jamais poderia ter visto um dinossauro vivo. Para pôr à prova tal asserção, examinaremos agora a questão a partir da consideração das evidências escritas que sobreviveram nos registros de vários povos antigos, que descrevem – às vezes com impressionante detalhe gráfico – encontros de seres humanos com répteis gigantes vivos, que chamaríamos hoje de dinossauros. E, como veremos, alguns desses registros não são assim tão antigos.

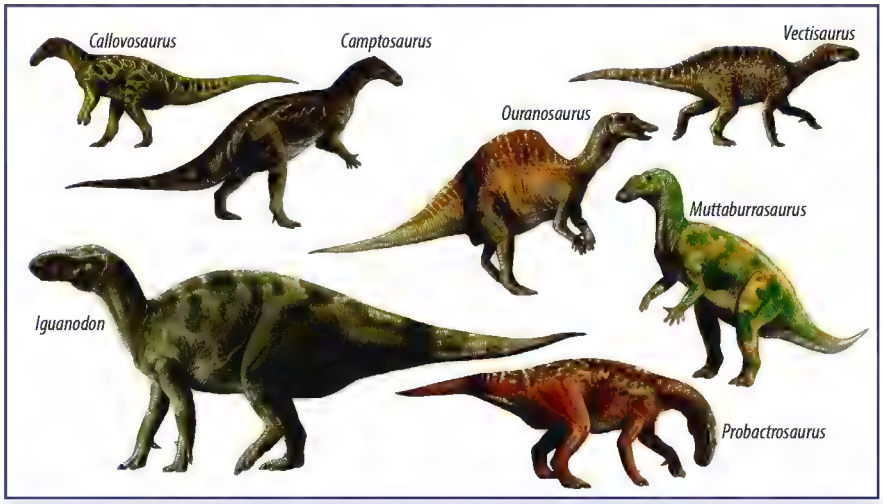
Existem de fato, as famosas descrições de duas dessas criaturas monstruosas, no AntigoTestamento – o **Behemoth** e o **Leviathan** – no livro de Jó, capitulo 40, verso 15, e capítulo 41, verso 34. O *behemoth* é descrito como um gigantesco animal vegetariano que vivia nos pântanos, e o *leviathan* como um anfíbio algo mais aterrorizante, recoberto de escamas, e que somente crianças ou débeis mentais gostariam de ter como animal de estimação. Os Egípcios conheciam o *behemoth* pelo nome **p'ih.mw**,[1] que de fato corresponde à sua transliteração. O *leviathan*, semelhantemente, era conhecido como **lotan** pelos habitantes de Ugarit.[2] A literatura de Babilônia e da Suméria preservou detalhes de criaturas semelhantes, da mesma forma que o folclore escrito e oral de povos ao redor do mundo. Entretanto, talvez as descrições mais notáveis de dinossauros vivos sejam as que os povos saxônicos e célticos da Europa nos legaram.

Esqueleto do *Diplodocus longus* exposto no Museu de Denver, EUA

Jó 40:15: "Contempla agora o *behemoth* que Eu criei contigo, que come a erva como o boi."
Jó 41:34: "Ele olha com desprezo tudo o que é alto; é rei sobre todos os animais orgulhosos."

Os antigos Bretões, dos quais descendem os modernos Galeses, nos fornecem os mais antigos relatos europeus existentes sobre répteis monstruosos, um dos quais matou e devorou o rei Morvidus (Morydd), cerca do ano 336 a.C. É-nos dito, no relato traduzido por Geoffrey de Monmouth, que o monstro "engoliu o corpo de Morvidus como um grande peixe engole um menor". Geoffrey descreveu o animal como sendo um **Belua**.[3]

Peredur – não o rei de mesmo nome (306-296 a.C.), mas um filho do Conde Efrawg, bem mais recente – teve melhor sorte que Morvidus, realmente conseguindo matar o monstro, um **addanc** (pr. *athanc*; var. *afanc*), em um local chamado Llyn Llion, no País de Gales.[4] Em outros locais do País de Gales fala-se do *addanc* juntamente com outra espécie de répteis conhecidos como **carrog**. O addanc sobreviveu até tempos relativamente recentes em locais como Bedd-yr-Afanc próximo a Brynberian, Llyn-yr-Afanc acima de Bettws-y-Coed no rio Conwy (a morte deste monstro foi descrita no ano de 1693), e Llyn Barfog. O *carrog* é relembrado na denominação de Carrog perto de Corwen, e em Dol-y-Carrog, no vale de Conwy.[5]



Iguanodontes com posturas diferentes para locomoção - "Répteis monstruosos"?

Além do mais, "dinossauros" na forma de répteis voadores foram característicos da vida galesa até tempos surpreendemente recentes. No início do século XX, pessoas idosas em Penllin, Glamorgan, costumavam contar a respeito de uma colônia de serpentes aladas que viviam nas florestas em torno do Castelo de Penllin, como Marie Trevelyan nos relata:

"As florestas em torno do Castelo de Penllin, em Glamorgan, tinham a fama de ser frequentadas por serpentes aladas, que eram o terror tanto dos adultos como dos jovens. Um velho habitante de Penllyne, que morreu há poucos anos, disse que em sua infância as serpentes aladas eram descritas como muito lindas. Elas ficavam enrodilhadas quando em repouso, e 'pareciam estar cobertas de jóias de todas as espécies; algumas tinham cristas reluzindo com todas as cores do arco-íris'. Quando perturbadas, elas deslizavam suavemente até os seus esconderijos, 'reluzindo sobre tudo'. Quando zangadas, 'voavam por sobre as cabeças das pessoas, com suas asas abertas brilhando, e 'às vezes com os olhos também brilhando, como as penas da cauda de um pavão'. Ele declarou, ainda, que isso 'não era uma velha história inventada para atemorizar as crianças', mas um fato real. O seu pai e

Fóssil de *Ichtyosaurus acutirostus* - "Leviatã"?

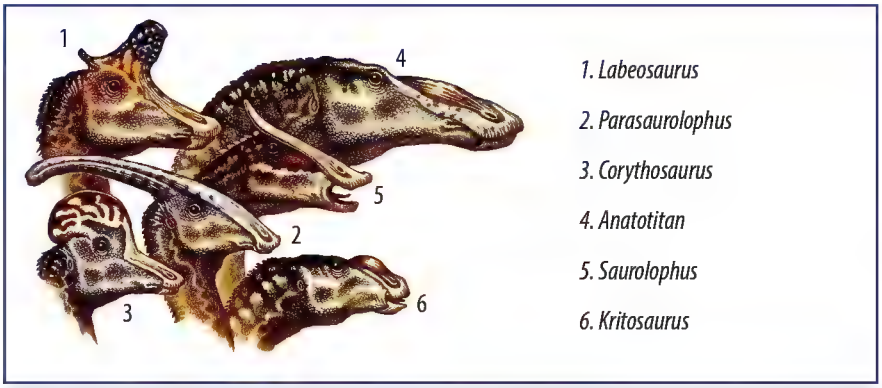
um tio haviam matado algumas delas, pois elas eram tão danosas para a criação das galinhas quanto as raposas. O velho homem atribuía a extinção das serpentes aladas ao fato de que elas eram 'um terror para as fazendas e reservas de caça'."[6]

Este relato é interessante sob muitos aspectos, dentre os quais pelo menos o fato de não ser tipicamente relativo a dragões. As criaturas envolvidas não são animais monstruosos e solitários, mas pequenos seres que viviam em colônias. Inteiramente diferentes, por exemplo, das espécies de répteis alados de maior porte que costumavam fazer seus ninhos sobre um antigo monte tumular em Trellech-a'r--Betws, no condado de Dyfed. Como estamos no País de Gales ainda, vale observar que em Llanbardan-y-Garrag (Garrag seria corruptela de *carrog*?) a igreja local tem um entalhe de um réptil gigante cuja forma inclui nadadeiras semelhantes a remos, um pescoço comprido e uma cabeça pequena. Glaslyn, em Snowdon, é um lago onde recentemente, em 1930, foi avistado um *afanc*. Nessa ocasião, dois montanheses que escalavam as encostas de uma montanha, olhando para baixo, para a superfície do lago, viram essa criatura, que descreveram como tendo um corpo acinzentado, e que se levantou do fundo do lago, até a sua superfície, elevou a sua cabeça, e novamente submergiu.[7]

Esqueleto de *Cryptoclidus oxoniensis* exposto no Museu Britânico - um "Afanc"?

Relatos como este poderiam ser multiplicados às centenas. Na Inglaterra e na Escócia, novamente ainda em tempos relativamente recentes, outros répteis monstruosos foram avistados e relatados em vários locais. O quadro no final deste capítulo apresenta 81 locais, somente nas Ilhas Britânicas, em que foi relatada a presença de dinossauros (existem na realidade cerca de 200 desses locais na Grã-Bretanha), mas o aspecto mais relevante desses fatos, no que diz respeito a este nosso estudo, é que alguns desses avistamentos e encontros subsequentes com dinossauros vivos podem ser datados como sendo de um passado relativamente recente. O réptil gigante de Bures, em Suffolk, por exemplo, nos é conhecido a partir de uma crônica de 1405:

"Perto da cidade de Bures, nas proximidades de Sudbury, tem aparecido ultimamente, para grande prejuízo da área rural, um dragão, de corpo enorme, com uma crista na cabeça, dentes como de serra, e uma cauda enorme. Tendo matado o pastor de um rebanho, devorou muitas ovelhas."



Cabeças de dinossauros com crista

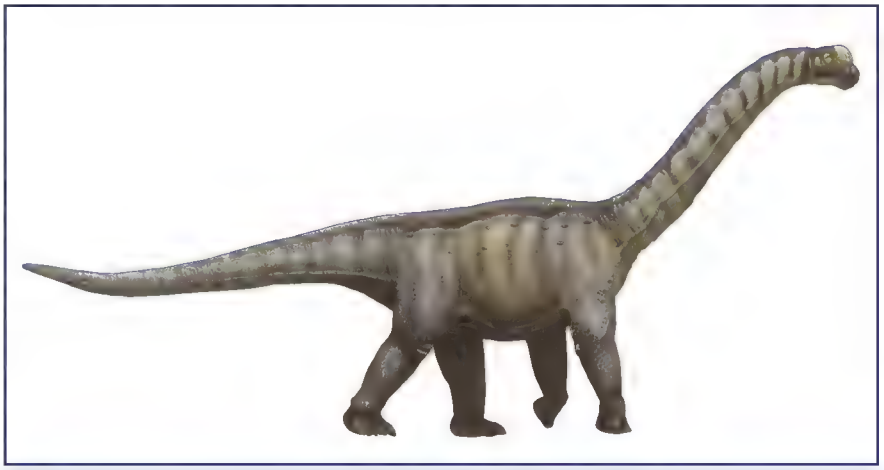
Após uma tentativa malsucedida de arqueiros locais para matar o animal, devido ao seu couro impenetrável, "... para destruí-lo foram convocados todos os camponeses da região. Mas quando o dragão viu que novamente estava sendo atacado com setas, fugiu para um pântano ou lagoa, e lá se escondeu entre os juncos e não mais foi visto".[8]

Mais tarde, ainda no século XV, de acordo com uma crônica contemporânea que ainda subsiste na biblioteca da Catedral de Canterbury, foi relatado o seguinte incidente. Na tarde de sexta-feira, dia 26 de setembro de 1449, foram vistos dois répteis gigantes lutando nas margens do rio Stour (perto da vila de Little Cornard), que demarca as fronteiras entre os condados ingleses de Suffolk e Essex. Um era negro, e outro "avermelhado, com manchas". Após uma hora de luta que ocorreu "para a admiração de muitos [habitantes locais] que os avistaram, o monstro negro retrocedeu e voltou para a sua toca, ficando conhecida desde então a cena do conflito como "Sharpfight Meadow".[9]

Em torno de agosto de 1614 foi feito o seguinte relato solene sobre um estranho réptil que foi encontrado na Floresta de St. Leonard, em Sussex. A ocorrência se deu perto de uma vila que ficou conhecida como Dragon's Green, muito antes de ter sido publicado este relato:

"Esta serpente (ou dragão, como alguns a chamam) é mencionada como tendo cerca de dois metros de comprimento, com a forma aproximada de um eixo de carroça: mais volumosa no meio, e algo menor nas extremidades. A parte dianteira, que se lança para a frente como um pescoço, parece ter cerca de pouco mais de 1 metro de comprimento, com algo semelhante a um anel branco de escamas. As escamas ao longo de seu dorso parecem ser enegrecidas, e o que se pode perceber sob a sua barriga parece ser vermelho. Pode-se ver também que ela tem grandes pés, o que pode ser ilusório, já que algumas pessoas supõem que as serpentes não possuem pés. ... [O dragão] foge (como poderíamos dizer) tão rápido quanto uma pessoa pode correr. Sua alimentação (coelhos), pensa-se, na maior parte é feita em criações de coelhos, bastante frequentadas por ele. ... Descobrem-se, a cada lado seu, dois grandes calombos do tamanho de uma bola de futebol, que (acreditam algumas pessoas) com o tempo crescem transformando-se em asas, mas espero em Deus que (em defesa do povo pobre das redondezas) ele seja destruído antes que essas asas cresçam."[10]

Esse dragão foi avistado em vários locais dentro de um círculo de cinco a seis quilômetros, e o panfleto mencionava os nomes de testemunhas que ainda estavam vivas, que o haviam visto. Dentre eles, John Steele, Christopher Holder e uma "certa viúva que morava perto de Faggate". Outra testemunha foi "o carteiro de Horsham, que mora na estalagem White Horse, em



Cauda enorme do *Camarasaurus*, tipo de dinossauro pouco menor que o braquiossauro "Réptil gigante" de Suffolk?

Southwark". Um dos habitantes locais instigou seus dois mastins para atacar o monstro, e apesar de perder os cães, foi feliz por escapar vivo do encontro, já que o dragão tinha sido responsável pela morte de um homem e uma mulher em quem ele havia cuspido, e que consequentemente haviam sido mortos pelo seu veneno. Ao se aproximar inadvertidamente, nosso escritor conta que o monstro era ...

> *"... de aparência muito orgulhosa, e avistando ou ouvindo pessoas ou animais, levantava seu pescoço na vertical para ouvir e olhar em torno, com grande arrogância".*

relato este, feito por testemunhas oculares, de um comportamento típico de répteis.

Novamente, em 27 e 28 de maio de 1669, um enorme réptil foi avistado muitas vezes, como relatado no panfleto *"Um relato verdadeiro de uma serpente monstruosa vista em Henham (Essex) no Monte de Saffron Waldon"*.(11)

Em 1867 foi visto, pela última vez, o monstro que vivia nos bosques em torno de Fittleworth, em Sussex. Ele corria em direção às pessoas silvando e cuspindo, se acontecesse toparem com ele inadvertidamente, embora nunca tivesse ferido ninguém. Vários casos como este poderiam ser citados, mas é suficiente dizer que muitíssimos incidentes como estes têm sido relatados através dos séculos e em todos os tipos de locais, para que pudéssemos dizer que todos eles eram meros contos de fadas. Por exemplo, o famoso monstro de Loch Ness, na Escócia, frequentemente é tido como um produto recente dos esforços do Escritório Turístico local para ativar o comércio na região, embora Loch Ness de maneira nenhuma seja o único lago escocês em que tenham sido feitos relatos de monstros semelhantes. Loch Lomond, Loch Awe, Loch Rannoch e o Loch Morar (com mais de 300 metros de profundidade, em uma propriedade privada) também acusam registros de presença de monstros em anos recentes. De fato, desde o fim da última guerra, somente em Loch Morar foram avistados mais de quarenta vezes, e em Loch Ness mais de mil vezes, monstros semelhantes. No que diz respeito ao Loch Ness, entretanto, poucas são as pessoas que se lembram de que répteis monstruosos, sem dúvida de mesma espécie, têm sido avistados ao redor do lago desde a chamada Idade Escura, sendo o caso mais notável o que foi descrito na famosa obra de Adamnan, do século sexto, *Life of St. Columba*.

Nessa obra lemos que, no ano de 565 A.D., Columba em uma de suas viagens missionárias no norte, teve de atravessar o rio Ness. Ao estar prestes a fazê-lo, deparou-se com um cortejo fúnebre, e ao inquirir sobre a ocorrência foi informado que estavam enterrando um homem que acabava de ser morto por uma dentada de um monstro selvagem que o agarrou enquanto nadava. Ao ouvir isto, e sem nem pensar em sua segurança própria, o bravo santo imediatamente ordenou a um de seus seguidores que mergulhasse na água gelada para ver se o monstro ainda estava nas vizinhanças. Adamnan relata como a agitação da água produzida pelo infeliz e assustado nadador, de nome Lugne Mocumin, atraiu a atenção do monstro. Subitamente, subindo à superfície, o monstro foi avistado deslocando-se rapidamente em direção ao infeliz rapaz com a boca aberta e gritando como um fantasma. Columba, entretanto, não entrou em pânico e, com segurança, da terra firme repreendeu o animal. Se o nadador acrescentou também alguma

Monstro de Loch Ness?

repreensão de si mesmo não é relatado, mas o monstro voltou atrás após ter-se aproximado do nadador tão perto que não ficou entre eles sequer a distância de um cajado.

Naturalmente, Columba teve o crédito de salvar a vida do nadador, embora a relutância do monstro em realmente ferir o rapaz tenha sido o mais notável neste incidente. O primeiro nadador tinha sido atacado e morrido, embora não devorado, e o segundo nadador, da mesma maneira, foi ameaçado pela ira da criatura, embora não fatalmente. É muito provável que ambos tivessem inadvertidamente entrado na água perto de onde a criatura mantinha sua cria, e a sua reação foi típica da maioria das espécies. Gorilas, elefantes, avestruzes, e todas as espécies de criaturas atacarão uma pessoa, silvando, berrando e dando alarme, embora raramente matando-a ou ferindo-a, desde que ela entenda a advertência e se retire. Podemos acreditar que aquele seguidor de Columba, não tendo totalmente a santa convicção de seu mestre, tivesse mostrado haver entendido a advertência do monstro com tempo suficiente para que ele percebesse que não seria necessário matá-lo.

Entretanto, mesmo essa experiência de Lugne Mocumin não foi assim tão incomum. Ainda recentemente, no século XVIII, em um lago chamado Llyn-y--Gader, em Snowdon, no País de Gales, um certo homem foi nadar. Depois de chegar ao meio do lago, estava ele retornando à praia quando seus amigos que o observavam viram que ele estava sendo seguido por:

"... um objeto longo, deslocando-se vagarosamente atrás dele. Eles ficaram com medo de dar alarme, mas foram na sua direção para encontrá-lo tão logo ele chegasse à praia, onde haviam ficado. Exatamente quando ele se aproximava, o objeto que se deslocava levantou a cabeça, e antes que alguém pudesse prestar auxílio, o homem foi envolvido pelo enrodilhar do monstro".[12]

Parece que o corpo do homem nunca foi recuperado.

No início do século XX aconteceu o seguinte incidente, relatado por uma certa Lady Gregory, da Irlanda, em 1920:

"... pessoas de idade me contaram que estavam nadando lá [em um lago irlandês chamado Lough Graney] e um homem tinha nadado até o meio, quando viram algo semelhante a uma enorme enguia investindo sobre ele ..."[13]

Felizmente, nessa ocasião, o homem conseguiu voltar à praia, mas o que nos importa notar é que são esses somente alguns poucos dentre numerosos relatos referentes ao avistamento de monstros lacustres nos tempos recentes, os quais, se tão somente seus fósseis tivessem sido encontrados, teriam sido chamados de dinossauros.

Entretanto, as Ilhas Britânicas não são o único local em que se podem encontrar relatos semelhantes. Eles ocorrem, literalmente, em todo o mundo.[14] William Caxton, por exemplo, o primeiro impressor da Inglaterra, deixou-nos registrado, em 1484, o seguinte relato de um réptil monstruoso na Itália medieval (com a grafia e a pontuação modernizada):

"Foi encontrado em um grande rio [o Pó, na Itália] um monstro marinho, com a forma ou aparência descrita a seguir. A forma era a de um peixe, com duas metades, isto é, duplicado. Ele tinha uma grande barba, e dois chifres imensamente grandes acima de suas orelhas. Tinha também grandes mamas e uma boca horrível e imensamente grande. E em ambos os seus cotovelos ele tinha asas largas e com escamas de peixe, com as quais nadava, ficando somente com a cabeça fora da água. Aconteceu, então, que muitas mulheres lavavam roupa e utensílios à margem do dito rio em que estava esse animal horrível e terrível, [que] por falta ou escassez de carne veio nadando em direção às ditas mulheres. Dentre elas, ele tomou uma pela mão querendo puxá-la para dentro da água. Mas ela era forte e bem avisada, e resistiu ao dito monstro. E ao se defender, começou a gritar em alta voz "Acuda, acuda!" Ao que vieram correndo cinco mulheres que atirando pedras, mataram o dito monstro, pois ele havia vindo muito para dentro da terra firme, e não pôde voltar para as águas. E depois, ao render o seu espírito, ele deu um pequeno berro. Ele era bastante corpulento, mais do que qualquer homem. E ainda, diz Poge (Pogius Bracciolini de

Florença" deste modo, que ele, estando em Ferrara, viu o dito monstro e ainda disse que as crianças que estavam acostumadas a ir banhar-se no dito rio nem sempre voltavam. E por isso as mulheres não mais lavavam suas roupas e utensílios no dito rio, pois o povo presumia e achava que o monstro matava as crianças que eram afogadas."(15)

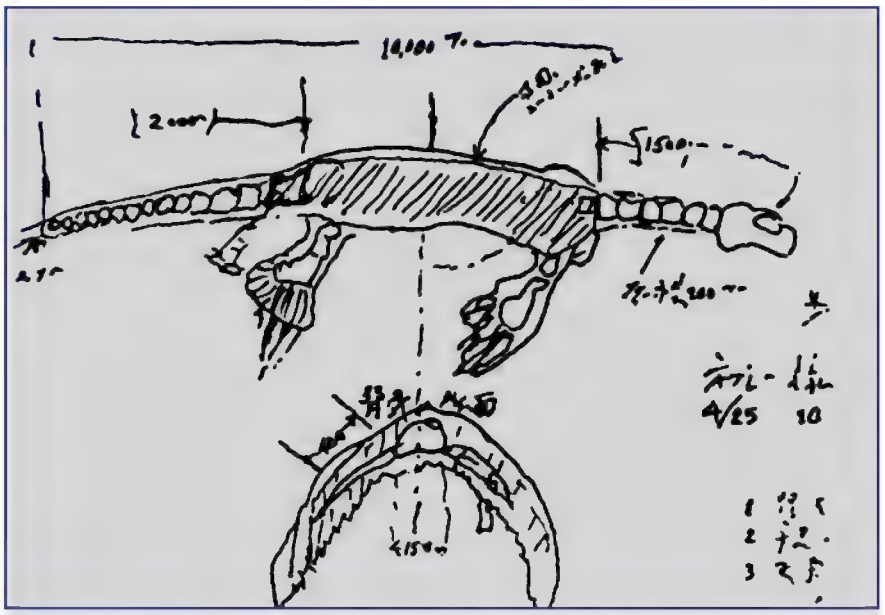
Caxton também apresenta o seguinte relato de uma "serpente" que deixou uma vaca grandemente ferida e atemorizada, embora devamos ter em mente que nos dias de Caxton uma serpente não era o que imaginamos ser hoje, pois esse termo mudou de sentido ligeiramente desde a Idade Média. No livro de Caxton existem umas duas ilustrações interessantes dessas serpentes, sempre como répteis bípedes e com escamas, e grandes bocas:

"... nas regiões da Itália, em uma campina, aparecia às vezes uma serpente de tamanho enorme, horrível e espantosa. Primeiramente, ela tinha a cabeça maior do que a de um bezerro. Em segundo lugar, ela tinha o pescoço do comprimento de um asno, e seu corpo com a semelhança do corpo de um cachorro. Sua cauda era imensamente grande, grossa e comprida, sem comparação com nada. Uma vaca ... [vendo] ... um animal assim tão horrível, ficou agitada e levantou-se, querendo fugir. Mas a serpente, com sua cauda extremamente longa, enlaçou as suas duas pernas traseiras, e então começou a mamar nela. E de fato tanto ela chupou, e durante tanto tempo, que saiu algum leite. E quando a vaca pôde escapar dela, correu para junto das outras vacas. E seu úbere, suas pernas traseiras, e tudo que a serpente havia tocado, ficou preto durante um grande período de tempo."(16)

Esses relatos são claramente testemunhos factuais e são mais próximos de reportagens jornalísticas do que de contos de fada, como vemos sempre em trabalhos da Idade Média. Mas, como um exemplo mais moderno de tais reportagens jornalísticas, consideremos o artigo seguinte que apareceu recentemente no mais sério dos jornais britânicos, *The Times*:

"Pescadores japoneses apanharam um monstro morto, pesando duas toneladas e com 9 metros de comprimento, ao largo da costa da Nova Zelândia, em abril, foi noticiado hoje. Acredita-se ser ele sobrevivente de uma espécie pré-histórica, e foi apanhado à profundidade de 300 metros no litoral da Ilha do Sul, perto de Christchurch. Paleontologistas do Museu de Ciências Naturais, perto de Tóquio, concluíram que o animal pertencia à família dos plessiossauros – enormes répteis com cabeça pequena, pescoço longo e quatro nadadeiras. ... Após um membro da tripulação o ter fotografado e medido, o capitão da traineira mandou que o corpo fosse atirado de volta ao mar, devido ao perigo de contaminação para os seus peixes."(17)

Desperta curiosidade a consideração de que os japoneses não julgam haver nenhum problema com a aceitação oficial da existência atual de dragões, monstros marinhos ou dinossauros. De fato, eles publicaram até um selo de correio com o desenho de um plessiossauro para comemorar aquele achado. Somente nós no Ocidente parecemos ter problemas com a existência atual dessas criaturas, pois logo nove dias após a publicação do artigo do *Times* foi melancolicamente anunciado pela BBC, em 30 de julho de 1977, que o monstro somente se parecia com um plessiossauro, e que de fato era um tubarão que tinha se decomposto de tal forma a dar a impressão de que havia um longo pescoço, uma pequena cabeça e quatro grandes nadadeiras. Como eles, ou seus informantes do Museu de História Natural, em Kesington, puderam afirmar isso quando a criatura não mais estava disponível para exame, somente podemos imaginar, especialmente considerando que o biologista marinho a bordo do navio *Zuiyo-maru* havia feito o esquema da estrutura óssea da criatura, que nada tinha a ver com a de um tubarão (veja a figura na página seguinte). Os biologistas marinhos são cientistas altamente treinados, cuja capacidade para detectar doenças e mutações em peixes e mamíferos marinhos é crucial para a saúde do consumidor, e muito mais para os lucros do navio pesqueiro em questão, pelo que o seu conhecimento da vida marinha é necessariamente muito profundo. Não obstante, a BBC quis nos fazer acreditar que Michihiko Yano, o biologista marinho altamente qualificado, especialista do governo, que



Desenhos e medidas, feitos por Michihiko Yano, do esqueleto da criatura que foi apanhada ao longo da costa da Nova Zelândia, e que a BBC e o Museu Britânico de História Natural afirmam ser a carcaça de um tubarão.

examinou, fotografou e mediu o monstro, não sabia reconhecer um tubarão morto!

O oficialismo ocidental, porém, nem sempre tem sido tão adverso assim para reconhecer, e mesmo mencionar em relatórios oficiais, a existência de criaturas que, pela ciência oficial atual supostamente se extinguiram há milhões de anos. Lembre-se de que se trata de um relatório oficial e muito sério do governo, que estamos lendo:

> *"No fim de novembro e início de dezembro passado, muitas pessoas do campo observaram ... dragões ... surgindo no norte e voando rapidamente para o leste; do que se concluiu, e suas conjecturas estavam corretas ... que viria um tempo tempestuoso."*[18]

Este relatório é curioso pelo fato de que exatamente mil anos antes outro relatório praticamente idêntico surgiu na Crônica Anglo-Saxônica, do ano de 793. Os dois relatórios nada mais são do que a demonstração da capacidade dos habitantes rurais em predizer o tempo pela observação do comportamento dos animais, capacidade esta que eles sempre possuíram e usaram. E estes relatos, combinados com outros registros antigos, dos anos de 1170, 1177, 1221 e 1222, 1233 e 1532, sugerem que essas criaturas podiam prever a aproximação de mau tempo vindo do Atlântico, e simplesmente migrar para regiões mais amenas enquanto durasse o mau tempo. Esses relatórios fazem sentido especialmente se considerarmos a fragilidade das asas dos pterodáctilos e seres semelhantes.

Chegamos agora aos mais notáveis registros de todos. Eles são obras escritas que se destacam pelo detalhe gráfico com que descrevem os répteis gigantes que os antigos Saxões, Dinamarqueses e outros encontraram no norte da Europa e Escandinávia. Em várias sagas nórdicas é descrita a morte de dragões com alguns detalhes, o que nos ajuda a reconstruir a aparência física de algumas dessas criaturas. No *Volsungassaga,*[19] por exemplo, a morte do monstro **Fafnir** foi um feito de Sigurd, que cavou uma cova e esperou dentro dela que o monstro se arrastasse por cima dela em seu percurso à procura de água. Isso permitiu-lhe ferir o ventre desprotegido do animal. **Fafnir** claramente andava apoiando-se com as quatro patas e com o ventre próximo do chão.

Da mesma maneira, a *Voluspa* nos fala de um certo monstro que os primeiros Vikings chamavam de **Nithhoggr**, cujo nome (*"estraçalhador de cadáveres"*) revela o fato de que ele vivia de carniça. Saxo Grammaticus, em sua *Gesta Danorum*, nos conta da luta do rei dinamarquês Frotho contra um réptil gigante, e é em um conselho dado ao rei por um habitante local, registrado por Saxo, que o monstro é descrito com grande detalhe. Era, diz ele, uma serpente:

> *'... enrolada, entrelaçada com muitas dobras, e com uma cauda para fora agitando-se em espiral, vertendo veneno. ... Sua saliva queima tudo o que salpica. ... Apesar disso [ele diz ao rei com palavras que sem dúvida destinavam-se a encorajar e não intimidar] ... lembra-te de manter a intrépida têmpera de tua mente; não deixes a ponta do dente afilado perturbar-te, nem a frieza do animal, nem o veneno. ... Há um local sob o seu ventre, no qual podes enfiar a lâmina ..."*[20]

A descrição deste monstruoso réptil assemelha-se muito à do que foi avistado em Henham, e

os dois animais bem poderiam ter pertencido à mesma espécie ou espécies semelhantes. É notável, especialmente, o seu mecanismo de defesa, de cuspir veneno corrosivo sobre suas vítimas.

Entretanto, é o poema épico anglo-saxão *Beowulf*[21] que nos provê descrições verdadeiramente valiosas dos enormes répteis que somente há 1.400 anos infestavam a Dinamarca e outras partes da Europa, e em seguida volveremos nossa atenção para um exame mais próximo e bastante detalhado deste notável relato.

Notas

1. Ver por exemplo "Behemoth". *The New Bible Dictionary*. Inter-Varsity Press. London. 1972. p. 138.
2. *Ibid.* pp. 729-30. Ver também Pfeiffer, C. F. "Lotan and Leviathan". *Evangelical Quarterly*. XXXII. 1960. pp. 208 ff.
3. Thorpe, Lewis tr. *The History of the Kings of Britain, Geoffrey of Monmouth*. Guild Publishing. London. 1982. pp. 101-2.
4. Jones, G. e Jones, T. (tr.) *The Mabinogion*. Revis. Ed. Everyman's Library. J. M. Dent & Sons Ltd. 1974. pp. 209-212 e 217.
5. Ver Westwood, J. *Albion*. Granada. London. 1985. pp. 270, 275, 289.
6. Trevelyan, M. 1909. *Folk-Lore and Folk Stores of Wales*. (cit. Simpson, J. *British Dragons*. B. T. Batsford Ltd. London. 1980).
7. Whitlock, R. 1983. *Here Be Dragons*. Allen & Unwin. Boston. pp. 133-4.
8. Esta crônica foi iniciada por John de Trokelow e terminada por Henry de Blaneford, e foi traduzida e reproduzida na Rolls Series, 1866. IV ed. H. G. Riley. (cit. Simpson, J. *British Dragons*. B. T. Batsford Ltd. 1980. p. 60).
9. Ibid. p. 118. Ver também "The Fighting Dragons of Little Cornard". Folklore, Myths and Legends of Britain. Reader's Digest. 1973. p. 241.
10. *True and Wonderful: A Discourse Relating a Strange and Monstrous Serpent (or Dragon. # lately discovered and yet living, to the great Annoyance and divers Slaughters of both Men and Cattell, by his strong and violent Poison: in Sussex, two Miles from Horsham, in a Woode called St. Leonard's Forrest, and thirtie Miles from London, this present month of August 1614. With the true Generation of Serpents.* Cit. in Harleian Miscellany. 1745. III. pp. 106-9 (também cit. Simpson. p. 118).
11. *Ibid.* p. 35
12. *Ibid.* p. 21.
13. Gregory, Lady. *Visions and Beliefs in the West of Ireland*. 1920. (repr. 1976). (cit. Simpson. pp. 42-3).
14. Ver Steiger, B. *Worlds Before Our Own*. W & J. Mackay Ltd. Chatam (England). 1980. pp. 41-66. Steiger de maneira alguma é criacionista.
15. Caxton, Wm, 1484. *Aesop*. Folio 138. A única cópia deste livro está na *Royal Library* do Castelo de Windsor. Este extrato aparece aqui por graciosa permissão de Sua Majestade a Rainha.
16. *Ibid.* Este extrato aparece aqui por graciosa permissão de Sua Majestade a Rainha.
17. *The Times*. 21 de Julho 1977.
18. 'Flying Dragons at Aberdeen'. *A Statistical Account of Scotland*. 1793. Vol. VI. p. 467.
19. Ver Morris, W. *Volsungassaga*.
20. Tradução de Elton citada por Klaeber, p. 259.
21. O texto anglo-saxônico utilizado neste estudo é o de Klaeber.

Alguns locais de aparecimento de "Dinossauros" ao longo da Grã-Bretanha

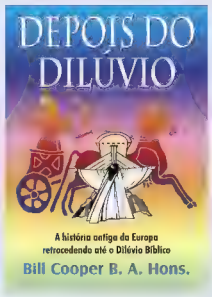
Aller, *Somerset*; Anwick, *Lincolnshire*; Bamburgh, *Northumberland*; Beckhole, *North Yorkshire*; Bedd-yr-Afanc, *Gales*; Ben Vair, *Escócia*; Bignor Hill, *West Sussex*; Bishop Auckland, *Durham*; Bisterne, *Hampshire*; Brent Pelham, *Hertfordshire*; Brinsop, *Hereford* e *Worcester*; Bures, *Suffolk*; Cadbury Castle, *Devon*; Carhampton, *Somerset*; Castle Carlton, *Lincolnshire*; Castle Neroche, *Somerset*; Challacombe, *Devon*; Churchstanton, *Somerset*; Cnoc-na-Cnoimh, *Escócia*; Crowcombe, *Somerset*; Dalry, *Escócia*; Deerhurst, *Gloucestershire*; Dol-y-Carrog, *Gales*; Dragon-hoard (nr Garsington), *Oxfordshire*; Drake Howe, *North Yorkshire*; Drakelow, *Derbyshire*; Drakelowe, *Worcestershire*; Filey Brigg, *North Yorkshire*; Handale Priory, *North Yorkshire*; Henham, *Essex*; Hornden, *Essex*; Kellington, *North Yorkshire*; Kilve, *Somerset*; Kingston St Mary, *Somerset*; Lambton Castle, *Durham*; Linton, *Escócia*; Little Comard, *Suffolk*; Llandeilo Graban, *Gales*; Llanraeadr-ym-Mochnant, *Gales*; Llyn Barfog, *Gales*; Llyn Cynwch (*nr Dolgellau*), *Gales*; Llyn Llion, *Gales*; Llyn-y-Gader, *Gales*; Llyn-yr-Afanc, *Gales*; Loch Awe, *Escócia*; Loch Maree, *Escócia*; Loch Morar, *Escócia*; Loch Ness, *Escócia*; Loch Rannoch, *Escócia*; Longwitton, *Northumberland*; Ludham, *Norfolk*; Lyrninster, *West Sussex*; Manaton, *Devon*; Morfey Hill, *Northumberland*; Moston, *Cheshire*; Newcastle Emlyn, *Gales*; Norton Fitzwarren, *Hereford*

e *Worcester*; Nunnnington, *North Yorkshire*; Old Field Barrows (*nr Bromfield*), *Shropshire*; Penllin Castle, *Gales*; Penmark, *Gales*; Penmynydd, *Gales*; St Albans, *Hertfordshire*; St Leonard's Forest, *West Sussex*; St Osyth, *Essex*; Saffron Waldon, *Essex*; Sexhow, *North Yorkshire*; Shervage Wood, *Hereford* e *Worcester*; Slingsby, *North Yorkshire*; Sockbum, *Durham*; Stinchcombe, *Gloucestershire*; Strathmartin, *Escócia*; Walmsgate, *Lincolnshire*; Wantley, *South Yorkshire*; *Well North Yorkshire*; Wherwell, *Hampshire*; Whitehorse Hill, *Oxfordshire*; Winkleigh, *Devon*; Wiston, *Gales*; Wormelow Tump, *Hereford* e *Worcester*; Womingford, *Essex*.

HISTÓRIA

DEPOIS DO DILÚVIO

Tendo em vista que este número 68 da Revista Criacionista trata de maneira mais abrangente da temática dos dinossauros, os editores acharam por bem publicar aqui o capítulo 11 do livro de Bill Cooper – "After the Flood" – ao invés do capítulo 4 (que seria de se esperar se continuasse a ser seguida a publicação dos capítulos de forma sequencial), pelo fato de este capítulo se relacionar diretamente com aquela temática. Nos números seguintes da Revista Criacionista serão publicados os capítulos 4 a 8, retomando-se a sequência normal. Cremos que esta alteração não afetará de forma sensível o acompanhamento de todo o texto do livro de Bill Cooper.



Bill Cooper

Bill Cooper é membro do Conselho e curador do *Creation Science Movement*, é casado e tem duas filhas. Recentemente recebeu o *Honours Degree da Kingston University* por seus estudos interdisciplinares em História das Ideias (Religião, Filosofia e Teoria Política) e Literatura Inglesa. Tem feito conferências sobre a "Tabela das Nações", sob os auspícios do *Creation Science Movement*, na Alemanha e na Bélgica e em muitas ocasiões na Inglaterra, inclusive na *Leeds University*.

Capítulo 11
Beowulf e as criaturas da Dinamarca

O poema *Beowulf* sobrevive em uma cópia manuscrita única (capa ilustrada acima) que foi feita aproximadamente no ano 1000 A.D. Frequentemente, também, os críticos modernos afirmam ser ele cópia de um original anglo-saxão (isto é, inglês antigo), hoje perdido.[1] Esse original, por sua vez, é descrito como um poema essencialmente cristão. Entretanto, a afirmação continuamente repetida das origens supostamente cristãs do poema não só contribui para uma séria falha de compreensão da sua natureza e propósito, como notavelmente deixa de levar em conta os fatos a seguir expostos.

Primeiramente, não existem no poema quaisquer alusões a acontecimentos, pessoas ou ensinamentos do Novo Testamento, o que contrasta nitidamente com outros poemas anglo-saxões (como por exemplo "O Sonho do Crucifixo", e outros) que certamente são cristãos em sentimento. Existem alusões definidas a certos fatos e personagens do Antigo Testamento, como a Deus, à criação, e a Caim e Abel, que entretanto nada mais são do que as mesmas alusões históricas que são encontradas em outras genealogias e registros anglo-saxões pré-cristãos que já consideramos no capítulo 7 deste livro. Da mesma forma que esses registros, e enquanto de igual modo mostrando um conhecimento histórico grandemente interessante sobre certos eventos e personagens que também aparecem no relato de Gênesis, o poema *Beowulf* claramente antecede qualquer conhecimento do cristianismo existente entre os anglo-saxões *per se*.

Em vista do exposto, não é nada surpreendente descobrir que os sentimentos do poema são fortemente pagãos, exaltando as virtudes altamente questionadas da vingança, do enriquecimento através de pilhagens e da ostentação e confiança na força e na destreza humanas. Nele são feitas também alusões a ruidosos juramentos pagãos, a sacrifícios, lamentações e formas de sepultamento. Não há, certamente, nenhum sentimento exclusivamente cristão expresso em qualquer das 3.182 linhas desse texto poético.

Em nenhuma parte do poema existe qualquer referência feita às Ilhas Britânicas ou a qualquer rei ou personagem britânico (ou inglês), ou a correspondentes acontecimentos históricos. Isto acontece simplesmente porque esse poema épico antecede a migração dos Saxões a estas ilhas. E o que fazer com a passagem seguinte:

> *"...fortham* ***Offa*** *woes geofum ond guthum garcene man wide geweosthod wisdom heold ethel sinne thonon* **Eomer** *woc haelethum to helpe..."*[2]

(ênfase do autor) que Alexander traduz assim:

> *"Assim foi que Offa [isto é, rei dos Anglos no continente] bravo com a espada, comentado em outras terras pelas suas guerras e dons, governou com sabedoria a sua terra natal. Dele nasceu Eomer, auxiliador dos heróis."*[3]

Este Offa aqui mencionado foi o ancestral de seu homônimo do século oito, anterior à migração dos Saxões, o Rei Offa de Mercia (757-796 A.D.), com quem já nos encontramos (juntamente com este outro ancestral) nas primeiras genealogias saxãs. Nessas mesmas genealogias encontramos também Eomer, com o nome transliterado como Eomaer e estritamente considerando, como neto e não filho de Offa. Estas genealogias antigas estavam claramente frescas na memória do autor de *Beowulf,* que também nos fala algo sobre os tempos em que foi escrito o poema.[4]

Ainda mais, não há nenhuma dedicatória laudatória do poema a qualquer rei inglês anglo-saxão cristão, nem mesmo àquele Rei Offa cujo ancestral é imortalizado no poema, e sob cujos auspícios, sugerem alguns eruditos, o poema foi escrito. Muitos outros estudiosos apoiam mesmo uma data mais recente para o poema, embora seus personagens possam ser datados entre o fim do século V e o início do século VI, anos anteriores à adoção do cristianismo pelos Saxões. Em outras palavras, o poema pertence de fato muito firmemente aos tempos pagãos que ele descreve.

Beowulf, o personagem em honra de quem foi escrito o poema, não foi uma figura mítica. O seu lugar está firmemente inserido na história. Nasceu como filho de Ecgtheow no ano de 495 A.D. Com sete anos, em 502 A.D., foi levado à corte de Hrethel, seu avô materno (445-503 A.D.) que era então rei dos Geatingas, tribo que habitava o que hoje é o sul da Suécia (e cujo fundador epônimo Geata também aparece nas genealogias antigas). Após uma juventude pouco promissora e irresponsável, nos anos em que se travaram as guerras entre os Getas e os Suecos, particularmente a batalha de Ravenswood (**Hrefnawudu**) no ano de 510 A.D., Beowulf empreendeu sua célebre viagem à Dinamarca, para visitar Hrothgar, rei dos Dinamarqueses. Isto ocorreu em 515 A.D., quando Beowulf tinha vinte anos. (Foi este também o ano em que ele matou o monstro Grendel, como examinaremos resumidamente.) Seis anos depois, em 521 A.D., o tio de Beowulf, o rei Hygelac foi assassinado.

Sabe-se que o próprio Hygelac viveu entre 475 e 521 A.D., tendo subido ao trono dos Geatingas, em 503 A.D., ano da morte de seu pai. Ele é mencionado independentemente por Gregório de Tours em sua ***Historiae Francorum***, onde seu nome é transliterado em **Chlochilaichus**.[5]

Aí, e em outras fontes franco-latinas,[6] ele é descrito como um rei dinamarquês, (**Chogilaicus Danorum rex**), não um geta, o que porém é o mesmo erro em que incorrem os nossos próprios cronistas ingleses, ao incluírem até os Vikings noruegueses sob o nome genérico de Dinamarqueses. O *Liber Monstrorum*, entretanto, alude a ele corretamente como **rex Getarum**, rei dos Getas. Saxo também o menciona como **Hugletus** que destruíu o chefe sueco **Homothus**, o qual, por sua vez, é o mesmo que **Eanmund** descrito na linha 2.612 do poema Beowulf.[7]

Com a morte de Hygelac, Beowulf declinou a oferta de suceder a seu tio no trono dos Geatingas, escolhendo atuar como preceptor do filho de Hygelac, o príncipe Heardred, durante o período da sua minoridade. (Heardred viveu de 511 a 533 A.D., tornando-se rei aos dez anos). Heardred, entretanto, foi morto pelos Suecos em 533 A.D. (por dar proteção aos sobrinhos do rei sueco), e foi nesse ano que Beowulf assumiu as rédeas do reino. Beowulf governou seu povo em paz durante cinquenta anos, morrendo com cerca de 88 anos no ano 583 A.D. Como veremos, a maneira de sua morte é particularmente relevante para o nosso estudo.

Primeiramente, entretanto, devemos descartar uma noção

específica e errônea que durante anos tem atrapalhado os estudos nesse campo. Desde a redescoberta do poema no início do século XVIII (embora ele tenha sido trazido à atenção mais geral dos estudiosos em 1815, ao ter sido impresso pela primeira vez), os estudiosos têm insistido em chamar de "**trolls**"[8] as criaturas do poema, em suas traduções. Diz-se que o monstro Grendel era um "troll", e a fêmea mais velha que os Dinamarqueses supunham ter sido a sua mãe, igualmente é chamada pelos tradutores modernos de uma "troll wife".

A palavra "**troll**" é de origem nórdica e nos contos-de-fadas do norte europeu supõe-se ter sido um anão peludo e maligno semelhante a um ser humano, que troca seus filhotes por crianças no meio da noite. Em boa parte também o "troll" é descrito igualmente como um gigante peludo e maligno, alguns dos quais moram embaixo das pontes ou em cavernas. Tudo isso estaria bem se não fosse a observação específica de que a palavra "**troll**" está inteiramente ausente do texto original anglo-saxão do *Beowulf!* O poema é cheio de expressões que poderíamos chamar de termos zoológicos, relacionados com todas as espécies de criaturas, mas nenhuma delas tem qualquer coisa a ver com anões, gigantes, "trolls" ou fadas, malignos ou não. E por estarmos nesse assunto, o monstro Grendel oprimiu os Dinamarqueses durante doze longos anos (503 a 515 A.D). Acreditaríamos que aqueles Vikings dinamarqueses, cujos guerreiros furiosos provocavam tanto temor no coração de seus vizinhos, tivessem se rendido ao terror, inermes, devido a um anão peludo, ou mesmo a um gigante peludo? Pois é isso o que certas traduções incorretas atuais do poema nos levam a acreditar.

Na época da morte do monstro Grendel, em 515 A.D., o próprio Beowulf já tinha se tornado algo como um caçador sazonal de grandes e monstruosos répteis. Ele se tornara famoso entre os Dinamarqueses, na corte de Hrothgar, por ter livrado a região dos mares locais dos animais monstruosos cuja natureza predatória tinha estado a tornar a vida perigosa para as embarcações abertas dos Víkings. Felizmente, o poema anglo-saxão, escrito puramente para a celebração do seu heroísmo, preservou para nós a exata descrição física de alguns monstros que Beowulf enfrentou, e até mesmo os nomes sob os quais certas espécies desses animais eram conhecidas aos Saxões e aos Dinamarqueses.

Entretanto, para entendermos exatamente o que estamos lendo ao examinarmos esses nomes, devemos compreender a natureza da língua anglo-saxã. Os anglo-saxões (como os modernos alemães e holandeses) tinham um método muito simples de construção de palavras, e os nomes que davam aos objetos comuns pode às vezes parecer divertido aos nossos ouvidos ingleses, ao serem traduzidos literalmente. O corpo, por exemplo, era simplesmente uma **banhus,** (*bone-house* em Inglês, ou "casa óssea" em Português), e uma junta, um **banloca** (*bone-lock* em Inglês, ou "fechadura de osso" em Português). Quando Beowulf responde ao seu interlocutor dinamarquês, ele afirma de maneira bastante literal ter aberto o seu **wordhord onleoc** (*word-hoard*, em Inglês, ou "cofre aberto", em Português). O próprio nome de Beowulf significa "urso", e é formado da maneira seguinte: o prefixo **Beo** é a palavra saxã para "abelha", e o nome literalmente significa um "lobo-abelha". O urso tem o rosto semelhante ao do cão, e era avistado por pessoas que avisadamente mantinham-se à distância quando aparentemente ele estava comendo abelhas ao predar colmeias em busca de mel. Por isso elas o chamaram simplesmente de "lobo--abelha". Da mesma forma, o Sol era chamado de **woruldcandel**, literalmente *world-candle* em Inglês, ou "vela do mundo", em Português. A língua, assim, era intensamente literal, e ao mesmo tempo altamente poética possuindo um grande poder de descrição, sem ambiguidades.

A morte de Grendel de fato foi o mais famoso encontro de Beowulf com monstros, e examinaremos mais de perto a descrição física desse animal tal qual relatada no épico Beowulf. Porém, no covil de Grendel, um grande lago pantanoso, viviam outras espécies de répteis coletivamente denominadas **wyrmcinnes** pelos Saxões (literalmente *wormkind* em Inglês, "espécie de serpentes" em Português), uma raça de monstros e serpentes – a palavra serpente naqueles dias significava algo mais do que uma cobra). Beowulf e seus homens atacaram-nos quando seguiam a fêmea da espécie de Grendel até o seu covil depois de ela ter ma-

tado e devorado o ministro do rei Hrothgar, Asshere, cuja cabeça semi-destruída havia sido encontrada no topo da colina que dava para o lago.

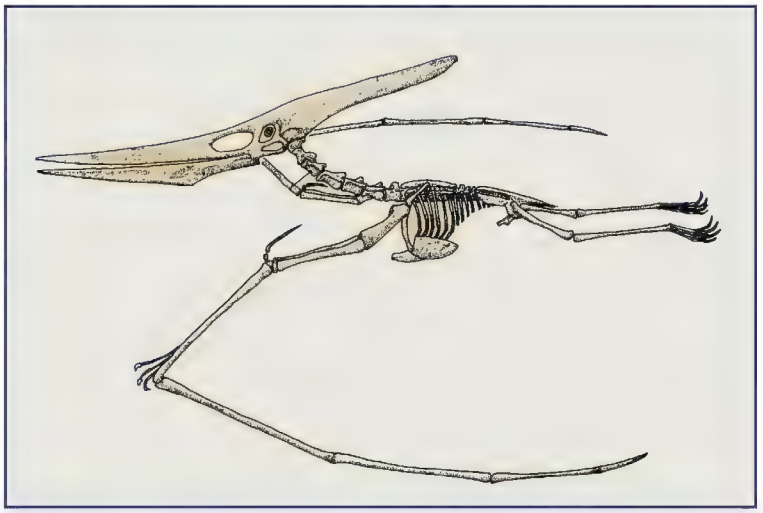
Entre eles havia criaturas conhecidas pelos Saxões e Dinamarqueses como gigantescos **saedracan** (*sea-drakes* ou *sea-dragons* em Inglês, "dragões marinhos" em Português), que do alto da colina eram avistados repentinamente irrompendo da profundeza das águas do lago, provavelmente sem notar a presença de seres humanos. Outras criaturas estavam tomando sol quando os homens de Beowulf as avistaram pela primeira vez, mas deslizaram para baixo das ondas.

Estas outras criaturas incluíam uma espécie conhecida pelos Saxões como **nicor** (plural **niceras)**, palavra que tem importantes conotações para este nosso estudo, principalmente por ter originado a palavra do Inglês Médio **knucker** aplicada a um monstro ou dragão de habitat aquático. O monstro de Lyminster, em Sussex (ver a lista do capítulo anterior) era um *knucker*, como eram também muitas das outras criaturas que foram avistadas e documentadas nas Ilhas Britânicas. A lagoa na qual vivia o dragão de Lyminster até hoje é conhecida como "Covil de Knucker". Da mesma maneira, as Ilhas Orkney, cujos habitantes significativamente são Vikings e não Escoceses, tem o seu **Nuckelavee,** como também os habitantes de Shetland, e na Ilha de Man eles têm o seu **Nykir.**

Entretanto, entre as criaturas chamadas de maneira mais geral de **wyrmas** (serpentes) e **wildeor** (animais selvagens) então presentes no lago naquela ocasião, havia em particular uma espécie que era chamada de **ythgewinnes,**[9] evidentemente um monstro que nadava na superfície, a julgar pelo seu nome, ao contrário das criaturas que nadavam nas profundezas como o **saedrakan**. Intrigado com este fato, Beowulf lançou uma seta sobre o animal que foi então arpoado pelos companheiros de Beowulf usando **eoferspreotum**, espadas com dentes de javali. Após a morte do monstro, Beowulf e seus companheiros puxaram o **ythgewinnes** para fora d'água e abriram sua carcaça para exame. Sem dúvida, eles tinham algum interesse profissional relacionado com os animais que estavam enfrentando. Além do mais, falava-se a respeito dos répteis monstruosos que eles haviam encontrado no lago, criaturas que investiam de manhã para devastar os que navegavam nas águas costeiras. E, de fato, um dos sucessos particulares de Beowulf, como já vimos, foi livrar as estreitas faixas costeiras existentes entre a Dinamarca e a Suécia, de certos monstros que ele chamou de **merefixa** e **niceras**. Após esses feitos, as carcaças de *nove* dessas criaturas **(niceras nigene** – Alexander traduziu erroneamente **nigene** como "sete") foram deixadas à mostra nas praias para inspeções subsequentes.

O último monstro a ser destruído por Beowulf (embate em que Beowulf também morreu, no ano 583 A.D.) foi um réptil voador que vivia em um promontório em Hronesness, na costa sul da Suécia, defronte ao mar. Ora, os Saxões (e presumivelmente os Dinamarqueses) conheciam os répteis voadores em geral como **lyftfloga** ("voadores aéreos"), mas esta espécie particular de réptil voador, o espécime de Hro-

Fóssil de Pterodáctilo



Desenho de esqueleto de Pteranodonte

Foto de um escudo saxão com um réptil voador em repouso. Observe as asas dobradas ao longo de seus lados, e também as longas mandíbulas cheias de dentes. É bastante instrutiva a comparação desta figura com a reconstrução moderna de um Pterodáctilo ou outra criatura semelhante.

nesness, era conhecido por eles como um **widfloga**, literalmente um "amplo voador" (ou "voador de longo alcance"), e a descrição que dele nos deixaram concorda com a de um **Pteranodonte.** É interessante que os Saxões também descreviam essa criatura como um **ligdraco**, ou "dragão de fogo" com 50 pés (cerca de 15 metros) de comprimento (ou talvez de envergadura?), com cerca de 300 anos de idade. (Idades avançadas são uma característica comum entre os répteis não gigantescos ainda existentes hoje.) Além disso, e de interesse particular para nós, o nome **widfloga** teria distinguido essa espécie particular de réptil voador relativamente a outra espécie semelhante capaz de fazer apenas vôos de "pequeno alcance". Uma criatura como esta é mostrada na figura acima, em um ornamento de escudo retirado de túmulo em Sutton Hoo, podendo-se notar um dragão-voador com suas duas asas dobradas ao longo de seus lados. Podem ser vistas até hoje as suas longas mandíbulas com numerosos dentes, expostas no Museu Britânico. Os paleontologistas modernos, trabalhando com restos fósseis, denominaram de **Pterodáctilo** essa criatura.

Nossa atenção, porém, deve dirigir-se agora para outro réptil monstruoso que certamente foi o mais terrível de todos os animais enfrentados por Beowulf – o monstro chamado Grendel.

Com frequência, erroneamente pensa-se que Grendel foi meramente um nome próprio pelo qual os Dinamarqueses conheciam esse animal específico. Da mesma maneira como um cavalo é apelidado de "corisco", ou cachorro de "totó", supunha-se que esse animal fosse chamado de Grendel. Porém, de fato Grendel era o nome que nossos antepassados deram a uma espécie determinada de animal. Isso é evidenciado pelo fato de que no ano de 931 A.D. o rei Athelstan de Wessex promulgou uma carta régia na qual um certo lago em Wiltshire (Inglaterra) foi denominado (como na Dinamarca) um **grendles mere**[10] em Inglês ("lago de grendels" em Português). Observamos com interesse que o Grendel em *Beowulf* também vivia em um lago. Outros toponímicos mencionados em antigas cartas régias, como por exemplo **Grindles bec** e **Grendeles pyt**, semelhantemente eram locais que eram, (ou haviam sido) habitats dessa espécie determinada de animais. *Crindelwald* (literalmente *Grendelwood* em Inglês, e "bosque de Grendel" em Português) é um desses locais na Suíça. Mas de onde então vem o nome Grendel?

Existem várias palavras anglo-saxãs que compartilham a mesma raiz de Grendel. A palavra do Inglês antigo **grindan,** por exemplo, da qual deriva a palavra inglesa moderna **grind** ("moer", "triturar", em Português) era usada para caracterizar um destruidor. Porém, a origem mais provável do nome é simplesmente o fato de que Grendel é um termo onomatopaico derivado do Nórdico antigo **grindill,** significando uma tempestade, ou **grenja**, significando "bramir" em Português. A palavra Grendel é forte reminiscência do grunhido cavernoso que seria emitido por um animal de grande porte, e passou a ser usada em Inglês arcaico (médio) como **grindel** (significando *angry* em Inglês, e em Português "irritado").

Para os infelizes Dinamarqueses, entretanto, que foram vítimas das suas invasões predatórias, Grendel não era tão somente um animal. Para eles, ele era semelhante a um demônio, que era **synnum beswenced** ("afligido pelos pecados"). Ele era **godes ansaca** ("adversário de Deus"), o **synscatha** ("causador do mal"), que foi **wonsaeli** ("condenado"), um verdadeiro **feond on helle** ("diabo no inferno")! Ele era um dos **grundwyrgen**, monstros amaldiçoados e assassinos que os Dinamarqueses diziam ser descendentes do próprio Caim. Descrições como estas da natureza de Grendel transmitem algo do horror da expectativa das pessoas daquela época com relação às incursões daquela criatura em seus povoados.

Quanto às descrições físicas de Grendel bem mais interessantes, incluindo hábitos e a geografia de suas aparições, temos o trecho seguinte, em uma parte do poema Beowulf, quando Hrothgar, rei dos Dinamarqueses, transmite a Beowulf a seguinte informa-

ção, ao descrever Grendel e um dos companheiros do monstro:

"Ic thaet londbuend leode mine seleradende secgan hyrde thaet hie gesawon swylce twegen micle mearcstapan moras healdan ellorgaestas. Thaera other waes thaes the hie gewislicost gewitan meahton **idese onlicnes**, *other earmsceapen on* **weres waestmum** *sraeclastas traed naefne he waes mara thonne aenig man other thone on geardagum Grendel nemdon foldbuend ..."*[11]

(Ênfase do Autor)

... cuja melhor tradução foi feita por Alexander:

"Tenho ouvido, de parte de súditos meus que vivem no campo, conselheiros nesta casa, que eles têm avistado um par de tais imensas criaturas andarilhas aterrorizando as chácaras como seres de além-túmulo, e uma delas, tanto quanto eles puderam distinguir, tinha a forma de mulher; mas também a forma de um homem que embora encurvado, trabalhava os caminhos do exílio – salvo ser ele imensamente maior do que qualquer ser humano. Os camponeses, de longa data, o chamavam de Grendel ..."[12]

As palavras-chave desse trecho, e das quais obtemos importantes informações sobre a aparência física de Grendel, são **idese onlicnes** ao se referir à fêmea do monstro, e **weres waestmun** ao se referir ao macho. Aqueles dinamarqueses que haviam avistado os monstros pensaram que a fêmea fosse a mais velha dos dois, e supuseram que ela fosse a mãe de Grendel. Talvez realmente fosse. Porém, o que a descrição nos apresenta que tem tal importância? Simplesmente isso: que a fêmea tinha a forma de uma mulher (**idese onlicnes**), e o macho a forma de um homem (**weres waestmun**) "embora encurvado". Em outras palavras, ambos eram **bípedes**, porém maiores do que qualquer ser humano.

Outro importante detalhe é acrescentado em outro trecho do poema, com relação à aparência de Grendel, especialmente quando o monstro atacou os dinamarqueses pelo que deve ter sido a última vez. Nas linhas 815-818 do poema é relatado com grandes detalhes como Beowulf infligiu uma ferida mortal ao monstro, segurando a criatura com uma chave de braço, e então a torcendo – "**wrythan**" (linha 964). O poema então continua contando que:

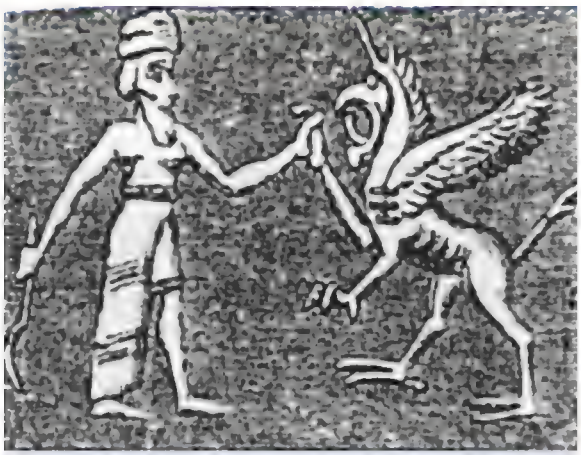
"Licsar gebad atol aeglaeca him on eaxle wearth syndolh swetol seonowe onsprungon burston banlocan." que pode ser traduzido da seguinte forma: "Pungente dor acometeu a terrível criatura quando um corte exposto foi feito em seu dorso. Os músculos romperam-se e o braço foi lançado longe."

(Tradução do Autor)

Durante 12 anos os próprios Dinamarqueses haviam tentado matar Grendel com armas convencionais, facas, espadas, setas, etc. Entretanto, o seu esconderijo impenetrável os desafiava a todos, e Grendel continuava a atacá-los impunemente. Beowulf considerou tudo isso e decidiu que a única maneira de agarrar o monstro era atracar-se com ele corpo a corpo. As pernas dianteiras do monstro que os saxões chamavam de **eorms** (*arms* em Inglês, e "braços" em Português) e que alguns traduziram como garras, eram pequenas, e comparativamente frágeis. Eram o único ponto fraco do monstro, e Beowulf dirigiu-se diretamente a eles. Ele já era célebre pelo seu prodigioso aperto de mão, e o usou para literalmente arrancar um dos fracos pequenos braços de Grendel.

Grendel, entretanto, é descrito também na linha 2079 do poema como um **muthbona**, isto é, "um que mata com sua boca, ou garras", e a velocidade com que ele era capaz de devorar sua presa humana nos revela algo sobre o tamanho de suas garras e dentes (ele engoliu o corpo de uma de suas vítimas em grandes "nacos"). Não obstante, foi o próprio tamanho das garras de Grendel, que, paradoxalmente, teria ajudado a Beowulf no seu cuidadoso planejamento estratégico de atingir as pernas dianteiras, pois apertando-se a si mesmo fortemente ao peito do animal, entre aquelas pernas dianteiras, Beowulf teria ficado fora do alcance das garras, ficando a salvo dos terríveis dentes de Grendel.

É-nos relatado que tão logo Beowulf tinha agarrado as patas do monstro (e devemos recordar que Grendel, por todos os relatos era somente um filhote da sua espécie, e não um adulto macho plenamente amadurecido), o animal espantado tentou puxá-las, ao invés de atacar Beowulf. Instintivamente o animal conhecia o perigo que estava correndo, e queria escapar do aperto do homem que agora inespera-



Teria sido inteiramente novo o método de Beowulf ferir mortalmente Grendel, ou ele estaria meramente utilizando uma estratégia experimentada e aprovada? A ilustração acima provém de um antigo selo cilíndrico babilônico, e apresenta um homem segurando a pata dianteira de um monstruoso animal bípede semelhante à descrição de Grendel, e prestes a decepá-la.

Representação gráfica, do tempo dos Saxões, de um ataque a um bando de quadrúpedes de pescoço longo, por um predador bípede. Observem-se as duas grandes pernas do predador e seus pequenos braços. Esta representação conforma-se bastante bem à descrição de Grendel, sendo uma clara indicação de que criaturas como estas teriam sido avistadas nas Ilhas Britânicas, bem como no continente, como demonstrado também por Athelstan e outros. Esta lápide pode ser vista na Igreja de Santa Maria e São Hardulph, em Breedon-on-the Hill, em Leicestershire.

damente o ameaçava e que lhe estava infligindo uma dor tão alarmante. Entretanto era esse ato de tentar puxar suas patas que deixou Grendel vulnerável à estratégia de Beowulf. Assim, na batalha travada, Beowulf foi capaz, em seguida, de arrancar um dos braços do animal como tão vividamente descrito no poema. Em resultado desse aterrador ferimento, Grendel retornou ao seu esconderijo e simplesmente sangrou até morrer.

Seria, porém, o método usado por Beowulf para matar Grendel, desconhecido no registro histórico? Existiria algum registro semelhante de criaturas sendo mortas de maneira similar? Parece que sim, como por exemplo na figura acima, retirada da impressão de um selo cilíndrico babilônico, hoje no Museu Britânico, e que claramente mostra um homem prestes a amputar a pata dianteira de um monstro bípede, cuja aparência, embora estilizada, concorda bastante com a descrição de Grendel. Sei que nenhum estudioso se aventuraria a sugerir que o autor de *Beowulf* em Inglês antigo tivesse plagiado sua ideia a partir de seu conhecimento de selos cilíndricos babilônicos. Assim, penso eu, podemos com segurança supor que o método de Beowulf para matar esse tipo específico de animal não era inteiramente desconhecido no mundo antigo. E até nem mesmo Grendel era inteiramente desconhecido no mundo antigo, como se evidencia da representação constante da figura mostrada acima, ao lado direito.

Presenciamos aqui uma cena verdadeiramente notável. A pedra em que esses estranhos animais estão esculpidos em alto relevo está preservada na Igreja de Santa Maria e Santo Hardulph, em Breedon-on-the-Hill, Leicestershire. Esta igreja pertence ao reino saxão de Mercia. A pedra em questão é parte de uma friza maior na qual estão representadas várias aves e seres humanos, todos prontamente reconhecíveis. Porém, que são essas estranhas criaturas aí representadas? Elas não se parecem com nada que exista hoje na Inglaterra, apesar de serem descritas tão vividamente quanto as demais criaturas. Elas são quadrúpedes de pescoço longo, um dos quais parece estar mordendo ou lutando contra outro (à direita). E no meio da cena aparece um animal bípede que claramente está atacando um dos quadrúpedes. Ele está em pé sobre duas grandes pernas traseiras e tem duas pernas dianteiras menores e parece ter uma armadura de escamas em seu dorso. Sua vítima parece contorcer-se para se defender, mas com suas pernas traseiras curvadas com medo.

Ora, não se pode pretender que essas são meramente caricaturas de animais comuns naturais das Ilhas Britânicas (daquela época), pois nenhuma de nossas espécies nativas atuais apresenta pescoço comprido nem são bípedes. Então, como poderemos explicá-las satisfatoriamente? Existe um animal predador que conhecemos no registro fóssil, com duas fortes pernas traseiras e duas per-

nas dianteiras comparativamente pequenas? De fato existe. Na realidade existem várias espécies desse tipo, porém como o nosso artista saxão sabia algo a seu respeito, se jamais tivesse visto pelo menos uma delas? Estamos vendo aqui uma descrição gravada em pedra da criatura conhecida pelos Saxões e Dinamarqueses como Grendel? Parece que sim, se considerarmos as descrições físicas que encontramos no *Beowulf*.

O épico *Beowulf* nos afirma que, quanto aos seus hábitos, e lugares frequentados, Grendel caçava sozinho, sendo conhecido pelos locais compreensivelmente aterradores em que às vezes se avistava sua forma, ao luar, surgindo da neblina que cobria os pântanos como o **atol angengea**, o solitário aterrorizador. Ele era um **mearcstapa** (literalmente um *marsh-stepper* em Inglês, um "andarilho do pântano" em Português), um que passeava pelos pântanos ou regiões adjacentes ("aterrorizando a terra" como Alexander tão incisivamente o apresenta). Ele caçava durante a noite, aproximando-se de povoados e esperando silenciosamente que a sua presa adormecesse na escuridão, antes que ele as atacasse como um **sceadugenga** (literalmente uma "silhueta", um "notívago"). Esgueirando-se silenciosamente ao longo do **fenhlith** (as margens ermas e desabitadas dos pântanos) ele emergiria da densa escuridão noturna como a **deathscua** (a "sombra da morte"). Os Dinamarqueses tinham um **eotanweard** (literalmente um "vigia gigante", um "vigilante de monstros") para alertar sobre a aproximação de Grendel, mas frequentemente em vão, pois ele era tão silencioso em suas caçadas na escuridão da noite, que ás vezes o próprio **eotanweard** era surpreendido e devorado. Em certa noite inesquecível nada menos do que trinta guerreiros dinamarqueses foram mortos por Grendel. Não admira, portanto, que Beowulf tenha sido recompensado tão ricamente, e tenha se tornado tão famoso por tê-lo morto.

Em síntese, um quadro abrangente e até certo ponto horripilante de Grendel emerge das páginas de Beowulf, e duvido que o leitor precise ser guiado por mim quanto a que espécie de dinossauros predadores se aplicam melhor os detalhes de sua descrição física. Comentaristas modernos que têm sido criados no âmbito de ideias evolucionistas são levados a sugerir que monstros como Grendel são personificações primitivas da morte ou de doenças, e outras coisas mais sem sentido. (Foi até mesmo sugerido que ele era a personificação do Mar do Norte!). Porém, realmente as evidências não sustentam essas alegações. Uma publicação moderna e surpreendentemente honesta sobre o poema faz um comentário sobre ele bem mais significativo:

"A despeito de alusões ao diabo e a conceitos abstratos do mal, os monstros são criaturas bastante tangíveis no Beowulf. Eles não têm dons sobrenaturais além de sua força excepcional, e eles são vulneráveis e mortais. Leitores do início da Idade Média teriam aceito esses monstros como monstros, e não como símbolos de pragas ou guerras, pois essas criaturas eram definitivamente uma realidade."[13]

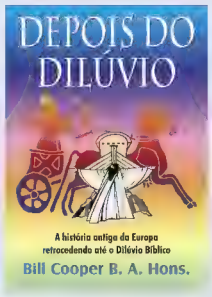
Notas

1. Brit. Mus. *Cotton. Vitellius. A. XV.*
2. Linhas 1957-1961 (Klaeber).
3. Alexander, M. *Beowulf*. Penguin Classics. Harmondsworth. pp. 112-113.
4. O que incidentalmente comprova as origens pré-cristãs de Mercia, e portanto de outras linhagens, mostrando que as primitivas genealogias saxãs existiam antes dos Saxões imigrarem para a Inglaterra.
5. *Historiae Francorum* Livro III. Cap. 3. Ver Thorpe, Lewis tr. *Gregory of Tours: The History of the Franks.* Penguin Classics. Harmonds-worth. 1974. p. 173.
6. Cit. Klaeber. p. xli.
7. *Ibid.*
8. Este é um erro que prejudica a excelente tradução de *Beowulf* por Michael Alexander. Surpreendentemente, Klaeber comete também o mesmo erro, tendo editado na realidade o texto original do poema.
9. **Ythgewinnes**. Literalmente "o que navega sobre as ondas". Sua natureza de nadador na superfície explicaria a facilidade com que a criatura foi arpoada na praia do lago. É também provável que o **ythgewinnes** estivesse representado na gárgula frequentemente colocada na proa dos navios vikings. Em vez de ser meramente um emblema supersticioso, talvez sua aparência tivesse o propósito de impedir que animais que navegavam sobre as ondas atacassem o navio.
10. *Cartularium Saxonicum*. (W. de Gray Birch ed.) ii. 363 Seg. (Cit. também por Klaeber. p. xxiv).
11. *Beowulf*, linhas 1345-1355 (Klaeber).
12. Alexander, p. 93.
13. Longman Literature Guides. (York Notes Series). *Beowulf*. p. 65.

HISTÓRIA

DEPOIS DO DILÚVIO

Tendo em vista que este número 68 da Revista Criacionista trata de maneira mais abrangente da temática dos dinossauros, os editores acharam por bem publicar aqui o capítulo 12 do livro de Bill Cooper – "After the Flood" – ao invés do capítulo 4 (que seria de se esperar se continuasse a ser seguida a publicação dos capítulos de forma sequencial), pelo fato de este capítulo se relacionar diretamente com aquela temática. Nos números seguintes da Revista Criacionista serão publicados os capítulos 4 a 8, retomando-se a sequência normal. Cremos que esta alteração não afetará de forma sensível o acompanhamento de todo o texto do livro de Bill Cooper.



Bill Cooper

Bill Cooper é membro do Conselho e curador do *Creation Science Movement*, é casado e tem duas filhas. Recentemente recebeu o *Honours Degree da Kingston University* por seus estudos interdisciplinares em História das Ideias (Religião, Filosofia e Teoria Política) e Literatura Inglesa. Tem feito conferências sobre a "Tabela das Nações", sob os auspícios do *Creation Science Movement*, na Alemanha e na Bélgica e em muitas ocasiões na Inglaterra, inclusive na *Leeds University*.

Capítulo 12
Conclusão

É impressionante quanta informação vem à luz quando um documento é resgatado do véu de obscuridade que o modernismo lançou sobre ele. Quem acreditaria, ao ler um comentário modernista sobre o livro de Gênesis, que tantas evidências estivessem disponíveis para comprovar, não a sua falsidade, mas a sua autenticidade? Não a sua natureza mítica, mas a sua verdade e impressionante precisão histórica? Quem acreditaria, ao ler um moderno livro evolucionista sobre os dinossauros, que tantos registros estivessem disponíveis para demonstrar que essas criaturas não se extinguiram há milhões de anos antes de ter surgido o homem, como o esquema evolucionista quer nos fazer crer, mas que viveram juntamente com o homem, que registrou as suas características e aparência física tanto em relatos antigos como em modernos? E quem acreditaria, ao ler um moderno livro de história sobre o mundo antigo, que tantos povos, de tão diversas culturas, realmente tivessem registrado sua própria descendência dos patriarcas de Gênesis muito antes de poderem ter ouvido da Bíblia ou terem sido ensinados sobre qualquer conteúdo dela? E quem acreditaria que a controvérsia criação/evolução fosse um debate tão antigo? Este é um assunto muito sério que acabou sendo apresentado a nós com um quadro de nosso passado muito diferente do que estamos acostumados a ver.

Certamente ele nos exige uma pausa para pensar, e à luz de tudo o que foi exposto, deveríamos considerar a aceitação de uma abordagem mais racional e construtiva para o estudo da história inicial da humanidade, e particularmente do relato de Gênesis. Sem dúvida, alguns estarão prontos a verberar esta aceitação da verdade do registro bíblico como sendo um ato de fé cega. Entretanto, onde está a fé cega em face de um registro tão plenamente endossado pelos escritos de tantas testemunhas imparciais, para não dizer até antagônicas, cujos depoimentos ouvimos tanto nos capítulos anteriores quanto nos apêndices

Tyranosaurus rex

que seguirão? Ao lermos um livro sobre o rei Henrique VIII da Inglaterra, não estamos aprendendo sobre sua vida mediante fé cega, pois sabemos que existem muitas fontes independentes às quais podemos recorrer para verificar o que lemos. Isto é, cremos nos relatos históricos sobre Henrique VIII mediante informação racional, e não pela fé. Exatamente o mesmo se aplica ao lermos a história contida no livro de Gênesis e outras partes da Bíblia. Aceitamos essa história porque, em face de tantas testemunhas imparciais e de tantas afirmações corroboradoras, essa é a única posição racional que nos resta. Descartar esse tão abrangente conjunto de testemunhos independentes seria muito mais irracional, e constituiria um maior ato de fé irracional na abordagem e pressupostos altamente questionáveis da filosofia modernista.

Assim, é pela nossa aceitação do testemunho abrangente de tantas testemunhas que chegamos a aceitar o registro de Gênesis como um relato verdadeiramente fatual e histórico, certamente uma abordagem muito mais racional. E se isso nos leva a uma fé salvadora no Deus a respeito de quem Gênesis tão eloquentemente testifica, então esta fé também transparece como uma fé racional e informada, independentemente do que qualquer crítico possa pensar.

O estudioso que nos tenha lido até aqui, e que deseje se aprofundar em algum ou todos os assuntos considerados neste livro, encontrará nos apêndices seguintes um grande número de informações e fontes de referência, que poderiam indicar-lhe a direção correta. O leitor casual também encontrará nos apêndices muita coisa de interesse que expandirá os seus horizontes proveitosamente. E com esta observação deixo ao leitor a alternativa de ou simplesmente passar os olhos por cima, ou de cavar fundo, esperando que este livro tenha pelo menos lançado um pouco de luz sobre um assunto tão vasto e complexo – a história inicial da humanidade. Acima de tudo, entretanto, espero que, quando o leitor que for cristão voltar a ler as páginas de Gênesis, possa fazê-lo com a confiança acrescida de que o conteúdo desse livro é fatual e preciso, e que existem razões sólidas para crer no seu relato, independentemente do que os comentaristas bíblicos modernos afirmem em contrário.

Aqueles que tenham sido estimulados pelo que leram neste livro, e que desejarem associar-se ao "Creation Science Movement" (na Inglaterra, ou no Brasil à sua congênere Sociedade Criacionista Brasileira) em sua obra de restaurar nos cristãos assediados em todo o mundo a confiança na precisão histórica e científica da Bíblia, poderão ler com atenção o capítulo seguinte que fala sobre o nosso trabalho e objetivos. Somos a mais antiga organização criacionista do mundo, nossa carga de trabalho aumenta diariamente, e não podemos trabalhar sozinhos. (No Brasil, a Sociedade Criacionista Brasileira já completou quarenta e seis anos em 2018, e também a sua carga de trabalho aumenta diariamente, e da mesma maneira não podemos trabalhar sozinhos!)

O Creation Science Movement precisa de você!

(A Sociedade Criacionista Brasileira também precisa de você!)

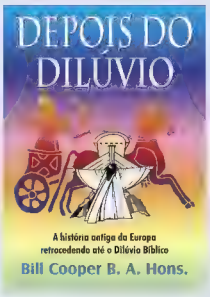
A Sociedade Criacionista Brasileira

Telefone: (61)3468-3892
e-mail: scb@scb.org.br
Sites: www.criacionismo.org.br e
www.revistacriacionista.org.br

HISTÓRIA

DEPOIS DO DILÚVIO

Tendo em vista que este número 68 da Revista Criacionista trata de maneira mais abrangente da temática dos dinossauros, os editores acharam por bem publicar aqui o capítulo 13 do livro de Bill Cooper – "After the Flood" – ao invés do capítulo 4 (que seria de se esperar se continuasse a ser seguida a publicação dos capítulos de forma sequencial), pelo fato de este capítulo se relacionar diretamente com aquela temática. Nos números seguintes da Revista Criacionista serão publicados os capítulos 4 a 8, retomando-se a sequência normal. Cremos que esta alteração não afetará de forma sensível o acompanhamento de todo o texto do livro de Bill Cooper.



Bill Cooper

Bill Cooper é membro do Conselho e curador do *Creation Science Movement*, é casado e tem duas filhas. Recentemente recebeu o *Honours Degree da Kingston University* por seus estudos interdisciplinares em História das Ideias (Religião, Filosofia e Teoria Política) e Literatura Inglesa. Tem feito conferências sobre a "Tabela das Nações", sob os auspícios do *Creation Science Movement*, na Alemanha e na Bélgica e em muitas ocasiões na Inglaterra, inclusive na *Leeds University*.

Capítulo 13
O que é o *Creation Science Movement*

O ***Creation Science Movement*** (CSM) iniciou-se em 1932 protestando contra a influência da teoria darwinista da evolução, tendo sido sua denominação inicial *Evolution Protest Movement* (EPM).

Seus principais expoentes foram Douglas Dewar, advogado e Auditor Geral do "Indian Civil Service", e o Capitão Bernard Acworth, DSO, que desenvolveu o dispositivo asdic sonar, conforme informação encontrada no "Who's Who". A primeira reunião do EPM foi realizada em Londres, em 1932, no endereço 21 Essex Gardens, The Strand. A primeira reunião pública do EPM foi noticiada pelo jornal *The Times* em 12 de fevereiro de 1935. Foi presidida por Sir Ambrose Fleming (o célebre engenheiro e cientista inventor da válvula eletrônica diodo), e seu discurso permanece ainda como o credo do CSM até hoje. São suas as palavras:

Nos últimos anos a antropologia darwinista provocou a atenção mediante numerosos livros ... de tal forma a originar a crença de que ela certamente era uma verdade científica estabelecida. Foi geralmente omitido o fato de que muitos eminentes naturalistas não concordavam que a Teoria de Darwin relativa à origem das espécies tivesse sido suficientemente estabelecida como verdadeira. Se não tivesse havido criação, não havia necessidade de supor a existência de um Criador; a principal base para toda religião estaria removida, e a moralidade ficaria reduzida a um mero expediente humano. Pareceu a um grande número de pessoas pensantes que seria de importância nacional ... contrapor-se aos efeitos da divulgação temerária e indiscriminada da teoria da origem totalmente animal da humanidade, especialmente entre os jovens, mediante a difusão de uma causa verdadeiramente científica ... para todas aquelas faculdades altruístas, estéticas, intelectuais, espirituais e religiosas ... do ser humano, das quais nem o mínimo traço se vê nas espécies animais. ... (Essas pessoas) desejaram opor-se à apresentação unilateral materialista da origem humana, que rejeita totalmente qualquer sugestão de criação. ... (Essas pessoas) afirmaram que os argumentos dos antropólogos darwinistas eram defeituosos em sua lógica, e que não proviam a comprovação do que supunham como hipóteses.

Isto foi relatado há mais de meio século! Hoje, a sociedade testemunha os efeitos do humanismo ateísta que a crença na teoria da evolução ocasionou – vínculos familiares rompidos, aborto, abuso sexual de crianças, etc. E, no decorrer de todos esses anos, as evidências se avolumaram,

apoiando a tese de que, de fato, este planeta Terra e os céus foram produto de um Criador. Existem abundantes evidências científicas, hoje, a favor da Criação, que aquelas eminentes pessoas no início da década de 1930 não conheciam. Avanços em nosso conhecimento de genética, bioquímica e teoria da informação destacam apenas algumas áreas em que nos últimos sessenta anos o progresso tornou menos lógica a aceitação da evolução.

O senso de um elevado propósito expresso no relato de *The Times* ainda é o que motiva hoje o CSM. Preocupamo-nos com o fato de que as pessoas hoje raramente se dedicam a uma leitura completa da Bíblia desde o capítulo 1 de Gênesis. De fato a maior parte das pessoas foi ensinada de que não podem confiar nas origens reveladas na palavra de Deus. Essas pessoas repetem as mesmas palavras de Satanás: "Foi assim que Deus disse?". O CSM declara que a doutrina do pecado original não se baseia em mitos ou fábulas, mas sim no sólido fundamento dos "oráculos vivos" do Senhor Deus. Um esmaecimento dessa verdade afeta a maravilhosa expiação feita pelo imaculado Filho de Deus, o que, por sua vez, pode acarretar um comprometimento somente superficial com Ele. O CSM declara veementemente que se pode confiar na parte inicial da Palavra de Deus, da mesma forma que nas demais partes.

O que mais faz o CSM? Ele publica o seu *"Creation Journal"* que divulga notícias e comentários bem atualizados, juntamente com um panfleto bimensal versando sobre diferentes assuntos evidenciando a Criação. Esses panfletos constituem uma fonte de informação sobre a controvérsia entre a Criação e a Evolução. Um desses panfletos mostra como a Criação é o fundamento do Evangelho (249), e outros tratam da Criação em Gênesis (260) e em Isaías (243). Outros apresentam críticas a aspectos da teoria da evolução, como por exemplo os supostos órgãos vestigiais (258) e as supostas formas intermediárias como o ***Archaeopteryx*** (76) e o ***Pithecanthropus*** (151, 234). Muitos panfletos consideram seres vivos específicos e mostram como eles não poderiam ter evoluído. Entre eles, incluem-se as baleias (114) em que o projeto da boca das recém-nascidas permite a amamentação em pleno mar. O besouro bombardeiro (233) tinha de ter um mecanismo de defesa explosivo funcionando perfeitamente bem para que não explodisse a si mesmo! As mariposas palissadas (248), as penas dos pássaros (255), o sistema de sonar dos morcegos (247), a dança informativa das abelhas (264), e a metamorfose das borboletas (257) jamais poderiam ser o resultado de evolução! Outros panfletos consideram a chamada evolução química da vida (267). São citadas evidências a favor da idade do Universo somente de alguns milhares de anos (265). Medidas da salinidade dos oceanos (221) comprovam sua formação recente. A erupção do Monte Saint Helens (252) em 1980 produziu sedimentos que normalmente seriam interpretados como tendo levado longos períodos de tempo para se formarem. Três linhas distintas de evidência experimental desenvolvidas por cientistas de grande reputação na Austrália, na América e na Rússia sugerem fortemente que a velocidade da luz tem diminuído no decorrer do tempo (262, 256), o que afeta a datação radiométrica das rochas (207) e o tempo do percurso da luz desde as galáxias mais distantes de nós, indicando que o Universo tem menos de 10.000 anos. Observações científicas dão apoio às genealogias da Bíblia (219), que vem a ser um livro de ciência impressionantemente preciso (254), e mostram que a vida foi criada, e não evoluída, e que Adão foi criado no princípio.

O CSM disponibiliza conferencistas que dominam o assunto das evidências científicas, que se acumulam de maneira ponderável, para fazer conferências sobre Criação. Hoje muitos cientistas eminentes, que nem discutem o assunto sob o prisma cristão, indicam suficientes evidências contra a teoria da evolução para convencer a si mesmos de que absolutamente a evolução não existiu. Essas evidências são ignoradas nos livros textos escolares e nos programas sobre o mundo natural na TV. Os conferencistas do CSM fazem palestras com regularidade em Universidades e Faculdades, bem como em igrejas em todo o Reino Unido. Na década de 1960 seus conferencistas estiveram no Extremo Oriente, na Austrália, na Nova Zelândia e na América do Norte, e na década de 1990 foram iniciadas palestras no leste Europeu.

O CSM é uma instituição filantrópica (Atestado nº 801745), e é membro da Aliança Evangéli-

ca. Podemos dizer ao leitor que precisamos de sua filiação como membro? O humanismo empoado do evolucionismo entrincheirou-se no sistema educacional britânico e na sociedade em geral. Necessitamos seu apoio e dedicação para enfrentá-lo! Sua participação como membro e assinante de nossa literatura será de grande ajuda, e se puder organizar também um encontro, melhor ainda! (Da mesma forma a SCB necessita também de sua participação e dedicação!).

O CSM (e também a SCB) de coração deseja dar glória ao Senhor Jesus Cristo que criou o homem à imagem do Deus trino, e depois também nos redimiu.

Entre em contato conosco:

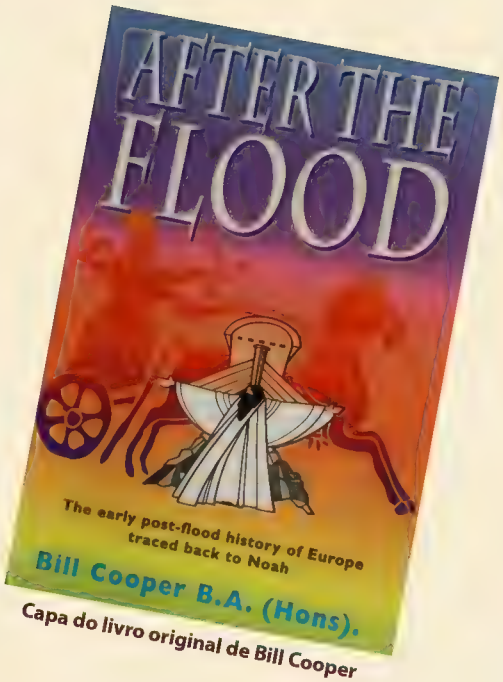
Creation Science Movement
50 Brecon Avenue
Cosham, Portsmouth
PO6 2AW
ENGLAND

Sociedade Criacionista Brasileira
Telefone: (61)3468-3892
Sites: www.criacionismo.org.br e
www.scb.org.br
e-mail: scb@scb.org.br

CREATION SCIENCE MOVEMENT

A mais antiga Sociedade Criacionista do Mundo

Prédio da sede do CSN em Plymouth, com exposição e loja de vendas



Capa do livro original de Bill Cooper

ORIGEM DAS ESPÉCIES

A CARCAÇA DO ZUIYO MARU

Com o título original "The Japanese Carcass: A Plesiosaur–type Mammal, a review of the evidence", o "Creation Science Movement", entidade britânica congênere à nossa Sociedade Criacionista Brasileira, publicou este artigo na forma de um livreto de autoria de Malcolm Bowden, fazendo uma análise crítica das evidências sobre a carcaça do animal marinho que foi "pescado" em 1977, na costa da Nova Zelândia, pelo navio pesqueiro japonês "Zuiyo Maru".

Breve comentário sobre o assunto foi publicado em nossa Folha Criacionista, número 16, do mês de novembro de 1977, logo após ter sido noticiado pela imprensa o acontecimento. Os Editores obtiveram, em março de 1994, mediante a colaboração do Dr. Heitor Gurgulino de Souza, então Reitor da Universidade das Nações Unidas, em Tóquio, uma folha de selos comemorativos do evento, cuja cópia vem publicada em outro local deste número da Revista Criacionista.

A Revista Criacionista obteve permissão para a reprodução da tradução da publicação do "Creation Science Movement", que sem dúvida enriquece bastante este número dedicado basicamente à questão dos chamados "dinossauros".

Malcolm Bowden

Reside na Inglaterra e é membro do "Creation Science Movement", que publicou o livreto do qual foi feita esta tradução pela SCB.

Em 1977, uma carcaça em decomposição foi "pescada" pela traineira japonesa Zuiyo Maru, na costa da Nova Zelândia. Estava a bordo o qualificado biólogo Michihiko Yano, juntamente com uma tripulação experiente. Todos eles ficaram surpresos com o que havia sido "pescado". Yano tirou cinco fotografias e extraiu alguns pêlos córneos da extremidade da nadadeira anterior, porém a carcaça teve de ser lançada de volta ao mar, pois havia receio de que pudesse contaminar todo o peixe capturado.

Desde então, têm sido publicados vários artigos em revistas criacionistas, a maior parte dos quais concluindo que se tratava apenas de uma carcaça de tubarão-baleia (*Cetorhinus maximus*) que estava em tão alto grau de decomposição que parecia semelhante a um animal do tipo do plessiossauro (referências 1, 2, 3, 4). O artigo de Wood[(2)] suscitou três cartas de leitores que foram publicadas pela revista da *Creation Research Society*.

Em 1978, foi publicado um relatório oficial franco-japonês (referência 8, que será indicada a seguir pela sigla CPC), constando de artigos distintos escritos por vários cientistas japoneses. A maioria dos artigos concluía que a carcaça provavelmente era de tubarão-baleia. (Deve ser mencionado que este relatório é muito difícil de ser obtido, e não se encontra cópia dele no Museu Britânico. Meu amigo criacionista Paul Garner teve de escrever a Tóquio para solicitar uma cópia, e recebeu a parte da tradução em Inglês. Paul gentilmente enviou-me a cópia das páginas do CPC que havia recebido, mas que não tinham nenhuma das fotos nem o esboço da carcaça feito por Yano. Felizmente consegui imprimir cópias coloridas de boa qualidade de quatro das suas fotos, acessando o "site" www.gennet.org/nessy.htm, bem como o esboço feito

A traineira Zuiyo Maru em Vancouver

por ele, que constava de um dos artigos).

Ao ler esse CPC, ficou claro para mim que os que escreveram posteriormente sobre este assunto e aceitaram a identificação da carcaça como um "tubarão-baleia" haviam obtido quase todas as suas evidências neste mesmo documento. Portanto, trata-se de uma apreciação das evidências originais extremamente insatisfatória, e fortemente preconceituosa, desde o início, a favor da identificação com o "tubarão-baleia". Assim, tratei em primeiro lugar do próprio CPC. Depois, examinei alguns artigos posteriores sobre a carcaça, que concordam com a sua identificação com o tubarão-baleia, e em seguida um artigo específico que apoiava a identificação da carcaça com um plessiossauro. Embora eu não esteja identificando a carcaça com um plessiossauro – a formação óssea é muito diferente – creio mesmo que as evidências indicam claramente que a carcaça não era de um peixe ou tubarão, mas de uma criatura desconhecida, não improvavelmente um plessiossauro.

O CPC sobre a carcaça

No Prefácio, o Dr. Sasaki escreveu que decidiu publicar o relatório "por uma sociedade científica adequada, simplesmente apresentando nossas opiniões divididas, e então deixar que os leitores tivessem opinião própria com base em sua própria avaliação dos artigos apresentados na publicação, e daí em diante deixar de dar publicidade individual a nossas opiniões."

Esta parece ser uma apresentação bastante despida de preconceito, e embora os artigos realmente apresentem pontos de vista distintos, a maior parte apoia em geral a identificação da carcaça com um tubarão-baleia. Indicação desse pré-julgamento está contida no próprio Prefácio. A primeira reunião foi realizada em 1º de setembro, com a presença de 12 pessoas, todas ocupando posições de autoridade. Uma segunda reunião foi realizada em 19 de setembro, para "intercâmbio de referências e opiniões". Ora, dever-se-ia esperar que a pessoa central dessa investigação, Michihiko Yano, o biólogo de bordo na ocasião, estivesse presente em ambas as reuniões, mas ele não esteve; ele compareceu apenas à segunda reunião. Parece que a primeira reunião havia sido crucial para a discussão da abordagem geral. E, mais importante ainda, nada existe escrito por Yano, nesta coleção de artigos, reformulando seu primeiro relato dos acontecimentos. Parece que todas as suas evidências foram cuidadosamente filtradas pelos seus superiores, e ele é somente mencionado ocasionalmente nos escritos deles.

A qualificação e a posição de Yano também são depreciadas. Ele é descrito como "um dos tripulantes" (p. 67). Somente nos artigos criacionistas ele é reconhecido como um biólogo treinado. De fato, Yano é apresentado como tendo 39 anos, formado na Escola de Oceanologia Yamaguchi (nível médio) e Gerente Assistente de Produção da Companhia Pesqueira Taiyo. Este preconceito contra ele ressalta-se desde a primeira parte do primeiro artigo do CPC (p. 45). Os dois autores admitem que, devido ao seu assunto especializado, eles podem não estar plenamente qualificados para discutir a classificação da carcaça. E continuam dizendo que "o único material que fornece evidências" são as fibras córneas que Yano retirou. Eles discutem que as fotos "são capazes de levar a interpretações diversas", e que as descrições verbais e o esboço "podem ter sido grandemente distorcidos ou influenciados pelo preconceito do observador".

Fotografia da carcaça pescada

Estes comentários são bastante injustificados. Yano e toda a tripulação tinham experiência e teriam reconhecido facilmente a carcaça de um tubarão e a teriam lançado de volta ao mar. Entretanto, eles ficaram desconcertados com a identidade da carcaça. Todos eles fizeram uma descrição dela tão acurada como puderam, sem alegar que ela fosse de uma espécie particular qualquer – viva ou extinta. Por que tal evidência seria descartada como "preconceituosa" se não havia motivo algum que os favorecesse ao tomar essa posição? Eles não poderiam ganhar mais dinheiro ou prestígio a partir deste incidente, já que a car-

caça havia sido lançada de volta ao mar. Há um descarte muito claro das suas evidências ao longo de todo esse artigo. Ao serem citados, imediatamente segue-se uma "explicação" que sugere que eles estavam "equivocados" ao acreditar que o que viram era algo diferente. Assim, a autoridade dos "especialistas" – que admitiram não estar plenamente qualificados para discutir a classificação – vendo somente fotos da carcaça pôs de lado as evidências de primeira-mão de Yano e da tripulação. Eles até mesmo se opuseram à insistência de Yano de que um dos membros mostrados em uma foto era uma nadadeira anterior direita, de estrutura incomum. Ao contrário, os dois autores consideram que esse membro fosse duas nadadeiras separadas, mas bastante próximas entre si.

O primeiro relatório observa: "A superfície do corpo era esbranquiçada e coberta com fibras dérmicas que se intersectavam como nas baleias e outros mamíferos, mas não eram fracas como nos peixes. Havia tecidos adiposos grossos e brancos, no dorso, e músculos avermelhados eram observados estendendo-se longitudinalmente abaixo dos tecidos brancos. O cheiro de putrefação não era igual ao dos peixes teleósteos ou tubarões, mas era parecido com o de mamíferos marinhos. ... Dir-se-ia que a cabeça tinha sido compacta, expondo o crânio, e não era semelhante à de tubarão. ... Ao contrário dos tubarões, nos quais as narinas estão situadas inferior ao crânio, a carcaça tinha esses orifícios na parte frontal que restou do crânio."

Esta é uma das declarações mais importantes de todo este relatório, pois foram admitidas várias características fundamentais:

a) A cobertura de fortes fibras dérmicas – como nos mamíferos.
b) Os tecidos do tipo adiposo – gordura não é encontrada em peixes.
c) Os músculos vermelhos – não existentes em peixes.
d) O cheiro era de mamífero, e não a forte exalação de amônia de peixes e tubarões em putrefação.
e) A cabeça era dura, ao contrário da cabeça de peixes.
f) As narinas estavam na frente do crânio – não como nos tubarões.

É importante observar que cada uma dessas características constitui uma forte indicação de que a carcaça era de mamífero e não de peixe ou tubarão. Esta informação de testemunho visual somente poderia ter sido dada por Yano e a tripulação, mas todo o esforço é feito a seguir para desprezar essas características, com base no mais fraco dos argumentos – ou então ignorá-las – como mostraremos abaixo. Neste ínterim, não pode ser enfatizado de maneira suficientemente forte que somente **uma** das características acima citadas precisaria estar presente para assegurar que a carcaça não teria possibilidade de ser peixe ou tubarão.

Vamos então examinar a maneira pela qual alguns desses pontos foram tratados no esforço feito para descartá-los como não constituindo evidência crucial a favor de um mamífero.

Os tecidos adiposos em decomposição

"O argumento mais forte contra a teoria de se tratar de um tubarão provém da observação feita por Yano de que a carcaça estava coberta por uma substância pegajosa semelhante a gordura. Tubarões não possuem uma camada espessa de gordura sob a pele" (p. 65).

O quarto artigo não faz nenhuma observação posterior sobre este assunto, que frontalmente contradiz a conclusão deles, mas discute imediatamente a carne vermelha.

Detalhe da carcaça

O sexto artigo dedica-se à decomposição da gordura em adipocera, uma substância branca com a consistência de sabão mole – exatamente como foi encontrado na carcaça. Neste sexto artigo não se sugere que a carcaça fosse de tubarão, assunto que é tratado somente de leve em outros artigos. Entretanto, essa camada de gordura permanece como forte e indiscutível evidência de que a carcaça não poderia ter sido de tubarão, e sim quase certamente de mamífero. Nenhum dos artigos sequer tenta explicar como essa gordura poderia ser de tubarão.

Os músculos vermelhos

O quarto artigo admitiu que havia músculos vermelhos ao longo

da espinha, como os de mamíferos, mas minimiza este aspecto ao declarar: "...um ex-aluno meu ... informou-nos que mesmo o músculo de tubarões da espécie 'squalid' parecem tão vermelhos como a carne de atum ao longo de ambos os lados da coluna vertebral" (p. 65). Observa-se então o que aconteceu nessa linha de raciocínio. É observada, nessa carcaça, carne vermelha e ela não é levada em conta, pela referência à carne vermelha semelhante em tubarões de espécie *squalid*. Entretanto, os tubarões-baleia não constituem um dos mais de 70 tipos de tubarões da espécie *squalid*! O que aconteceu é que, para não ter de explicar a presença de carne vermelha, foi feita referência a um tipo bastante diferente de tubarão. Ora, poderia ser ou um tubarão da espécie *squalid* (que explicaria a carne vermelha), **ou** um tubarão-baleia (que explicaria alguma das outras características). A carcaça, porém, não poderia ser de ambos, ao mesmo tempo. Assim, se especialistas desejam explicar a carne vermelha, eles devem manter sempre firme a identificação com o "tubarão de espécie *squalid*", e não alterá-la para a identificação com o tubarão-baleia ao tratar das outras características. Esta mudança (temporária) de identificação provê uma indicação do nível de lógica usada em alguns desses artigos.

A evidência de cheiro de amônia

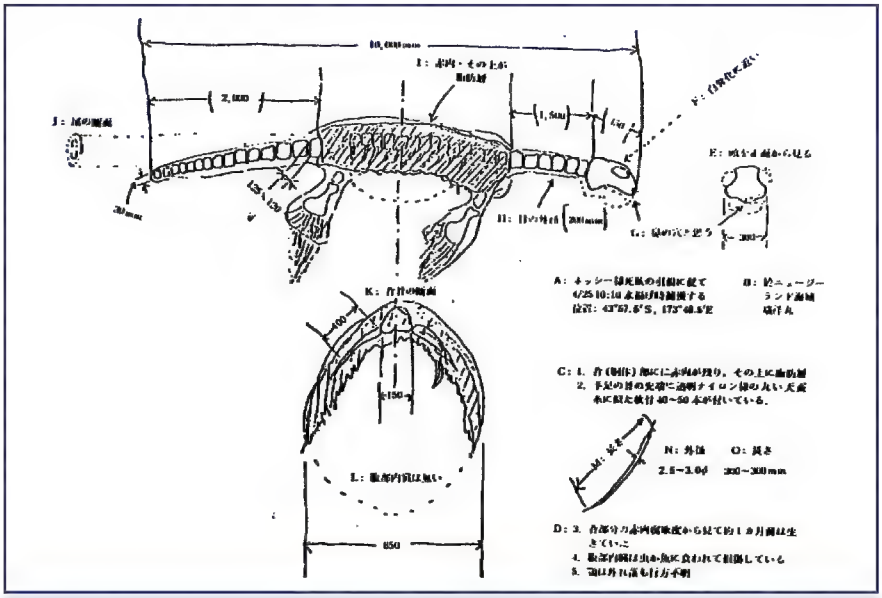
"A carcaça não exalava cheiro de amônia, que é uma característica específica da carne de tubarão. Uma explicação para isso poderia ser a extensão da perda de pele e a decomposição, que consequentemente permitiram a amônia ser varrida da carcaça para o mar" (p. 65).

Porém, por que essa carcaça, em particular, se fosse de tubarão, não deveria exalar cheiro de amônia como todas as outras do mesmo animal? Ela estava ainda em decomposição, e como um artigo afirmou, ela tinha um "cheiro pútrido", que, não obstante, não era de amônia. Isso indica, uma vez mais, que muito provavelmente ela não era a carcaça de um tubarão.

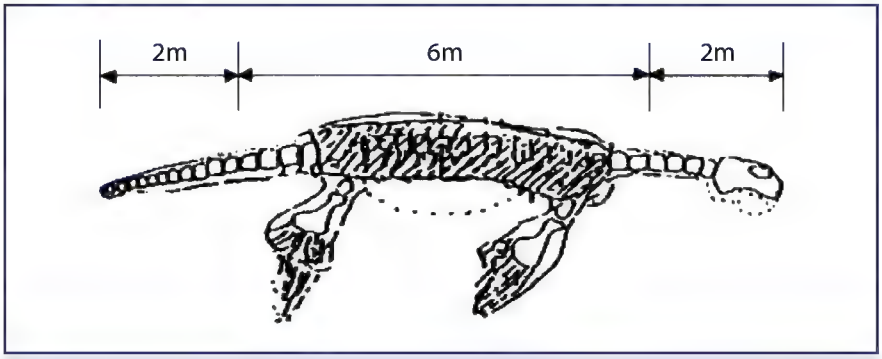
O esboço feito por Yano

Enquanto a carcaça ficou no convés, Yano efetuou várias medidas, e após ela ter sido lançada de volta ao mar, ele fez um esboço, enquanto sua memória ainda estava fresca (p. 48), embora Shuker afirme que Yano não fez o desenho antes de retornar ao Japão. Seu desenho não apresentou as partes da carcaça em escala, mas foi suficientemente detalhado para apresentar os traços básicos do animal.

Na figura seguinte, a parte central de seu desenho foi "esticada" para dar às dimensões do corpo proporção correspondente às medidas que foram efetuadas. Como pode ser visto, as nadadeiras nas fotos parecem ser muito maiores comparadas com o comprimento da carcaça do que neste novo desenho em



Desenho esquemático da carcaça feito por Yano, em 25 de abril de 1977



Desenho "esticado"

escala. No desenho de Yano, não foram inseridas as medidas das nadadeiras, mas em dois artigos distintos foi dada para elas o comprimento de 1 metro.

Se examinarmos a primeira das fotos da carcaça apresentada anteriormente, as fibras córneas amareladas, na extremidade da nadadeira dianteira esquerda, podem ser vistas na parte inferior da foto, e fica óbvio o grande tamanho de toda a nadadeira em comparação com o tamanho da carcaça. Se isso for comparado na mesma foto com os 2 metros de comprimento do pescoço que Yano mediu, pode-se ver que o comprimento correto da nadadeira é também cerca de 2 metros, e possivelmente mais, se medido a partir do ponto de junção ao corpo. Pode-se também notar que o pescoço e a nadadeira dianteira têm aproximadamente o mesmo comprimento.

Enfatizamos, também, que Yano desenhou ambas as nadadeiras (dianteira e traseira) com uma ligação mais afilada com o corpo, e que os tubarões têm nadadeiras ligadas ao corpo de maneira mais ampla, com afilamento na extremidade. É por isso que certamente seria vital que Yano tivesse tido permissão para apresentar um esboço mais corretamente desenhado em escala, e com mais detalhes, destacando as várias formas vistas nas fotos, e apresentando todas as suas evidências em seu artigo incluído no relatório CPC. Entretanto, como já ressaltamos, ele jamais teve a oportunidade de apresentar essas informações vitais por si mesmo diretamente.

As quatro nadadeiras

"A tripulação certificou-se de que o animal tinha quatro grandes membros e que o par posterior era praticamente do mesmo tamanho que o par anterior."

A característica mais distintiva da carcaça eram as quatro grandes nadadeiras que Yano mostra em seu esboço e que foram confirmadas pelo testemunho da tripulação. É esta a característica que a torna tão semelhante a um plessiossauro.

Os "apêndices sexuais"

Com relação ao embaraçoso tamanho das quatro nadadeiras, o quarto relatório considerou que isto era devido a uma combinação das nadadeiras traseiras de um tubarão-baleia com os seus "apêndices sexuais". O relatório observa que "se o animal fosse macho, deveria (ênfase nossa) ter possuído um grande apêndice, que é uma continuação do pterígio da nadadeira pélvica no eixo mediano. Portanto, no macho, a nadadeira pélvica deveria (ênfase nossa) aparecer como uma grande estrutura" (p. 65).

Examinando as fotos anteriores pode-se ver que, mesmo que as áreas das nadadeiras pélvicas e os pequenos apêndices fossem juntados, sabidamente não poderiam chegar perto do tamanho e da posição das grandes nadadeiras traseiras que a tripulação insistiu estarem presentes, e que Yano desenhou.

Detalhe da nadadeira

A alegação feita nesse artigo, de que essa junção dos apêndices com as nadadeiras pélvicas seria uma possível razão válida para a interpretação errônea de Yano, vem a ser uma indicação de que os autores do artigo estavam "se agarrando a qualquer oportunidade" para a defesa de sua tese. Parece que os criacionistas aceitaram essa explicação sem maiores críticas.

Os ossos nas nadadeiras

Yano pisou sobre as nadadeiras e sentiu material duro como osso. Seu esboço exprimiu a sua ideia a respeito de como aparentariam ser esses ossos, embora, por força das circunstâncias, o esboço não pudesse ser completamente preciso. Entretanto, obviamente, ele considerou que eles eram exatamente iguais às cinco filas de falanges ("dedos" ósseos) que seria de esperar na nadadeira de um mamífero, e não raios cartilaginosos que enrijecem a nadadeira de um tubarão.

O primeiro artigo faz um estranho comentário: "Se o animal não identificado fosse um plessiossauro, ele teria pares de nadadeiras com as cinco filas de falanges características. Porém, não foram observadas falanges na carcaça."

Ora, a carcaça tinha sim as quatro nadadeiras, e obviamente

as cinco filas de falanges não poderiam ser "observadas" porque elas ainda estavam dentro das nadadeiras razoavelmente intactas. Teriam sido as falanges que Yano pisou e achou duras e ósseas. Assim, as falanges ósseas não podem ser descartadas como se não existissem, simplesmente pela afirmação de que "elas não foram observadas"!

É interessante que os autores do primeiro artigo também concluíram que não podiam identificar essa carcaça com qualquer animal vivo ou fóssil.

A análise química das fibras córneas

Yano removeu 42 fibras córneas da extremidade das nadadeiras, e lavou-as em uma solução antisséptica de hipoclorito de sódio. A análise procedida mostrou que a sua composição de aminoácidos era quase idêntica à da elastoidina obtida de nadadeiras frescas de um tubarão-baleia. O fato de que a elastoidina não é encontrada em mamíferos foi saudado tanto por criacionistas como por evolucionistas como evidência definitiva de que a carcaça era de um tubarão-baleia.

Entretanto, devem ser feitas as seguintes considerações:

1) O fato mais óbvio é que a identidade deste animal é incerta, e ele é o único espécime que foi obtido. É possível, portanto, que ele possa ser uma criatura não usual, do tipo de plessiossauro, tendo uma composição semelhante à elastoidina nas fibras córneas da extremidade de suas nadadeiras.
2) Embora ambas as composições químicas possam parecer bastante semelhantes, a posição em que foram retiradas dos animais é bastante diferente. As fibras córneas têm o comprimento entre 15 e 25 cm e encontram-se fixadas às extremidades das nadadeiras. Elas podem ser vistas como ramificações amareladas da nadadeira logo abaixo do crânio. Por outro lado, nos tubarões a elastoidina teria sido obtida das estruturas internas que sustentam a nadadeira. Em nenhum desenho de qualquer tubarão-baleia jamais vi quaisquer fibras penduradas na extremidade de qualquer nadadeira, como no caso desta carcaça. O fato de as fibras terem composição semelhante está longe de ser um meio decisivo de identificação, pois isso é refutado pela sua localização bastante distinta.
3) Apesar das composições de aminoácidos serem semelhantes, o quinto relatório, que trata especificamente deste assunto, admite que "em contraste com a composição de aminoácidos escrita acima, havia uma diferença marcante entre a fibra córnea e a elastoidina em seus elos cruzados redutíveis, que são aminoácidos polifuncionais derivados da lisina, ... a radioatividade do Trítio incorporado na fibra córnea era de 110 cpm ... valor este igual a 1/7 da radioatividade da elastoidina. Este fato indicou que a fibra córnea continha uma quantidade extremamente baixa de elos cruzados em comparação com a elastoidina" (p. 72). Em outras palavras, contrariamente às alegações de alguns autores, foram descobertas diferenças.

Foi usado Trítio, isótopo radioativo do Hidrogênio, para medir o grau de elos cruzados em alguns componentes. O resultado das análises de quatro substâncias químicas que eram componentes radioativas desses elos cruzados, indicadas pelas letras B, C, D, e E, deu os seguintes valores:

Substância	B	C	D	E
Elastoidina	0,9	5,5	11,7	0,6
Fibra córnea	0,7	2,7	2,2	1,9

Esses valores são da radioatividade "que representa a quantidade total de compostos irredutíveis". Eles são significativamente distintos, e o autor tenta explicá-las dizendo que eles são "concebivelmente" devidos a mudanças relacionadas com a idade e com o tratamento com hipoclorito de sódio para ver se isso afetava os valores, mas nenhum desses fatores foi examinado posteriormente.

As substâncias testadas parecem ser suficientemente distintas para se dizer com razoável certeza que **não** eram o mesmo material, embora isso não tenha sido discutido com mais profundidade em nenhum destes artigos. Contrastando com isso, a grande semelhança do conteúdo de aminoácidos das duas fibras foi destacado como decisivo. Pode-se entender que os evolucionistas procedam assim, mas deveria ser perguntado por que nenhum dos criacionistas que tiveram

acesso a esses artigos mencionou essas diferenças. Por que eles não chamaram a atenção de seus leitores para essa discrepância? Certamente, no interesse da verdade e da precisão, esta e várias outras contradições da identificação do tubarão deveriam ter sido destacadas. No entanto, nenhum artigo em qualquer revista criacionista fez referência a essa questão.

Sustentamos que essas mensurações químicas não são nem críticas nem confiáveis, ou que indiquem que as fibras eram diferentes.

Esta forte confiança na análise química da elastoidina para apoiar a ideia de que a carcaça é de um tubarão em decomposição realmente é criticada pelo autor do primeiro artigo, que ao se referir às análises feitas afirma: "Entretanto, nenhuma substância química até hoje mostrou constituir um diagnóstico fidedigno para a classificação dos taxa superiores dos vertebrados, apesar do intenso desejo dos biólogos e paleontologistas modernos para a utilização de características químicas como chave para investigar a filogenia animal. Relativamente à composição dos aminoácidos em discussão, fomos informados que estudos comparativos de alguns grupos de animais mostraram a existência de muitos aminoácidos comuns a todos os grupos que foram pesquisados" (p. 52).

Assim, nenhuma das substâncias químicas existentes nos animais poderá ser usada para a sua classificação; elas são bastante universais. Substâncias diferentes ocasionam diferentes relacionamentos possíveis, que não podem, portanto, estar todos certos.

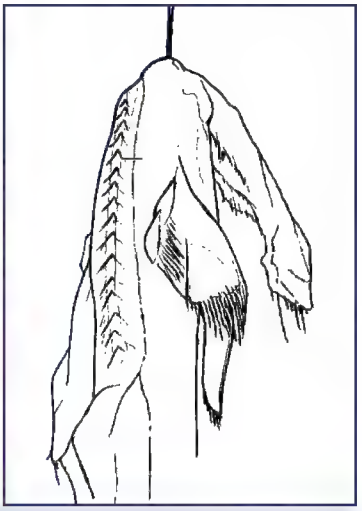
A nadadeira dorsal

Esta suposta "característica" proposta no artigo é tão falha que somente se pode concluir que ela faz parte da tentativa deliberada de classificar a carcaça como sendo de tubarão a partir das mais fracas evidências. Se examinarmos a figura abaixo, poderemos ver que existe uma protuberância bem à direita da espinha, que pode ser ou uma porção de gordura em decomposição, ou a parte superior da nadadeira traseira.

O segundo artigo sustenta que: "Embora a nadadeira dorsal não tenha sido mencionada por testemunhas oculares, nem tenha sido mostrada no esboço [provavelmente porque ela não existia! – MB], pode ser reconhecida a forma completa de uma nadadeira dorsal em uma das fotografias. Yano destacou que a nadadeira peitoral direita tinha um grande número de fibras perto de sua base, bem como ao longo de sua extremidade. Entretanto, um exame detalhado da fotografia permite distinguir a base de uma nadadeira dorsal, embora ela tenha se deslocado da linha meso-dorsal, e numerosos raios estejam pendurados de sua extremidade arredondada. Parece que a nadadeira peitoral foi sobreposta por uma nadadeira dorsal, apresentando assim a aparência de uma nadadeira extremamente longa. Somente esta hipótese pode explicar a aparência não natural da nadadeira peitoral."

Assim, ignorando a explicação de primeira mão dada por Yano, a carcaça foi provida de uma "nadadeira dorsal", com uma admitida "aparência não-natural" que a impede de ser um mamífero. Esta proposição deve ser rejeitada por duas razões:

Primeiramente, Yano – que viu a carcaça – afirmou que se tratava de uma nadadeira peitoral, e em segundo lugar, o ponto de junção da protuberância está muito distante da espinha dorsal, bastante à direita, para que ela pudesse ter sido colocada no centro. Ao longo de toda a extensão da espinha visível na fotogra-



Desenho ilustrativo da protuberância mencionada

fia, é uniforme a configuração da carne vermelha e da gordura, e não existe a menor evidência de que qualquer outro apêndice estivesse situado ao longo da espinha dorsal. Não existem marcas de rompimento, nem de carne que tivesse permanecido em torno da suposta base da nadadeira, etc. Ainda mais, as nadadeiras dorsais simplesmente não se "deslocam" para o lado, como os autores precipitadamente propõem, tentando explicar a sua posição não-natural.

Este artigo apresenta um desenho bastante simplificado da suposta "nadadeira", mostrada deslocada para a direita, como indicado na figura que se encontra na página anterior. O leitor deverá examinar o desenho ao lado da fotografia para verificar se ele é uma cópia acurada do dorso da carcaça, ou se concorda com nossa opinião de que ela não é uma nadadeira dorsal "deslocada".

O segundo artigo "considerou" que se tratava de uma "espécie de tubarão-baleia" (isto é, o *Cetorhinus maximus*), a partir das evidências seguintes:

a) presença de nadadeiras peitorais e dorsais com raios de barbatanas;
b) existência de miocômatos nos músculos dorsais, e
c) possibilidade de a decomposição explicar a forma da cabeça pequena.

As quatro grandes nadadeiras e a gordura em decomposição, que Yano e a tripulação insistiram que estavam presentes, foram completamente ignoradas.

Em contraste com esses pontos de vista, é interessante que o primeiro artigo admite que "É também estranho que a carcaça tenha pares de nadadeiras, mas nenhuma nadadeira dorsal" (p. 49).

Comentários Gerais sobre o Relatório

O CPC, como relatório oficial cujos resultados têm sido bastante divulgados em diversos periódicos estrangeiros, dificilmente teria simpatia para com o movimento criacionista. Se suas conclusões tivessem sido de que se tratava de um tipo de plessiossauro, poder-se-ia imaginar que ele nem teria chegado a ser publicado. Sustentamos, portanto, que existiria um preconceito definido ao relatar somente "fatos" que assegurassem destaque contra a possibilidade da carcaça ser de um plessiossauro. Este é um ponto importante que deve ser mantido em mente.

Outros artigos sobre a carcaça

O artigo de Kuban

Kuban é outro especialista mencionado em um dos artigos[3] que reproduz um desenho feito por ele (Figura 1 abaixo). Ele combina o esboço da carcaça com o de um tubarão-baleia,

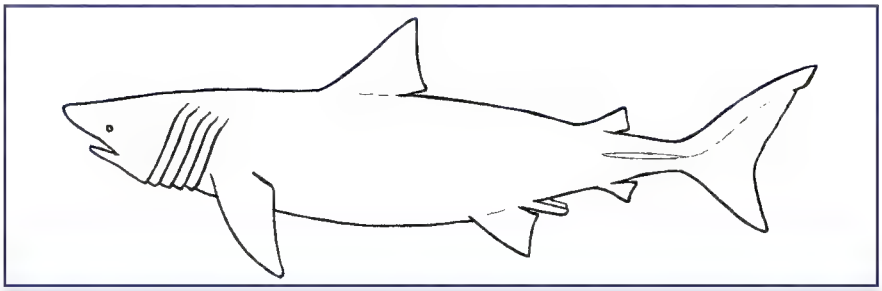


Figura 1 – Desenho de tubarão comparado com o do "pseudo-plessiossauro" feito por Kuban
(Ver artigo de Kuban em http://paleo.cc/paluxy/plesios.htm)

Figura 2 – Tubarão-baleia

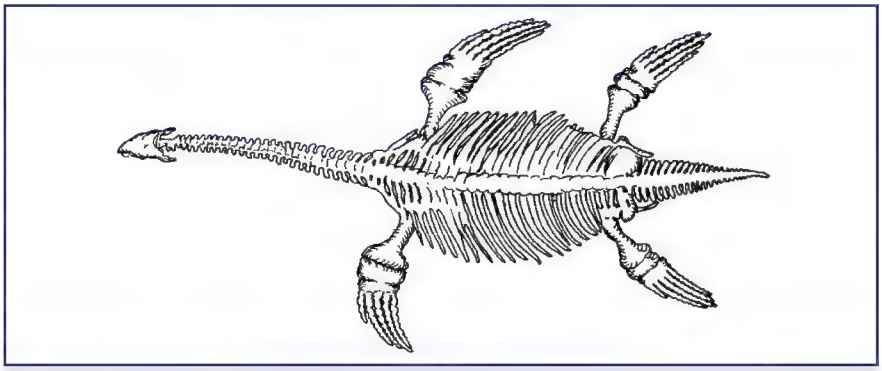


Figura 3 - Esqueleto de Plessiossauro

para mostrar a semelhança entre ambos. No seu desenho a nadadeira traseira da carcaça foi desenhada como sendo "desfiada" e coincidindo com a nadadeira pélvica do tubarão gigante, como se ambos pudessem ser confundidos entre si. Apresentamos na Figura 2 o desenho de um tubarão-baleia (*Cetorhinus maximus*) na mesma escala das demais figuras, e na Figura 3 o desenho de um plessiossauro, para mostrar como ambos são diferentes entre si.

Glen J. Kuban

Shuker

Existe, portanto, uma enorme diferença no tamanho, e ainda mais na forma, entre as nadadeiras da carcaça e a nadadeira pélvica ou os apêndices sexuais de um tubarão-baleia, como pode ser visto comparando o seu desenho com o do tubarão. Quando Yano pisou sobre as nadadeiras ele pôde sentir a sua estrutura óssea. Elas não poderiam ser confundidas com uma nadadeira pélvica, mas isso foi o que fez Kuban em seu desenho.

Finalmente, no desenho de Kuban grande parte da extremidade inferior da carcaça é mostrada como se decompondo em ramificações que são desenhadas de maneira idêntica às fibras córneas das nadadeiras. Porém essas fibras córneas existiam somente nas nadadeiras. O desenho feito por Kuban, ao confundir a gordura em decomposição com as fibras córneas também é falho com relação a este aspecto. Surpreende o fato de que os escritos de Kuban foram aceitos por criacionistas, pois ele tem escrito vários artigos contra os criacionistas, particularmente relativos à rejeição das pegadas semelhantes a de seres humanos, no rio Paluxy.

O artigo de Shuker

Wood[2] referiu-se a um artigo apresentado por Shuker na Internet,[9] que efetivamente rejeita a possibilidade de nove carcaças de "monstros marinhos" serem realmente tal coisa. Entretanto, algumas delas que ele descreve não são parecidas com qualquer criatura que vive hoje, e o citado "site" da Internet bem mereceria um estudo por parte de quem se interessa pelos detalhes nele apresentados.

O artigo de Koster - O outro lado da questão

John Koster escreveu um artigo que foi publicado na revista *Oceans*, de novembro de 1977. Ele também foi reproduzido no "site" da MAC – Missouri Association for Creation (www.gennet.org/nessy.htm).[10] Este artigo apresentou quatro fotos da carcaça, coloridas, e com boa definição, que são usadas aqui. Na Introdução, ele declara que espera que os leitores "apreciem o artigo que os evolucionistas têm tratado de omitir de sua vista". Somos gratos à MAC por ter publicado esse importante artigo, e particularmente pelas fotos coloridas.

Em seu artigo, Koster apresenta uma revisão bastante objetiva das evidências, grande parte a favor da identificação como plessiossauro, e transcreve os seguintes comentários feitos por professores japoneses: "Não se trata de peixe, baleia ou qualquer outro mamífero. É um réptil, e o esboço parece muito com um plessiossauro." É citado um professor de Paleontologia afirmando que "mesmo que o tecido contenha a mesma proteína do tubarão, é precipitado dizer que o monstro seja um tubarão. Este dado não é suficiente para refutar a conjectura de que o monstro seja um plessiossauro."

Yano foi levado perante uma junta de três professores que claramente estavam admirados pelas evidências. Entre os seus comentários estão os seguintes: "Se isto fosse uma foca, a cauda seria muito longa. ... Se fosse um réptil, o número de ossos do pescoço seria maior de acordo com o desenho. ... É mais fácil sobreviver no mar do que em terra. Uma teoria é que a criatura é um mamífero, e a outra é que é um monstro de pescoço longo (em outras palavras, um plessiossauro). Tanto quanto eu saiba, ele parece ser um plessiossauro. Porém, não posso afirmar categoricamente. ... Se fosse um tubarão, a espinha seria menor, e o pescoço é muito comprido conforme mostrado na foto. Penso que podemos excluir a teoria de ser peixe. ... Não penso que seja peixe. ... Se for réptil, parece com um plessiossauro. O plessiossauro tem nadadeiras frontais e traseiras, e o pescoço e a cauda não eram exageradamente longos."

Selo emitido pelo Correio do Japão em comemoração ao Centenário do Museu Imperial, com o motivo da descoberta relatada por Yano
(Gentileza do Prof. Dr. Heitor Gurgulino de Souza)

Ao lermos estes comentários, deveríamos lembrar que eles foram feitos por dois professores do Museu Nacional de Ciências do Japão, e por um professor do Centro de Pesquisa Marinha, da Universidade de Tóquio, que puderam interrogar Yano diretamente. Embora altamente qualificados, obviamente estavam admirados e não decididos a classificar a carcaça como sendo de tubarão gigante em decomposição, mas até sugerindo que poderia ser de um plessiossauro.

O artigo de Koster nomeia cinco professores japoneses, todos abertos à possibilidade de se tratar de plessiossauro. Um deles foi o Professor Obata, que afirmou que "deve ser ou um mamífero ou um réptil, mas com o material disponível não podemos decidir qual seria". É interessante que Obata foi o único dos cinco mencionados no artigo de Koster que escreveu um dos artigos do CPC. Ele foi co-autor do primeiro artigo, que demonstra muito mais preconceito contra a possibilidade de ser plessiossauro do que Obata exprimiu quando entrevistou Yano.

Preconceitos

A leitura atenta do Relatório CPC leva-me à conclusão de que ele foi especificamente montado para rejeitar a possibilidade de que a carcaça fosse de um animal do tipo plessiossauro. Tanto o estamento científico quanto a maioria dos meios de comunicação estão articulados na promoção e na preservação da explicação evolucionista dos fenômenos. Explicações que discordem do pressuposto da evolução são rejeitadas *a priori*. Qualquer pessoa seriamente interessada na verdade deve estar preparada para ver além dos relatos divulgados ao grande público. As evidências frequentemente são escondidas e/ou apresentadas de maneira equívoca para apoiar uma conclusão pré-determinada. Esse tipo de desonestidade não deveria ter lugar na Ciência. Os criacionistas deveriam sempre exercer a maior cautela ao perceberem o uso indevido das evidências, e especificamente deveriam estar atentos a contradições e alegações que não se apoiem em evidências.

A "conexão francesa"

Parece muito estranho que o CPC fosse publicado não como exclusivamente um relatório japonês, mas como um relatório conjunto em cooperação com uma organização francesa. Por que não poderiam os japoneses publicá-lo eles mesmos? Na tradução em Inglês recebida, não existe uma única referência a qualquer contribuição francesa. Por que isso? Eu conjecturo que provavelmente poderia ter acontecido o seguinte.

Houve uma enorme demonstração de interesse nacional na carcaça, em todos os principais jornais japoneses, durante várias semanas, e pode-se imaginar o constrangimento sentido nos países onde a Evolução é um dogma, e onde não é permitida a divulgação de nenhuma evidência a favor da Criação. Não houve praticamente nenhuma divulgação do incidente, na Europa. E agora aparece um país desenvolvido discutindo abertamente a ideia de que os plessiossauros ainda estão vivos!

A conexão francesa teria sido feita possivelmente para garantir que um relatório fosse rapidamente elaborado para que, de uma vez por todas, fosse posto um fim a esse inaceitável debate aberto sobre a carcaça. Certamente este foi o objetivo do Relatório CPC que, conforme tentamos expor acima, teve de distorcer os fatos para chegar à conclusão de que a carcaça não era de plessiossauro. A razão para esta ligação com a França é uma conjectura, mas temos nossas suspeitas com relação ao seu propósito.

Desejamos destacar outro aspecto que parece ter sido deixado de lado por todos os autores anteriores que trataram deste assunto. Peixes ou mamíferos recentemente mortos frequentemente flutuam, podendo então ser devorados. Todos os avistamentos relatados de carcaças de tubarões-baleia em decomposição foram em praias, tendo obviamente flutuado e sido varridos pelas ondas.

A carcaça em questão, entretanto, foi encontrada a 45 km da costa da Nova Zelândia, na altura de Christchurch, e foi pescada à profundidade de cerca de 300 m.[10] Ela também não mostrava sinais de ter sido devorada. Fosse ela um tubarão-baleia cujos restos tinham se decomposto, ela devia estar muito mais deteriorada. Temos aí outra diferença entre esta carcaça e as de muitos tubarões-baleia que têm sido encontrados.

Sem dúvida esta explicação também será descartada, mediante a suposição de que a carcaça tivesse subido à tona posteriormente. Porém, nesse caso, por que não têm sido encontradas mais carcaças com nadadeiras grandes? Sugiro que é a densidade dessas criaturas mamíferas que as leva para o fundo rapidamente, e por isso a probabilidade de encontrá-las é muito menor.

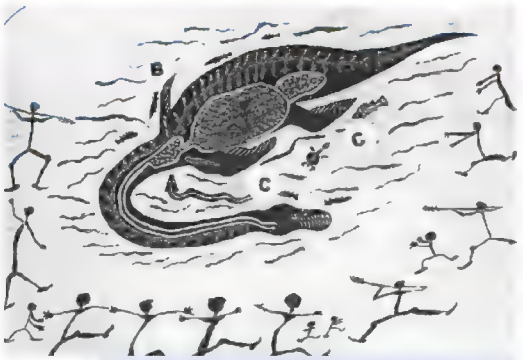
Há muito mais que pode ser criticado no Relatório do CPC, mas queremos enfatizar a existência de gordura em decomposição, a presença de carne vermelha, e o fato de Yano não ter tido permissão para fazer um relatório completo sobre a carcaça. Tudo indica que possivelmente se trata de um animal do tipo do plessiossauro, que as autoridades não desejaram reconhecer que ainda existe.

Sugerimos que não é inteligente referirmo-nos ao documento CPC como palavra final e autorizada sobre o assunto, e aqueles que têm aceito o seu conteúdo e conclusões cegamente e sem crítica, têm sido tristemente enganados.

A importância do achado

Admitir que existam animais do tipo do plessiossauro vivos ainda hoje causaria considerável constrangimento aos evolucionistas. Voltando-se ao passado, encontramos um crescente número de relatos sobre dinossauros tanto em terra como no mar. De fato, nos tempos medievais eles constituíam um quase que lugar comum. (Ver neste número da *Revista Criacionista* o capítulo de *After the Flood*, de Bill Cooper, sobre "Dinossauros nos registros anglo-saxões e outros".) Isso indica que eles eram bastante numerosos há não muito tempo atrás, o que não se enquadra na escala de tempo evolucionista, na qual eles foram extintos há cerca de 65 milhões de anos e, portanto, não mais existiriam hoje! É por esta razão que os relatos de qualquer avistamento seu são ignorados pelo estamento científico, e as evidências como as desta carcaça são rapidamente rejeitadas.

Avistamento de criaturas do tipo de plessiossauro são mais frequentes do que se possa supor. Tem havido vários relatos de terem sido avistadas essas criaturas no litoral da Nova Zelândia e da Austrália, e um artigo[3] apresenta o desenho feito por aborígenes da Austrália, de um monstro com pescoço longo e grandes nadadeiras, muito semelhante a plessiossauro em suas proporções.



Inscrição rupestre no norte australiano, feita pelo povo Kuku Yalangi
(*Creation Research Society Quartely* vol. 38, nº 1, junho de 2001)

Referências:

1. *Artigo em* "Origins" *(Journal of the Biblical Creation Society) nº 21, July 1996, p. 24-25.*
2. *Wood, T. 1997.* "Zuiyo-Maru Carcass Revisited: Plessiosaur or Basking Shark?" *(Creation Research Society Quarterly, vol. 33, nº 4, p. 292-295.*
3. *Jerlstrom, P. 1998.* "Live plesiosaurs: weighing the balance", *CEN Tech J. 12(3)339-346.*
4. *Jerlstrom, P. 1999.* "Letting rotting carcasses lie" *CEN Tech J. 13(1)83-87.*
5. *Bowden, M. 1998.* "The Japanese Carcass Examined Further", *Creation Research Society Quarterly, 34(4):254-255.*
6. *Chui, C.* "Comments on Todd Wood's Letter". *Creation Research Society Quarterly, March, 1998, vol. 34, nº 4, p. 252-253.*
7. *Jang, A.* "Yet Another Response to Todd Wood's Letter on the Zuiyo-Maru Carcass", *Creation Research Society Quarterly, March, 1998, vol. 34, nº 4, p. 256-258.*
8. CPC – Collected Papers on the Carcass of an Unidentified Animal Trawled off New Zealand by the Zuiyo-maru. 1978. Edited by T. Sasaki. La Societé Franco-Japonaise d'Oceanographie, Tokio.
9. *Shuker, K. 1995,* "Bring Me the Head of the Sea Serpent", *Strange Magazine, nº 15.* Também acessado no "site" www.strangemag.com/seaserpcarcsshuk.html.
10. *Koster, J. 1977. "Creature Feature: What was the New Zealand Monster?" Oceans, 10:56-59. Também acessado no "site":* www.gennet.org/nessy.htm

ORIGEM DAS ESPÉCIES

EM BUSCA DO DINOSSAURO DO CONGO

Talvez a mais emocionante perspectiva no mundo do criacionismo científico seja a possibilidade de que ainda existam dinossauros vivendo em florestas remotas do planeta. A Teoria da Evolução e a sua correspondente necessidade de longas eras de desenvolvimento evolutivo seriam fortemente pressionadas a se acomodarem à existência de um dinossauro vivo. É o que aconteceria com o "Mokele-mbembe", criatura que alguns cientistas acreditam ser um dinossauro saurópodo sobrevivente.

William J. Gibbons

Escreve usualmente para a revista *Impact*, publicada pelo *Institute for Creation Research*, e liderou quatro expedições à África em busca do Mokele-mbembe.

Uma região que hoje seria favorável à vida de dinossauros são os vastos e inexplorados pântanos da África Equatorial. Muitos dos primeiros relatos sobre a flora e a fauna da África Central e Ocidental foram feitos por missionários e exploradores. Em 1776, o Abade Lievain Bonaventure Proyart escreveu em seu livro *História de Loango, Kakonga, e outros Reinos da África* sobre um grupo de missionários franceses que haviam descoberto na floresta pegadas de um enorme animal desconhecido. A tradução do livro para o Inglês, feita por Pinkerton, publicada em 1914, transcrita abaixo em Português, diz: "Ele deve ser monstruoso, as impressões de suas garras são vistas sobre o solo, e têm cerca de 1 metro de circunferência. Observando-se a forma e a disposição das pegadas, pôde-se concluir que ele não corria neste trecho de seu percurso, e que a distância entre as impressões das garras era de 2,0 a 2,5 metros."

Pegadas com tão grandes dimensões somente poderiam ter sido deixadas por um animal do porte de um elefante, mas os elefantes não possuem garras nas patas. Que espécie de monstro seria esta?

Em 1913, o Governo Alemão decidiu fazer um mapeamento da sua então colônia dos Camarões, e escolheu o Capitão Freiherr von Stein zu Lausnitz para comandar a expedição. Von Stein fez o seguinte relato fascinante sobre uma criatura "muito temida pelos nativos de certas partes do território do Congo, nos baixos dos rios Ubangi, Sangha e Ikelemba: Eles chamavam de *Mokele-mbembe* aquele animal. Dizem que o animal é de uma coloração marrom acinzentada ... e seu tamanho aproximadamente o de um elefante. Dizem que ele tem pescoço bastante longo e flexível. Alguns falam de sua longa cauda musculosa semelhante à de um crocodilo. Dizem que os animais atacam os barcos imediatamente, e matam seus tripulantes mas não os devoram. Dizem que a criatura mora em cavernas que foram escavadas pelo rio nas encostas calcárias de seus meandros, e que sobe para as margens, mesmo à luz do dia, à procura de alimento. Dizem que sua alimentação é totalmente vegetariana."

Não muito mais se ouviu do *Mokele-mbembe*, até 1976, quando o herpetologista James Powell, do Texas, viajou para o Gabão para estudar os crocodilos da floresta tropical. Powell colheu histórias do povo Fang sobre um enorme monstro fluvial chamado de *N'yamala*, e um curandeiro local, Michael Obang, indicou em um livro so-

bre dinossauros a figura de um *diplodocus* como sendo um sósia extinto do *N'yamala* que ele havia visto sair de uma lagoa da floresta, em 1946. Posteriormente, Powell levou esta informação para o Dr. Roy P. Mackal, biólogo da Universidade de Chicago, e vice-presidente da Sociedade Internacional da Criptozoologia.

Em 1979, Mackal e Powell viajaram para a República Popular do Congo para investigar a existência do *Mokele-mbembe*, que Mackal acreditava estaria centrado na região de Likouala, uma área de pântanos inundados sazonalmente, que na maioria dos mapas encontra-se em branco. Na cidade de Impfondo, situada ao norte, no rio Ubangi, Mackal e Powell encontraram-se com o Reverendo Eugene Thomas, missionário de Ohio que estava no Congo desde 1955. Thomas havia ouvido muitas histórias sobre o *Mokele-mbembe*, e saiu à procura de testemunhas que haviam avistado o monstro.

Reconstituição de cena descrita pelos pigmeus a Eugene Thomas

No início, Mackal relutou em acreditar que estivesse na trilha de um dinossauro vivo. Entretanto, cada testemunha foi inteiramente enfática quanto às ilustrações do *apatosaurus* e do *diplodocus*, mostrados no livro de Mackal sobre dinossauros, corresponderem a sósias do *Mokele-mbembe*. De acordo com Mackal: "As testemunhas descreveram animais que tinham 4,5 a 9,0 metros de comprimento, na maior parte correspondendo à cabeça, pescoço e cauda. A cabeça era distintamente semelhante à de serpente, a cauda longa e fina, e o corpo aproximadamente do tamanho de um elefante, ou pelo menos de um hipopótamo. As pernas eram curtas, e as patas traseiras possuíam três garras. Os animais eram de coloração marrom avermelhada e tinham uma crista desde o alto da cabeça até o pescoço."

Todas as testemunhas concordaram que o *Mokele-mbembe* vive nos rios, córregos e lagoas pantanosas, e que são raros e perigosos. Esgotado o tempo que Mackal e Powell dispunham, voltaram para os Estados Unidos, impressionados com os relatos. Mackal retornou ao Congo em 1981, com uma equipe maior, e desta vez dirigiu-se ao sul, no rio Likouala aux Herbes. Tentou chegar até o lago Tele, um corpo d'água pequeno e raso, situado no coração dos pântanos, onde pelo menos um *Mokele-mbembe*, conforme os relatos, havia sido morto a lancetadas pelos pigmeus Bagombe, em 1960. Infelizmente, os estreitos canais que conduziam ao lago, partindo do Rio Bai, estavam interrompidos com árvores caídas, tornando impossível a passagem de canoas com carga pesada.

Um espetáculo excitante ocorreu quando a expedição estava contornando uma curva do rio logo ao sul da cidade de Epena. Uma grande criatura abruptamente mergulhou no rio, perto da margem mais distante, produzindo uma onda de mais de meio metro que sacudiu a canoa de Mackal. Crocodilos não produzem uma onda deste porte, e hipopótamos, que poderiam causá-la, não vivem naquela área, pois conforme os próprios pigmeus, foram todos exterminados pelos *Mokele-mbembes*.

Também em 1981, Herman Regusters, engenheiro de Pasadena, Califórnia, efetuou sua própria expedição ao Congo, e realmente chegou até o lago Tele. Durante sua exploração do lago, Regusters e sua esposa Kia observaram um longo e gracioso pescoço tendo na extremidade uma cabeça parecida com a de serpente, emergindo da água a cerca de 9 metros de seu barco inflável. A criatura olhou para os exploradores atônitos durante alguns segundos com seu frio olhar de réptil, e em seguida deslizou silenciosamente para o fundo d'água. Perto do final de sua expedição, o casal Regusters ouviu o ronco de um enorme animal que certa noite ruidosamente penetrou no acampamento deles.

Em 1983, o biólogo congolês Marcellin Agnagna comandou sua própria expedição ao lago Tele. Após cinco dias de exploração dos pântanos ao redor do lago, Agnagna e seus companheiros focalizaram um grande

Mapa da região de Likouala no Congo, indicando o Lago Tele

animal movimentando-se nas águas. Ele tinha uma cabeça pequena, como um lagarto, um pescoço longo e grande dorso largo. Agnagna tentou filmar a criatura com sua câmera cinematográfica Super-8, mas com a excitação esqueceu de trocar a objetiva macro por tele. Mais uma vez as evidências vitais deixaram de ser devidamente documentadas.

Minha própria primeira expedição ao Congo ocorreu entre novembro de 1985 e maio de 1986. Embora tivéssemos nos demorado muitas semanas em Brazzaville, devido à lentidão do sistema burocrático, o Pastor Thomas conseguiu nos auxiliar com seu conhecimento de pessoas nos vários departamentos governamentais para apressar nossa saída. Em seguida, chegamos ao lago Tele, após um percurso desafiador de 5 dias ao longo da densa floresta, onde pudemos observar gorilas, chimpanzés, grandes jibóias, crocodilos e tartarugas, mas nenhum monstro de grande porte. Observamos, também, que o medo do *Mokele-mbembe* era considerável entre os congoleses da área rural, o que tornava, às vezes, muito difícil coletar informações. Nossos guias caçaram todos os dias, e em certa ocasião mataram um macaco que não conseguimos identificar. Seus restos (cabeça e pele) foram preservados em formaldeído e depois entregues ao Museu Britânico de História Natural em Londres, Inglaterra. Posteriormente ele foi identificado como uma nova espécie de *Cerocebus galeritus*, ou macaco mangabey sem crista.

Minha segunda expedição iniciou-se em novembro de 1982 e abrangeu também o suprimento de artigos de emergência para o posto da missão em Impfondo, onde era mantida uma clínica gratuita. Nessa ocasião dirigimo-nos para o norte, no rio Bai, inexplorado, e continuamos em direção ao noroeste através de densas áreas pantanosas, onde descobrimos dois pequenos lagos que ainda nem se achavam nos mapas. Mais uma vez os nossos guias ficaram com medo de permanecer na área, e tivemos de abreviar nossa exploração dos pântanos. Embora muitos dos habitantes da região de Likouala soubessem exatamente onde poderíamos observar e filmar um espécime de *Mokele-mbembe*, eles acreditam que falar com forasteiros brancos abertamente sobre esse animal significa morte para eles. Era nada mais do que medo e superstição que estavam nos impedindo de fazer uma grande descoberta.

Em 1994 começou uma guerra civil no Congo, impedindo qualquer possibilidade de uma terceira expedição naquele local. A partir de então, comecei a procurar outro local alternativo na África Central para continuar minha busca, e decidi voltar para os Camarões. O sul deste país, que faz fronteira com o Congo, tem sido muito pouco explorado, e ainda é rico de florestas luxuriantes, áreas pantanosas e rios largos e profundos, exatamente como descrito em 1928, por Freiherr von Stein. Em novembro de 2000, viajei para Camarões com Dave Woetzel, de Concord, New Hampshire. Juntamo-nos com Pierre Sima, cidadão dos Camarões que costumeiramente caçava na floresta com os pigmeus Baka. Após comprarmos suprimentos adicionais, rumamos para o sul em algumas estradas das piores que pudéssemos imaginar.

O restante de nosso tempo foi gasto "dando o duro" imer-

sos nos pântanos até a cintura, indo de uma aldeia a outra dos pigmeus. Nossos esforços foram recompensados pelos relatos de primeira mão dados por testemunhas oculares da atividade *do Mokele-mbembe,* desde 1986 até abril de 2000. Embora o povo Baka se referisse ao animal como *La'Kila-bembe*, eles o descreviam exatamente como os pigmeus Kelle no Congo, e confirmavam que esse monstro ainda habitava os rios, pântanos e córregos do sul dos Camarões. Os pigmeus também descreviam o monstro como tendo uma série de placas térmicas pontiagudas ao longo de seu pescoço, dorso e cauda. Esta é uma característica física de dinossauros saurópodos que era desconhecida dos paleontólogos até 1991. Foi obtida também informação adicional sobre outros animais estranhos que supostamente habitavam a floresta e os pântanos, incluindo um grande quadrúpede armado com uma forte carapaça no pescoço e com até quatro chifres na cabeça. Nossas testemunhas imediatamente apontaram para a figura de um *triceratops* como sendo um sósia desse animal, que é tido como matador e estripador de elefantes.

Para nossa surpresa, ao contrário dos pigmeus do Congo, os pigmeus Baka dos Camarões não ligam qualquer crença sobrenatural ou mística aos misteriosos animais do sul de seu país, e ficavam contentes por responder nossas perguntas, aduzindo muita informação sobre os animais. Como experiência, mostramos aos pigmeus fotografias de outros animais, como por exemplo o urso norte-americano, que não reconheceram, proporcionando assim uma característica de precisão e fidelidade aos seus relatos. Satisfeitos pelo nosso progresso, retornamos para casa grandemente motivados pelo reconhecimento de termos feito importante progresso na nossa busca do *Mokele-mbembe.*

Em fevereiro de 2002 voltei aos Camarões com uma expedição de quatro companheiros cristãos. Muito tempo precioso foi gasto com problemas para conseguir transporte adequado. Entretanto, conseguimos voltar à área alvo de nossa busca. Novamente, com a ajuda de nosso amigo Pierre Sima, entrevistamos novas testemunhas e coletamos ainda mais informações valiosas sobre o *Mokele-mbembe* e outros animais misteriosos da região. Entretanto, era estação seca e o nível do rio estava muito baixo e muito pouco tempo esteve disponível para uma verdadeira pesquisa de campo. Deveríamos voltar durante a estação das águas (que é a melhor época para observar *Mokele-mbembes*, de acordo com quase todas as testemunhas).

Devo pedir ao leitor que me perdoe pela falta de detalhes com relação ao local exato de meu trabalho de campo, pois creio firmemente que estamos muito próximos de encontrar e filmar um espécime de *Mokele-mbembe*. Se Deus assim quiser, voltarei aos Camarões em outubro deste ano de 2002, e novamente terei a companhia de Pierre Sima. Talvez nesta minha quarta expedição finalmente poderei filmar um espécime de *Mokele-mbembe*, o último fóssil vivo!

Nota editorial

Tanto quanto saibamos, nada mais foi divulgado a respeito deste assunto. Continuamos atentos quanto a eventuais novas notícias sobre o *Mokele-mbembe*!

Agradecemos ao *Institute for Creation Research* pela autorização dada para a publicação desta notícia veiculada em seu boletim mensal *Impact*, nº 349, de julho de 2002.

William J. Gibbons mostrando aos nativos do Congo fotos de dinossauros e outros animais

SUGESTÃO

A propósito dos assuntos ventilados nos artigos até aqui apresentados nesta reedição deste número da Revista Criacionista, sugerimos a nossos leitores o acesso ao vídeo de 1h e 33min de duração sobre "A Verdade sobre os Dinossauros", em **https://youtu.be/hhVV1Fy3aPU**

ORIGEM DAS ESPÉCIES

A FALÁCIA DA EVOLUÇÃO

Apresentam-se neste artigo tópicos escolhidos dos capítulos 5 e 6 do livro do prolífico autor turco Harun Yahya, publicado pela "Science Research Foundation", com o título "The Evolution Deceit", em sua edição em Inglês, que trata da não existência de comprovação da transição entre espécies no registro fóssil. Conforme admitia o próprio Darwin, a constatação empírica dessa ausência de elos de transição entre as espécies põe em risco toda a estrutura teórica da teoria da evolução orgânica. Este assunto tem a maior atualidade em face da verdadeira guerra dos meios de comunicação em defesa da autenticidade de alguns fósseis encontrados recentemente, e que levantaram grande polêmica em torno de sua veracidade.

Harun Yahya

Natural de Ankara, Turquia, formou-se em Filosofia na Universidade de Istambul e desde 1980 tem escrito sobre temas relativos à controvérsia entre Criação e Evolução. A SCB tem traduzido e publicado numerosos artigos e livros de sua autoria, bem como coleções de vídeos com autorização dada pela "Science Research Foundation".

Os evolucionistas supõem que os invertebrados marinhos que aparecem nos estratos do Cambriano, de alguma forma evoluíram, tornando-se peixes no decorrer de dezenas de milhões de anos. Da mesma forma como os invertebrados do Cambriano não têm ancestrais, também não existem elos de transição que indiquem que tenha ocorrido evolução entre esses invertebrados e os peixes. Deve ser observado que invertebrados e peixes apresentam enormes diferenças estruturais. Os invertebrados têm tecidos duros externos ao seu corpo (exoesqueleto), e os peixes são vertebrados que têm esqueleto no interior do corpo (endoesqueleto). Uma "evolução" de tal complexidade teria necessitado bilhões de etapas intermediárias para ser completada, e deveriam existir bilhões de formas de transição para atestá-la.

Os evolucionistas têm estado escavando estratos fósseis há mais de 150 anos, em busca dessas hipotéticas formas de transição. Descobriram milhões de invertebrados e de peixes fósseis, porém jamais alguém encontrou sequer um exemplar a meio termo entre eles.

O paleontologista evolucionista Gerald T. Todd admite esse fato em um artigo intitulado "A evolução do pulmão e a origem dos peixes ósseos":

"Todas as três subdivisões dos peixes vertebrados aparecem pela primeira vez no registro fóssil aproximadamente ao mesmo tempo, já amplamente divergentes morfologicamente, e fortemente encouraçados. Como eles se originaram? O que os levou a divergirem tão grandemente? Como todos eles vieram a ter fortes couraças? E por que não existe qualquer vestígio de formas intermediárias anteriores?"(1)

O cenário evolutivo dá um passo além e propõe que peixes, que teriam evoluído de invertebrados, transformaram-se depois em anfíbios. Porém este cenário também não se apoia em evidências. Não há sequer um único fóssil comprovando que tenha jamais existido uma criatura meio-peixe/meio-anfíbio. Tal fato é confirmado por uma autoridade evolucionista bastante conhecida, Robert L. Carroll, autor do livro *Paleontologia de Vertebrados e Evolução*, embora de forma relutante, como transcrito: "Não temos quaisquer fósseis intermediários entre peixes celacantídeos (*Rhipidistia*, os seus favoritos "ancestrais" dos tetrápodos) e anfíbios primitivos."(2)

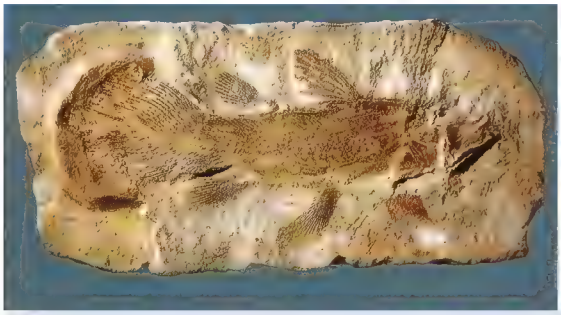
Os paleontologistas Colbert e Morales manifestam-se da seguinte maneira sobre as três classes básicas de anfíbios – rãs, salamandras e cecílias: "Não existem evidências de quaisquer anfíbios do Paleozóico que combinem as características que deveriam ser esperadas em um único ancestral comum. Os mais antigos espéci-

mes conhecidos de rãs, salamandras e cecílias são muito semelhantes aos seus descendentes vivos."[3]

De acordo com o cenário hipotético "do mar à terra", alguns peixes sentiram a necessidade de sair do mar devido a problemas de alimentação. Esta alegação é "apoiada" por desenhos especulativos como o seguinte.

De acordo com o cenário hipotético "do mar à terra", alguns peixes sentiram a necessidade de sair do mar devido a problemas de alimentação. Esta alegação é "apoiada" por desenhos especulativos como este.

Até cerca de cinquenta anos atrás, os evolucionistas supunham que de fato essa criatura existisse. Um peixe fóssil – o celacanto – que se estimava ter sido extinto há cerca de 410 milhões de anos foi apresentado como uma forma de transição, com pulmão incipiente, cérebro desenvolvido, sistemas circulatório e digestório pronto para funcionar em terra, e mesmo um mecanismo primordial para deslocamento no solo. Essas interpretações anatômicas foram aceitas como verdade irrefutável pelos círculos científicos até o fim da década de 1930. O celacanto passou a ser apresentado como uma forma de transição genuína, que comprovava a transição evolutiva da água para a terra.



Celacanto, um fóssil que teria vivido há 410 milhões de anos. Os evolucionistas alegavam que ele era uma forma de transição da água para a terra. Muitos espécimes vivos deste peixe foram apanhados desde 1938, provendo um bom exemplo da amplitude das especulações em que os evolucionistas têm-se enredado.

Entretanto, em 22 de dezembro de 1938, foi feita uma interessante descoberta no Oceano Índico. Um espécime vivo da família dos celacantos, até então apresentada como forma de transição extinta há 70 milhões de anos, foi apanhado vivo! A descoberta de um protótipo "vivo" de celacanto indubitavelmente causou um severo choque aos evolucionistas. O paleontologista J. L. B. Smith afirmou que não poderia ficar mais surpreso se tivesse se deparado com um dinossauro vivo.[4] No decorrer dos anos que se seguiram, foram apanhados cerca de 200 celacantos em diferentes partes do mundo.

Os celacantos vivos revelaram quão longe puderam ir os evolucionistas na montagem de seus cenários imaginários. Contrariamente às alegações, os celacantos não tinham nem pulmão incipiente nem cérebro mais desenvolvido. O que os pesquisadores evolucionistas designaram como pulmão incipiente nada mais era do que uma bolsa de lipídios.[5] Além do mais, o celacanto, que havia sido apresentado como "um candidato a réptil sendo preparado para a passagem do mar para a terra", na realidade era um peixe que vivia nas profundezas dos oceanos, e nunca havia chegado a menos de 180 metros de profundidade.[6]

A Suposta Origem das Aves e dos Mamíferos

De acordo com a Teoria da Evolução, a vida originou-se e evoluiu no mar, chegando à terra firme com os anfíbios. Este cenário evolutivo sugere também que os anfíbios evoluíram para répteis, criaturas que vivem somente em terra. Este cenário, novamente, é implausível, devido às enormes diferenças estruturais existentes entre essas duas classes de animais. Por exemplo, o ovo dos anfíbios é projetado para desenvolver-se na água, ao passo que o ovo amniótico é projetado para desenvolver-se em terra. Uma evolução gradual "passo a passo" de um anfíbio fica fora de cogitação porque, sem um ovo perfeito e plenamente desenvolvido, não seria possível uma espécie sobreviver. Além disso, como é costumeiro, não existem evidências de formas de transição que eram supostas ligando os anfíbios aos répteis. Robert L. Carroll, paleontologista evolucionista e autoridade no campo da Paleontologia de Vertebrados, teve de aceitar que "os primeiros répteis eram muito diferentes dos anfíbios, e seus an-

cestrais ainda não puderam ser encontrados."[7]

Apesar disto, os cenários evolucionistas, abalados e sem esperança, ainda são mantidos, e permanece o problema de fazer essas criaturas voarem! Como os evolucionistas creem que de alguma forma as aves devem ter evoluído, afirmam então que elas evoluíram a partir dos répteis. Entretanto, nenhum dos mecanismos distintivos das aves, que têm estruturas completamente diferentes dos animais terrestres, pode ser explicado por evolução gradual. Primeiramente, as asas, que são uma característica específica das aves, constituem um enorme impasse para os evolucionistas. Um conhecido evolucionista da Turquia, Eugin Korur, confessa a impossibilidade da evolução das asas: "Uma característica comum dos olhos e das asas é que eles somente podem funcionar se estiverem plenamente desenvolvidos. Em outras palavras, um olho meio-desenvolvido não pode ver; uma ave com asas meio-formadas não pode voar. Como puderam ter vindo à existência esses órgãos tem permanecido um dos mistérios da natureza que precisa ser esclarecido."[8]

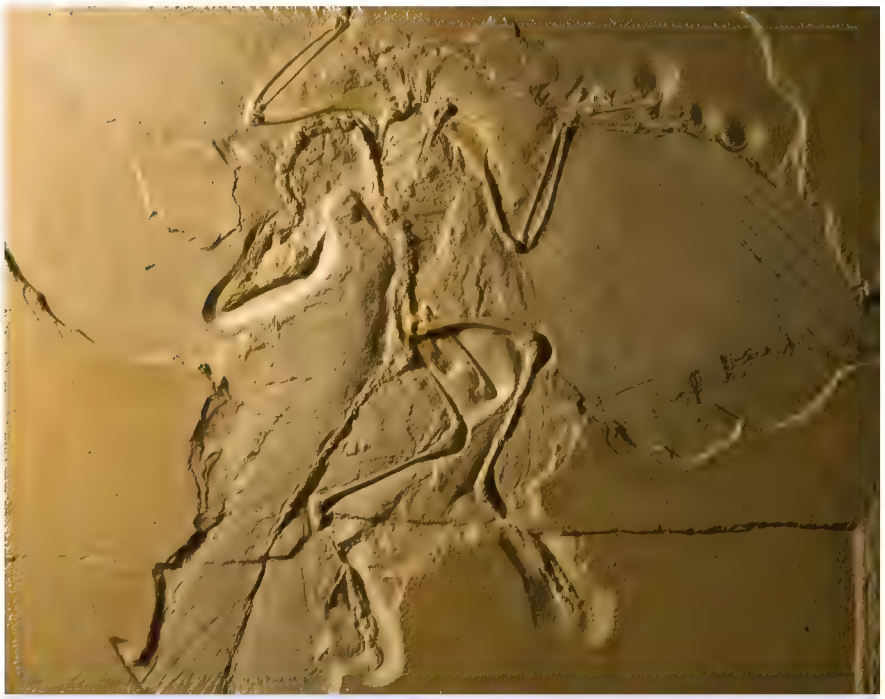
O problema de como veio à existência a estrutura perfeita das asas como resultado de sucessivas mutações aleatórias permanece inteiramente sem solução. Não há como explicar de que forma os membros dianteiros de um réptil poderiam ter-se transformado em asas perfeitamente funcionais, em resultado de alterações em seus genes (mutações).

Ainda mais, somente ter asas não é suficiente para um animal voar. Animais terrestres não possuem muitos outros mecanismos estruturais que as aves têm, necessários para o voo. Por exemplo, os ossos das aves são muito mais leves do que os dos animais terrestres. Seus pulmões também funcionam de maneira distinta. Elas têm um sistema muscular e ósseo diferente e um sistema cárdio-circulatório bastante especializado. Estas características são pré-requisitos para o voo, tão necessárias como as asas. Todos esses mecanismos tinham de existir ao mesmo tempo plenamente desenvolvidos; não poderiam ter sido formados gradualmente por acumulação sucessiva. Por tal razão, a teoria que afirma que os animais terrestres evoluíram em direção às aves constitui uma falácia total.

Tudo isso traz à mente uma questão: mesmo que supuséssemos que esta história impossível fosse verdadeira, então por que os evolucionistas foram incapazes de descobrir quaisquer fósseis "meio-alados" que apoiassem a sua suposição?

Outra suposta forma transicional: o *Archaeopteryx*

Os evolucionistas conseguem indicar somente uma criatura em resposta à sua suposição. É o fóssil de uma ave denominada *Archaeopteryx*, a mais amplamente conhecida suposta forma de transição, dentre as pouquíssimas que ainda eles defendem. O *Archaeopteryx*, de acordo com os evolucionistas o ancestral das aves modernas, teria vivido há 150 milhões de anos. A Teoria da Evolução afirma que pequenos dinossauros de escamas, que receberam o nome de *Velociraptors*, ou *Dromeossauros*, evoluíram adquirindo asas e então começaram a voar. Desta forma, o *Archaeopteryx* é supostamente uma forma de transição que divergiu de seus ancestrais dinos-



Fóssil de *Archaeopteryx*

sauros e começou a voar pela primeira vez.

Entretanto, os últimos estudos sobre fósseis de *Archaeopteryx* indicam que essa criatura absolutamente não é uma forma de transição, mas sim uma espécie de ave com características distintas das aves atuais.

A tese de que o *Archaeopteryx* era um "meio-pássaro" que não conseguia voar perfeitamente foi muito aceita nos círculos evolucionistas até não muito tempo atrás. A ausência da fúrcula (o osso do peito) nessa criatura – ou pelo menos ele não sendo igual ao das aves que voam – era tida como a mais importante evidência de que ele não podia voar de maneira adequada. (A fúrcula é situada no tórax, e nela fixam-se os músculos necessários para o vôo. Atualmente esse osso existe em todas as aves, que voam e que não voam, e até mesmo em morcegos – um mamífero voador que pertence a uma família completamente distinta).

Entretanto, o sétimo fóssil de *Archaeopteryx,* descoberto em 1992, causou grande surpresa para os evolucionistas, porque nele a fúrcula, que de longa data era suposta inexistente por eles, ali estava! Esse fóssil recentemente descoberto foi descrito na revista científica *Nature* da seguinte forma: "O sétimo espécime de *Archaeopteryx* recentemente descoberto preserva um osso "esterno" retangular, há muito tempo suspeitado, mas nunca antes documentado. Isso corrobora a existência de fortes músculos necessários ao vôo."[9] Esta descoberta invalidou as principais alegações de que o *Archaeopteryx* era uma "meio-ave" que não podia voar adequadamente.

Por outro lado, a estrutura das penas das aves tornou-se uma das mais importantes evidências a favor de o *Archaeopteryx* ser uma ave verdadeiramente voadora. A estrutura assimétrica das penas do *Archaeopteryx* é indistinguível da estrutura das aves atuais, indicando que ele podia voar perfeitamente. Como afirmou o famoso paleontologista Carl O. Dunbar: "Devido a suas penas, o *Archaeopteryx* deve ser classificado distintamente como ave."[10]

Outro fato que foi revelado pela estrutura das penas do *Archaeopteryx* foi o seu metabolismo de ave de sangue quente. Como se sabe, répteis e dinossauros são animais de sangue-frio, que se acomodam às temperaturas do ambiente, não regulando a temperatura de seu corpo de maneira independente do ambiente. Uma das funções muito importantes das penas das aves é a manutenção da temperatura de seu corpo. O fato de que o *Archaeopteryx* tinha penas mostrou que ele era realmente uma ave de sangue quente, que precisava manter sua temperatura interna, ao contrário dos dinossauros.

Especulações evolucionistas: dentes e garras do *Archaeopteryx*

Os dois aspectos importantes sobre os quais se baseiam os evolucionistas para alegar que o *Archaeopteryx* é uma forma de transição são as garras nas suas asas e os seus dentes.

É verdade que o *Archaeopteryx* tinha garras em suas asas, e dentes no bico, porém essas características não implicam que essa criatura tivesse qualquer espécie de relacionamento com os répteis. Além disso, existem hoje duas espécies, o *Turaco* e o *Hoatzin*, que possuem garras para se agarrarem a ramos de árvores. Essas duas criaturas são plenamente aves, sem qualquer característica de réptil. Esta é a razão pela qual não há qualquer base para afirmar que o *Archaeopteryx* é uma forma de transição somente por causa das garras em suas asas.

Também nem a existência de dentes no bico do *Archaeopteryx* implica que ele seja uma forma de transição. Os evolucionistas propositadamente armam uma cilada ao afirmarem que esses dentes são características de répteis. Na realidade, dentes não constituem uma característica típica de répteis. Dentre os répteis atuais, alguns têm dentes, enquanto outros não. Além

Turaco

Hoatzin

do mais, o *Archaeopteryx* não é a única espécie de ave que tem dentes. É verdade que não existem atualmente aves com dentes, mas ao examinarmos o registro fóssil, verificamos que na mesma época geológica convencional do *Archaeopteryx* e posteriormente, bem como até bastante recentemente, existiu um gênero de aves que poderiam ser categorizadas como "aves com dentes".

O ponto mais importante é que a estrutura dental do *Archaeopteryx* e das outras aves com dentes é totalmente diferente da estrutura de seus supostos ancestrais, os dinossauros. Os famosos ornitologistas Martin, Steward e Whetstone observaram que o *Archaeopteryx* e outras aves com dentes apresentam dentes com superfícies planas no topo e grandes raízes. Os dentes dos dinossauros terópodos, porém, os supostos ancestrais dessas aves, são protuberantes como dentes de serra, e têm raízes estreitas.[11]

Os pesquisadores compararam também os ossos dos metatarsos do *Archaeopteryx* com os de seus supostos ancestrais, os dinossauros, e não observaram qualquer semelhança entre eles.[12]

Os estudos de anatomistas como Tarsitano, Hecht e A. D. Walker revelaram que algumas "similaridades" que se afirmava existirem entre essas criaturas e os dinossauros, como ressaltado por John Ostrom, proeminente autoridade que alega ter o *Archaeopteryx* evoluído a partir dos dinossauros, na realidade eram erros de interpretação.[13]

Todas estas descobertas indicam que o *Archaeopteryx* não era um elo de transição, mas somente uma ave que ficou na categoria que se poderia denominar de "aves com dentes".

O *Archaeopteryx* e outros fósseis de aves antigas

Enquanto os evolucionistas, durante décadas, proclamavam que o *Archaeopteryx* constituía a maior evidência a favor de seu cenário relativo à evolução das aves, alguns fósseis encontrados recentemente invalidavam esse cenário quanto a outros aspectos.

Lianhai Hou e Zhonghe Shou, dois paleontologistas do Instituto Chinês de Paleontologia de Vertebrados, descobriram, em 1995, uma nova ave fóssil que denominaram *Confuciusornis*. Esta ave era quase da mesma época do *Archaeopteryx* (cerca de 140 milhões de anos, pela escala geológica convencional), mas não possuía dentes. Ainda mais, seu bico e penas compartilhavam as mesmas características das aves atuais. Tendo a mesma estrutura óssea das aves atuais, essa ave tinha também garras em suas asas, exatamente como o *Archaeopteryx*. Estava presente nessa espécie de ave a estrutura especial chamada de "pigostilo", que sustenta as penas da cauda. Em resumo, esta ave, da mesma época do *Archaeopteryx* (considerado como o mais antigo ancestral de todas as aves, e aceito como meio-réptil), parecia-se muito mais com uma ave atual. Esse fato invalidou todas as teses evolucionistas que tinham o *Archaeopteryx* como o ancestral primitivo de todas as aves.[14]

Outro fóssil desenterrado na China, em novembro de 1996, causou ainda mais confusão. A

***Confuciusornis* fóssil**

***Liaoningornis* fóssil**

existência desse fóssil, denominado *Liaoningornis*, com supostos 130 milhões de anos, foi anunciado pela revista *Science* por Hou, Martin e Alan Feduccia. O *Liaoningornis* tinha uma fúrcula na qual se fixavam os músculos das asas, exatamente como nas aves atuais. Esta ave também não se distinguia das aves atuais em outros aspectos. A única diferença era a presença de dentes em seu bico. Esta configuração mostrou que aves com dentes absolutamente não tinham uma estrutura primitiva, como alegado pelos evolucionistas.[15] Isso foi afirmado em um artigo publicado na revista *Discover*, intitulado "De onde vieram as aves? Este fóssil diz que não foi dos dinossauros."[16]

Outro fóssil que refutou as alegações evolucionistas referentes ao *Archaeopteryx* foi o *Eoalulavis*. A estrutura da asa do *Eoalulavis*, que se dizia ser 30 milhões de anos mais recente do que o *Archaeopteryx*, também foi observada em aves atuais de vôo lento. Isso provou que há 120 milhões de anos (na escala de tempo evolutiva) havia aves indistinguíveis das aves atuais sob vários aspectos, voando no céu.[17]

Estes fatos uma vez mais indicam como certo que nem o *Archaeopteryx*, nem outras aves antigas similares eram formas de transição. Os fósseis não indicam que diferentes espécies de aves evoluíram umas das outras. Ao contrário, o registro fóssil prova que as aves atuais e algumas outras arcaicas realmente conviveram ao mesmo tempo. Entretanto, algumas dessas espécies de aves, como o *Archaeopteryx* e o *Confuciusornis* extinguiram-se, e somente parte das espécies então existentes foi capaz de sobreviver até o presente.

Em resumo, algumas características peculiares do *Archaeopteryx* não indicam que ele fosse uma forma de transição! Stephan Jay Gould e Niles Eldredge, dois paleontologistas de Harvard, e evolucionistas mundialmente famosos, aceitam que o *Archaeopteryx* fosse uma forma viva "mosaica" que abrigava várias características distintas, embora não podendo nunca ser considerado como uma forma de transição![18]

ALGUMAS EVIDÊNCIAS CONTRA A EVOLUÇÃO

Tartarugas sempre foram tartarugas

Assim como a Teoria da Evolução não pode dar explicação para os grupos básicos de seres vivos, tais como peixes e répteis, também não pode explicar a origem das espécies abrangidas por esses grupos.

Por exemplo, as tartarugas, que são uma espécie de répteis, surgem no registro fóssil de forma repentina, com suas carapaças peculiares.

Citando uma fonte evolucionista: "Em meados do Período Triássico (cerca de 175 milhões de anos atrás, conforme a escala evolutiva) já eram numerosos os membros do grupo das tartarugas, possuindo as características básicas das tartarugas atuais. Os elos entre as tartarugas e os cotilossauros, dos quais as tartarugas supostamente teriam derivado, são quase totalmente inexistentes" (*Encyclopaedia Britannica*, 1971, v. 22, p. 418).

Não há diferenças entre fósseis de tartarugas antigas e os atuais membros da espécie. Falando de maneira simples, as tartarugas não "evoluíram"; elas sempre foram tartarugas desde que foram criadas.

Tartaruga fóssil datada com supostamente 100 milhões de anos: em nada diferente dos espécimes atuais (*The Dawn of Life*, Orbis Pub., Londres, 1972)

Por que é impossível a transição da água para a terra

Os evolucionistas declaram que, um dia, uma espécie que vivia na água, saltou para

a terra firme, de alguma maneira, e transformou-se em uma espécie que passou a viver em terra. Existem, porém, numerosos fatos que tornam impossível essa transição:

1. Suportar o próprio peso

As criaturas que vivem no mar não têm problemas em suportar seu próprio peso. Entretanto, a maioria das criaturas terrestres consome cerca de 40% de sua energia somente para deslocar o seu corpo em seus percursos. As criaturas que fizessem a transição da água para a terra teriam que desenvolver novos sistemas ósseos e musculares para prover a energia necessária, o que é impossível de ter acontecido simultaneamente por mutações aleatórias.

2. Reter calor

Em terra, a temperatura pode mudar rapidamente, e variar dentro de um amplo intervalo. Uma criatura terrestre tem um mecanismo em seu corpo que pode fazê-la suportar grandes variações de temperatura. Contudo, no mar, a temperatura muda lentamente e as variações não ocorrem em uma gama tão ampla. Um organismo vivo que tem um sistema de regulação de temperatura correspondente às pequenas variações observadas no mar (temperatura praticamente constante) necessitaria adquirir um sistema de proteção que garantisse o mínimo dano proveniente das grandes variações observadas em terra. É absurdo aceitar que os peixes adquiriram um sistema desse tipo por mutações aleatórias imediatamente ao passar para o ambiente terrestre.

3. Uso da água

A água, e mesmo o vapor d'água, essenciais para o metabolismo, precisam ser utilizados de maneira econômica, devido à escassez relativa de fontes de água em terra firme. Por exemplo, a pele teria de ser projetada para permitir a perda d'água até certo ponto, evitando ao mesmo tempo evaporação excessiva. As criaturas terrestres, portanto, terão sensação de sede, coisa que os seres aquáticos não têm. Ainda mais, a pele dos animais aquáticos não é adequada para o habitat não aquático.

4. Rins

Os organismos que vivem no mar facilmente podem excretar materiais residuais como a amônia, já que há abundância de água em seu habitat. Em terra, a água tem de ser usada com parcimônia, e por essa razão existem rins nos seres terrestres. Graças aos rins, a amônia é armazenada pela conversão em ureia, sendo usado um mínimo de água em sua excreção. Ainda mais, novos sistemas tornam-se necessários para o funcionamento dos rins. Em resumo, para que pudesse ter ocorrido a passagem da água à terra, os seres vivos sem rins teriam de ter desenvolvido um sistema renal de forma imediata.

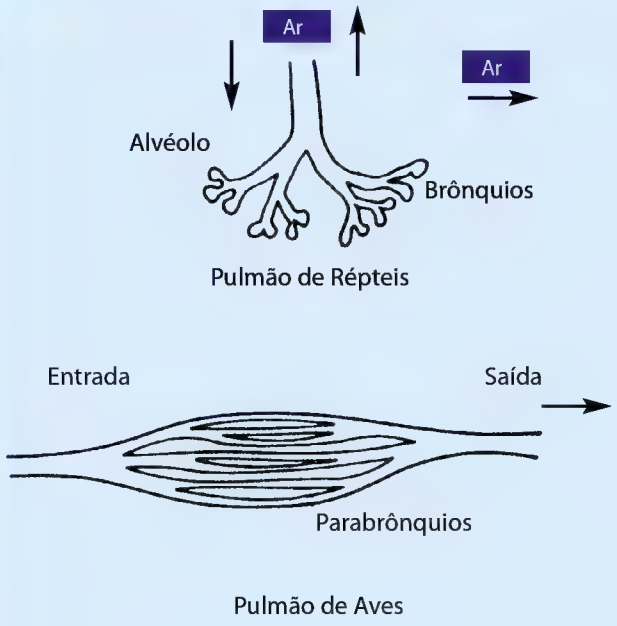
5. Sistema Respiratório

Os peixes "respiram" retirando oxigênio dissolvido na água que passa pelas suas guelras. Eles não podem viver além de alguns poucos minutos fora d'água. Para viver fora d'água eles teriam de desenvolver um perfeito sistema pulmonar de forma imediata.

É certamente bastante improvável que todas estas enormes alterações fisiológicas pudessem ter acontecido no mesmo organismo ao mesmo tempo, e por acaso.

Pulmões especiais para as aves

A anatomia das aves é muito diferente da anatomia dos répteis, seus supostos ancestrais. Os pulmões das aves funcionam de maneira totalmente diferente do que os dos animais terrestres. Os animais terrestres inspiram e expiram pelo mesmo duto. Nas aves, o ar entra nos pulmões pela frente e é expelido por trás. Este projeto diferente é específico das aves, que necessitam grandes quantidades de oxigênio durante o vôo. É impossível que uma estrutura como essa tenha evoluído a partir do pulmão dos répteis.



O fim do mito do *Archaeopteryx*: o *Longisquama*

As mais recentes evidências refutando as alegações evolucionistas a respeito do *Archaeopteryx* procederam de uma ave fóssil denominada *Longisquama insignis*. O fóssil desta ave arcaica foi escavado em fins da década de 1960, no Kirgistão, por um paleontologista entomólogo, mas só chamou a atenção da comunidade científica no ano 2000. As características anatômicas de ave, tais como as penas, a estrutura oca dos ossos, e a fúrcula, são exatamente as mesmas das aves atuais. Em um artigo publicado na revista *Science*, de 23 de junho de 2000, Terry Jones, paleontologista da Universidade Estadual de Oregon, membro da equipe que descobriu o fóssil, afirmou que "o esqueleto é também muito semelhante ao de ave. ... Tem crânio semelhante ao das aves, dorso e fúrcula. Este osso é quase exatamente igual ao do Archaeopteryx".

Longisquama fóssil

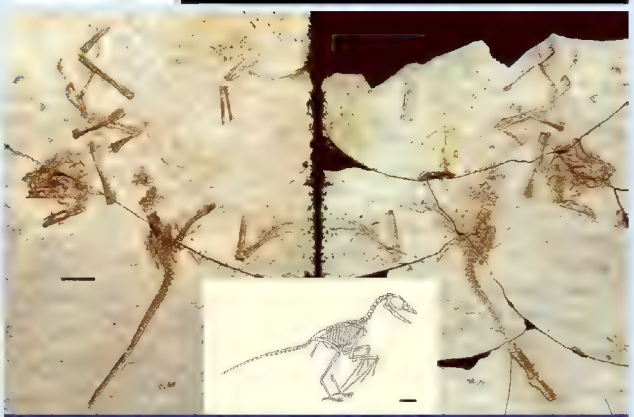
O ponto a ser destacado é que o fóssil foi datado como tendo cerca de 220 milhões de anos. Isso significa que o *Longisquama* seria cerca de 75 milhões de anos mais antigo que o *Archaeopteryx*. Este fato definitivamente invalida o mito evolucionista que alega o *Archaeopteryx* ser o "primitivo" ancestral de todas as aves que já viveram no passado. Jones declarou que este fóssil "pode ser o suficiente para fazer com que as pessoas passem a questionar a ideia de que as aves evoluíram a partir dos dinossauros".

O elo imaginário entre aves e dinossauros

A alegação dos evolucionistas, na tentativa de apresentar o *Archaeopteryx* como forma de transição, é que as aves evoluíram a partir dos dinossauros. Entretanto, um dos mais famosos ornitólogos do mundo, Alan Feduccia, da Universidade de Carolina do Norte, opõe-se à tese

Ao invés de evidenciar as aves como derivadas de dinossauros, o *Scansoriopteryx* renova a validade de evidenciá-las como uma Classe separada, unicamente de aves e não incluída junto aos dinossauros.

Alan Feduccia



Aparentemente a tese de que as aves evoluíram a partir dos dinossauros já passou definitivamente para o folclore evolucionista, em face da completa ausência de elos intermediários, apesar da enorme safra de fósseis ultimamente colhida em depósitos sedimentares na China e na Mongólia, como o *Scansoriopteryx* achado em 2002.

de que as aves tenham parentesco com os dinossauros, não obstante o fato de ele mesmo ser evolucionista.

Feduccia declara o seguinte sobre o assunto: "Bem, tenho estudado durante 25 anos crânios de aves, e não vislumbro qualquer similaridade. Simplesmente não as vejo. ... A origem terópoda das aves, em minha opinião, será a maior dificuldade da Paleontologia no século XX."

Larry Martin, especialista em aves antigas, da Universidade do Kansas, opõe-se à teoria de que as aves provêm da mesma linhagem que os dinossauros. Ao discutir a contradição em que a evolução tropeça com relação ao assunto, Martin declara: "Para dizer a verdade, se eu tivesse de defender a origem das aves a partir dos dinossauros, com aqueles caracteres, eu estaria em dificuldades sempre que me levantasse para falar sobre o assunto."

Para resumir, o cenário da "evolução das aves" construído somente com base no *Archaeopteryx*, nada mais é do que o produto de pressuposições e conjecturas dos evolucionistas.

Referências:

(1) Gerald T. Toss, "Evolution of the Lung and the Origin of Bone Fishes: A Casual Relationship", *American Zoologist*, Vol. 26, nº 4, 1980, p. 757.

(2) R. L. Carril, *Vertebrate Paleontology and Evolution*, New York: W. H. Freeman and Co. 1988, p. 4.

(3) Edwin H. Colbert, M. Morales, *Evolution of the Vertebrates*. New York: John Wiley and Sons. 1991, p. 99.

(4) Jean-Jacques Hubklin, *The Hamlyn Encyclopaedia of Prehistoric Animals*. New York: The Hamlyn Publishing Group Ltd., 1984, p. 120.

(5) Jacques Millot, "The Coelacanth", *Scientific American*, Vol. 193, dezembro 1955, p. 39.

(6) *Bilim ve Teknik Magazine*, novembro 1998, nº 272, p. 21.

(7) Robert L. Carroll, *Vertebrate Paleontology and Evolution*. New York: W. H. Freeman and Co., 1988, p. 198.

(8) Engin Korur, "Gözlerim ve Kanatlarin Sirri" (O Mistério dos Olhos e das Asas). *Bilim ve Teknik Magazine*, outubro 1984, nº 203, p. 25.

(9) *Nature*, Vol. 382, agosto 1, 1996, p. 401.

(10) Carl A. Dunbar, *Historical Geology*, New York: John Wiley and Sons, 1961, p. 310.

(11) L. D. Martin, J. D. Stewart, K. N. Whetstone, *The Awk*, Vol.98, 1980, p. 86.

(12) Ibid, p. 86. L. D. Martin Origins of Higher Groups of Terapods, Ithaca, New York: Comstock Publioshing Association, 1991, pp.485, 540.

(13) S. Tarsitano, M. K. Hecht, *Zoological Journal of the Linnaean Society*, Vol. 69, 1985, p. 178; A. D. Walker, *Geological Magazine*, Vol. 177, 1980, p. 595.

(14) Pat Shipman, "Birds do it ...Did Dinosaurs?", *New Scientist*, fevereiro 1, 1997, p. 31.

(15) "Old Bird", *Discover*, março 21, 1997.

(16) *Ibid.*

(17) Pat Shipman, "Birds do it ...Did Dinosaurs?", *New Scientist*, fevereiro 1, 1997, p. 28.

(18) S. J. Gould & N. Eldredge, *Paleobiology*, Vol. 3, 1997, p. 147.

(19) Pat Shipman. "Birds do it ... Did dinosaurs?". *New Scientist*, fevereiro 1, 1997, p. 31.

(20) *Ibid.*

ORIGEM DAS ESPÉCIES

ARCHAEORAPTOR LIAONINGENSIS

O DINOSSAURO EMPLUMADO DA *NATIONAL GEOGRAPHIC* NÃO VOA (UM "NEGÓCIO DA CHINA"!)

A "National Geographic Society" é amplamente reconhecida como uma das mais importantes propagandistas da Teoria da Evolução Orgânica aos olhos do público. Louis e Richard Leakey poderiam ter permanecido como paleoantropólogos desconhecidos se as suas pesquisas sobre evidências fósseis a favor da evolução humana não tivessem sido financiadas generosamente e fortemente divulgadas pela "National Geographic Society". Hoje, a ideia de que as aves são simplesmente dinossauros terópodos é a doutrina evolucionista em evidência, propagada por essa Sociedade.

Steven A. Austin

Ph.D. e Chefe do Departamento de Geologia do Curso de Pós-Graduação do "Institute for Creation Research" (ICR), USA.

Recentes pesquisas científicas financiadas pela *National Geographic Society* dizem respeito ao que tem sido chamado de "dinossauro emplumado" (ou "passarossauro") dos estratos inferiores do Cretáceo, na Província de Liaoning, na China. Este novo programa de pesquisas parece estar dirigido especificamente com o objetivo de mudar o que o mundo acredita sobre a relação entre os dinossauros e as aves. Um episódio recente foi a descoberta e a divulgação de um determinado fóssil chinês com a aparência de ser uma combinação de ave e dinossauro terópodo. Seria ele realmente o elo perdido na evolução entre dinossauros e aves? Este episódio permite uma excelente análise da ideologia envolvida, e um apanhado jornalístico sobre um punhado de zelosos cientistas e da *National Geographic Society* que os promove.

A descoberta e a interpretação do fóssil

Em 15 de outubro de 1999, em uma reunião com a imprensa em Washington, D.C., a *National Geographic Society* anunciou a descoberta e a interpretação do mais recente fóssil, que foi denominado *Archaeoraptor liaoningensis* (significando "antiga ave predadora de Liaoning").[1]

A entrevista coletiva coincidiu com o lançamento do número de novembro de 1999 da revista *National Geographic*, com o seu artigo "Penas para o *Tyrannosaurus rex*? Novos fósseis semelhantes a aves são os elos perdidos na evolução dos dinossauros."[2] O animal, do tamanho de um peru, de acordo com a *National Geographic*, "é um verdadeiro elo perdido na complexa cadeia que liga os dinossauros às aves. Ele parece captar o 'momento' paleontológico no qual os dinossauros estavam se tornando aves".[3]

De acordo com a nota divulgada para a imprensa, a anatomia do *Archaeoraptor* prova que um dinossauro terópodo foi capaz de voar. As características anatômicas incluíam "uma estrutura peitoral bastante avançada, com um grande esterno e fúrcula – tudo indicando que o animal era um potente voador. Restos de penas circundam os ossos do espécime. E ainda sua cauda era extraordinariamente semelhante às rígidas caudas da família de dinossauros predadores conhecidos como dromeossauros, que inclui os "raptores" do Parque Jurássico.[4]

Foram ressaltadas várias características notáveis: "esse misto de traços avançados e primitivos é exatamente o que os cientistas esperariam encontrar em dinossauros que estivessem experimentando voar",[5] e "é um elo faltante entre os dinossauros terrestres e as aves que realmente podiam voar."[6] Os membros frontais do fóssil são muito semelhantes a asas, bem mais longos do que se esperaria de um dinossauro terópodo usual.

Aparece no artigo uma fotografia, tomando duas páginas, da placa rochosa contendo o *Archaeoraptor*.[7] A descrição e a interpretação do *Archaeoraptor* foram feitas por dois cientistas que têm financiamento da *National Geographic*: Stephen Czerkas, do Museu do Dinossauro (de Monticello, Utah), e Xing Xu, do "Instituto de Paleontologia de Vertebrados e Paleoantropologia" (de Beijing, China). O fóssil foi estudado sob luz normal, luz ultravioleta, escaneamento CAT, e raios-x. Czerkas afirmou que "é um elo faltante que tem tanto as características avançadas de aves como inegavelmente as de dinossauros." Czerkas também foi encarregado pela *National Geographic* de produzir uma escultura do *Archaeoraptor* em tamanho natural. Tanto Czerkas como Xu apareceram na entrevista coletiva de 15 de outubro de 1999, em Washington, e endossaram a autenticidade do fóssil. Também em Washington, Philip J. Curril, do "Museu Real de Paleontologia Tyrrell" (em Drumheller, Alberta, Canadá), endossou o fóssil e sua interpretação como sendo um "dinossauro emplumado". Curril é amplamente conhecido por acreditar que os dinossauros terópodos tinham penas e eram de sangue quente.[8]

A revista *National Geographic* corajosamente ressalta as implicações: "Podemos agora dizer que as aves são terópodos, com a mesma confiança com que dizemos que os seres humanos são mamíferos. Tudo, desde as embalagens de alimentos nas lanchonetes, até as exibições nos museus, mudará para refletir essa revelação."[9]

O impacto sobre o público, produzido pela propaganda do *Archaeoraptor* feita pela *National Geographic Society*, foi enorme. O fóssil apareceu não somente na revista, mas também nas vitrines do "Hall dos Exploradores", de 15 de outubro de 1999 a 18 de janeiro de 2000, na sede da *National Geographic Society*, em Washington, bem como no programa de TV "*National Geographic Explorer*", em 14 de novembro de 1999, no canal CNBC, com o título "Dinossauros desenvolvem asas".

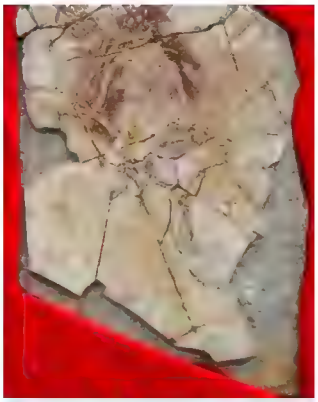
A *Canadian Broadcasting Corporation* pôs no ar uma longa entrevista com Philip Curril relativa ao fóssil. Todas as principais agências de notícias espalharam pelo mundo todo a estória da *National Geographic*. Numerosos *sites* na Internet noticiaram o fóssil, dentre os quais numerosos *sites* educacionais infantis. Essas estórias circularam pouco depois de o Conselho Estadual de Educação de Kansas ter adotado, em agosto, novas diretrizes curriculares para cursos de Ciências, suprimindo referências à "macroevolução".

A fraude vem a público

Numerosos cientistas manifestaram seu ceticismo tanto sobre as alegações feitas, quanto ao próprio fóssil. Particularmente dois cientistas desempenharam papéis importantes questionando o *Archaeoraptor*. Storrs L. Olson, curador ornitológico da *Smithsonian Institution* escreveu: "Com a publicação de 'Penas para o Tyranossauro rex?', de autoria de Christopher P. Sloan, em seu número de novembro, a *National Geographic* atingiu seu pior nível pelo engajamento em jornalismo de tabloide sensacionalista e não substanciado."[10]

Especificamente, Olson havia recebido do fotógrafo da *National Geographic*, antes da entre-

Foto histórica de Czerkas e Xu: "Dinossauros desenvolvem asas"


Detalhe da placa rochosa com seus vários pedaços justapostos

vista coletiva de 15 de outubro de 1999, o pedido para examinar as fotografias de três fósseis chineses que posteriormente foram expostos ao público, antes do artigo ser publicado na *National Geographic*. Olson escreveu: "Mais importante, ainda, realmente não foi comprovado que eram penas quaisquer das estruturas ilustradas no artigo de Sloan que foram declaradas como sendo penas".

Larry D. Martin, paleontólogo da Universidade de Kansas, especialista em fósseis de aves, também não conseguiu ver penas.[11] Além disso, o exame das fotografias feito por Martin (não da placa rochosa real contendo o *Archaeoraptor*) levou-o a propor a hipótese de que os pedaços do fóssil tinham sido justapostos e poderiam incluir mais de um só animal.[12] A cauda semelhante à de dinossauro dificilmente parecia combinar com o corpo semelhante ao de ave. Ainda mais, um exame acurado das fotografias indicou que faltavam ossos entre a cauda e o corpo.

Para encerrar o assunto, após seu retorno à China, Xing Xu soube que a autenticidade do *Archaeoraptor* poderia ser confirmada se fosse localizada a contra-parte da placa de rocha. O fóssil tinha sido descoberto quando a placa original foi dividida ao meio, e somente um de seus lados havia sido usado pela *National Geographic Society*. De maneira interessante, relata-se que Xu encontrou a contra-parte da placa em uma coleção chinesa, mas ela não autenticava a justaposição exibida pela *National Geographic Society*.[13] Parece que dois fósseis distintos foram justapostos. Stephen Czerkas também admitiu as evidências de que os caçadores de fósseis chineses que descobriram o espécime tenham colado as suas partes,[14] embora ainda sustente que a cauda pode combinar com o corpo do fóssil.[15] Philip Curril não pôde mais aceitar a autenticidade do *Archaeoraptor* e expressou verdadeiro remorso por ter sido enganado.[16] Um escritor de notícias científicas descreveu a situação em janeiro de 2000: "Ruborizados e humilhados, os paleontólogos estão se convencendo crescentemente que foram um joguete nas mãos de uns pedaços de fósseis da China que forjaram uma fraude. O espécime de 'dinossauro emplumado', que recentemente expuseram com tanto estardalhaço, aparentemente é a combinação da cauda de um dinossauro com o corpo de uma ave, afirmam eles."[17]

Conclusão

Os acontecimentos em torno do *Archaeoraptor* permitem uma rara análise do posicionamento ideológico e jornalístico que pode ser embutido na divulgação pública de um elo perdido. A afirmação de Sloan, de que "podemos agora dizer que as aves são terópodos com a mesma confiança com que dizemos que os seres humanos são mamíferos"[18] é uma afirmação infundada do editor, destinada a influenciar a percepção do público, e não a afirmação de um cientista documentada com fatos. A propaganda editorial precisa ser levada em conta com atenção ao detalhe e às evidencias empíricas. Storrs Olson, na *Smithsonian Institution* pode ter a melhor análise das lições aprendidas do caso do *Archaeoraptor*:

"A ideia de dinossauros emplumados e da origem terópoda das aves está sendo ativamente propagada por um conjunto de zelosos cientistas atuando em conexão com certos editores da *Nature* e *National Geographic* que têm-se tornado, eles mesmos, destacados catequistas da nova fé, altamente preconceituosos. A verdade e o cuidadoso peso das evidências têm-se encontrado entre as primeiras vítimas de seu programa, que hoje está se tornando uma das maiores fraudes científicas de nossa época – o equivalente paleontológico do episódio da fusão a frio."[19]

Recentemente, outro "fóssil chinês" publicado pela revista *Nature* foi questionado.[20] Como frequentemente ocorre quando a mídia revela mais uma "prova" a favor da Evolução, especialmente antes que apareça na literatura científica cuidadosa descrição da alegação, as evidências são exageradas, ou como neste caso, são fraudulentas. Às vezes, tempo e estudo cuidadoso é tudo o que se necessita para refutar esse tipo de "provas".

Referências

1. Nota da NGS liberada para a imprensa em 15 de outubro de 1999, pelos comunicadores Barbara Moffet e Ellen Siskind, posta na Internet em URL http://www.nationalgeographic.com/events/release/pr991015.html
2. *C. P. Sloan, "Feathers for* T. rex? *New birdlike fossils are missing links in dinosaur evolution". National Geographic 196:98-107, Novembro 1999.*
3. Nota da NGG citada em 1.

4. Nota da NGG citada em 1.
5. Nota da NGG citada em 1.
6. Sloan, 1999, p. 100, citando o paleontólogo Stephen Czerkas.
7. Sloan, 1999, pp. 100-101.
8. *J. Qiang, P. J. Currie, M. A. Norell e J. Shu-Na. "Two feathered dinosaurs from northeastern China". Nature 393:753-761, 1998.*
9. Sloan, 1999, p. 102.
10. Storrs L. Olson, carta aberta datada de 1º de novembro de 1999 dirigida a Peter Raven, da NGS. Peter Raven é cientista sênior na NGS.
11. Olson, carta aberta datada de 1º de novembro de 1999 citada em 10.
12. *R. Monastersky, "Smuggled Chinese dinosaur to fly home" Science News 156:328, November 20, 1999.*
13. *R. Monastersky, "All mixed up over birds and dinosaurs", Science News 157:38, January 15, 2000.*
14. Monastersky, 1999.
15. Monastersky, 2000.
16. Monastersky, 2000.
17. Monastersky, 2000.
18. Sloan, 1999, p. 102.
19. Olson, carta aberta datada de 1º de novembro de 1999 citada em 10.
20. *Zhonge Zhon, curador ornitológico do Instituto de Paleontologia de Vertebrados e Paleoantropologia em Beijing, é citado pelo jornal "USA Today" de 1º de fevereiro de 2000, p. 2A, como tendo afirmado que foi adicionada uma cauda a um pterossauro fóssil proveniente de Liaoning, publicado por Kevin Padian da Universidade da Califórnia em Berkeley, na prestigiosa revista científica "Nature" 398: 573, 574, 15 de abril de 1999.*

Agradecimentos da SCB

Agradecemos ao *Institute for Creation Research* pela autorização dada para a publicação desta notícia veiculada em seu boletim mensal, *Impact*, nº 321, de março de 2000.

Nota editorial

Recomendamos aos leitores a revisão bibliográfica apresentada no final deste número da Revista Criacionista sobre o livro de Maurizio Blondet, *O Passarossauro e Outros Animais - A Catástrofe do Darwinismo*, em conexão com esta notícia.

PENAS PARA O T. REX?
Artigo original publicado na revista da *National Geographic*

Notícias

E mais

- O *ARCHAEORAPTOR LIAONINGENSIS* NÃO DECOLOU
- O PROJETO DAS PENAS DAS AVES
- QUAL É A ORIGEM DAS MOSCAS?
- O FILME "JURASSIC PARK"
- O ÚLTIMO PASSAROSSAURO E OS FATOS – O *MICRORAPTOR-GUI*
- O QUE SERIA NECESSÁRIO PARA UM DINOSSAURO SE TRANSFORMAR EM AVE?
- PENAS OU PÁSSAROS – O QUE VEIO PRIMEIRO?
- CELACANTO – *LATIMERIA CHALUMNAE*: O CASO DOS "FÓSSEIS VIVOS"
- O "MONSTRO DE *LOCH NESS*"
- E O "MAPINGUARI"?
- QUAL FOI A CAUSA DA EXTINÇÃO DOS DINOSSAUROS?
- AINDA A PREMIAÇÃO DO LIVRO "EVOLUÇÃO – UM LIVRO TEXTO CRÍTICO"
- CONFERÊNCIAS DO DR. DUANE GISH NO BRASIL
- CRIACIONISMO EM DEBATE NA GRANDE IMPRENSA
- ELES TÊM QUASE TUDO EM COMUM
- O *PASSAROSSAURO* E OUTROS ANIMAIS – A CATÁSTROFE DO DARWINISMO
- A TEORIA DA EVOLUÇÃO, A CIÊNCIA EXPERIMENTAL E A EXISTÊNCIA DE DEUS

O *ARCHAEORAPTOR LIAONINGENSIS* NÃO DECOLOU

Todos viram a notícia! Com grande estardalhaço foi exibida uma forma de transição entre os dinossauros e as aves, completa, consistindo de um corpo de pássaro e uma cauda de dinossauro. Foi então afirmado que finalmente havia sido descoberto o fóssil de um elo perdido, e comprovado que os dinossauros evoluíram tornando-se pássaros. E foi-lhe dado o pomposo nome de *Archaeoraptor liaoningensis*.

A principal divulgação pela mídia foi feita em outubro de 1999, à qual seguiu um artigo publicado no número de novembro de 1999 da revista *National Geographic*. Tratava-se de um fóssil exportado da China clandestinamente, vendido a um colecionador particular, apresentado em reuniões técnicas, e aceito sem maior questionamento. Houve uns poucos estudiosos que manifestaram preocupações, mas suas observações foram ignoradas na pressa de aceitar esta nova "prova" da evolução.

Então, em meados de janeiro de 2000 surgiu a notícia de que o fóssil muito provavelmente era uma fraude, tendo sido uma justaposição cuidadosa de fósseis de

Reconstituição do *Archaeoraptor liaoningensis* publicada no número de novembro de 1999 da revista *National Geographic*, ilustrando o artigo "Penas para o *T. rex*?"

uma ave verdadeira com um dinossauro verdadeiro. Para os que não participaram da fraude, a indicação e a retratação foram tanto encaradas com humor quanto foram também traumáticas. É o que está bem documentado no artigo do Dr. Steve Austin, no boletim *Impact,* nº 321, de março de 2000, publicado pelo *Institute for Creation Research* e transcrito neste número da Folha Criacionista como o último artigo, com o título "*Archaeoraptor liaoningensis: o dinossauro emplumado da National Geographic não voa (Um negócio da China!)*".

Que lições podemos aprender deste episódio? E qual deveria ser nossa posição em face de outras alegações semelhantes? Qual foi a posição inicial *do Institute for Creation Research* (ICR)?

Ao se depararem com alegações sensacionais da mídia (com escassos dados reais) os cientistas do ICR recomendam uma atitude de "esperar para ver". Frequentemente alegações públicas extraordinárias são retratadas dentro de pouco tempo (um ano ou pouco mais), após serem efetuadas investigações mais cuidadosas. [Lembram-se do meteorito de Marte com microfósseis? Dentro de alguns meses, após a evolução ter sido promovida com sucesso pela mídia, tudo foi refutado cientificamente. (Ver na Folha Criacionista 54/55 a Notícia ""Marte - Novamente em cena a vida extra-terrestre" e na Revista Criacionista 84 a Notícia "A suposta descoberta de vida extra-terrestre em meteoritos")] Não seja vítima de alegações que são "muito boas para serem verdadeiras". Provavelmente elas não são, e só o tempo mostrará.

Eis a questão. Os dinossauros não evoluíram tornando-se aves, e uma vez que todos os fatos sejam conhecidos, isso ficará claro. Às vezes, resta-nos somente esperar.

Agradecemos ao "Institute for Creation Research" pela autorização para a publicação desta nota, veiculada em seu boletim mensal "Acts and Facts", vol. 29 nº 3, de março de 2000.

O PROJETO DAS PENAS DAS AVES

A propósito da discutida questão sobre penas em fósseis de supostos seres intermediários entre répteis e aves, transcrevemos a seguir algumas observações de interesse sobre peculiaridades das penas de aves.

A Teoria da Evolução, que alega que as aves evoluíram a partir de répteis, é incapaz de explicar as enormes diferenças que existem entre essas duas classes distintas de seres vivos. Em termos de características tais como a estrutura de seu esqueleto, sistema pulmonar e o metabolismo de sangue quente, as aves são muito diferentes dos répteis. Outra característica que estabelece um hiato insuperável entre as aves e répteis são as penas das aves, que apresentam forma totalmente peculiar.

Os corpos dos répteis são recobertos de escamas, enquanto os das aves são recobertos de penas. Como os evolucionistas consideram os répteis como ancestrais das aves, eles são obrigados a afirmar que as penas dos pássaros evoluíram a partir das escamas dos répteis. Entretanto, não existe qualquer semelhança entre escamas e penas.

O professor de Fisiologia e Neurobiologia da Universidade de Connecticut, A. H. Brush, embora sendo evolucionista, aceita essa realidade: "Todas as características, desde a estrutura e organização genética, até o desenvolvimento, morfogênese e organização dos tecidos

***Sinosauropteryx* fóssil**

é diferente (entre as penas e as escamas)."[1]

Além disso, o Prof. Brush examina a estrutura das proteínas das penas das aves e destaca que ela é "singular, entre os vertebrados".[2]

Não existem evidências fósseis de que as penas das aves tenham evoluído a partir de escamas de répteis. Pelo contrário, "as penas aparecem repentinamente no registro fóssil, como um inegável caráter peculiar distintivo das aves", como afirma o Prof. Brush [3]. Além disso, não foi detectada até agora nenhuma estrutura epidérmica nos répteis que proporcione a origem das penas das aves.[4]

Em 1996, paleontologistas fizeram um estardalhaço sobre os fósseis de um suposto dinossauro emplumado, o *Sinosauropteryx*. Entretanto, em 1997 foi revelado que estes fósseis nada tinham a ver com aves, e que não tinham penas como as atuais.[5]

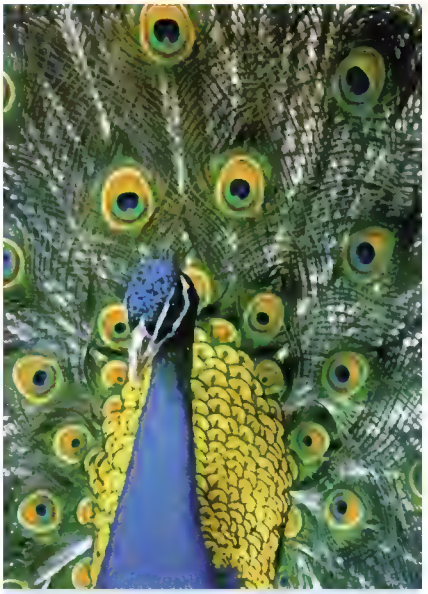
Por outro lado, quando examinamos mais detidamente as penas das aves, observamos um projeto muito complexo que não pode ser explicado por qualquer processo evolutivo. O famoso ornitologista Alan Feduccia declara que "cada detalhe delas tem funções aerodinâmicas. Elas são extremamente leves, têm a capacidade de produzir força de sustentação que cresce com a diminuição da velocidade, e podem re-

A estrutura das penas

Quando as penas das aves são examionadas detalhadamente, verifica-se que elas são feitas de milhares de finas bárbulas entrelaçadas mediante ganchos, Este projeto peculiar resulta em um desempenho aerodinâmico superior

tornar à posição inicial muito facilmente". E continua ele: "Não posso realmente compreender como um órgão tão perfeitamente projetado para o voo possa ter surgido para outra finalidade inicialmente."[6]

O projeto das penas também levou Charles Darwin a pensar no assunto. Mais ainda, a estética perfeita das penas do pavão o deixava "doente" (em suas próprias palavras). Em uma carta escrita para Asa Gray, em 3 de abril de 1860, ele afirmou: "Lembro-me bem dessa época em que só de pensar no olho eu tinha calafrios, mas superei essa fase de preocupação ..." E então ele continuou: "... E agora particularidades insignificantes de estruturas frequentemente me deixam muito desconfortável. A vista de uma pena



O glorioso espetáculo das penas de pavão!

da cauda de um pavão, sempre que a observo, me deixa doente!"[7]

Referências:

1. A. H. Brush, "On the Origin of Feathers", *Journal of Evolutionary Biology*, vol. 9, 1996, p. 132.
2. *A. H. Brush*, "On the Origin of Feathers", p. 131.
3. Ibid.
4. Ibid.
5. "Plucking the Feathered Dinosaur", *Science*, vol. 278, 14 Nov. 1997, p. 1229.
6. Douglas Palmer, "Learning to Fly" (*Review of The Origin and Evolution of Birds*, por Alan Feduccia, Yale University Press, 1996), *New Scientist*, vol. 153, 1 Março 1997, p. 44.
7. Norman Macbeth, *Darwin Retried: No Appeal to Reason*, Boston, Gambi, 1971, p. 101.

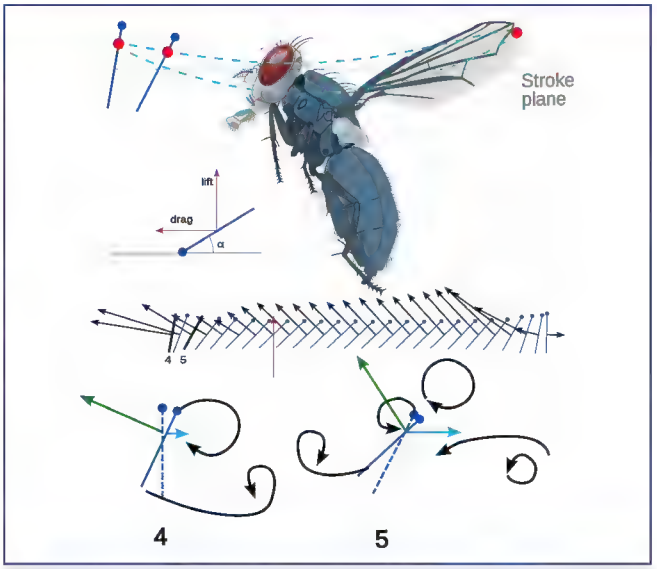
QUAL É A ORIGEM DAS MOSCAS?

Um exemplo de cenário evolucionista é apresentado por Harun Yahya em seu livro "O Engano do Evolucionismo" em ilustração na qual os dinossauros de repente adquirem asas ao tentarem apanhar moscas!

Seguem os seus comentários a respeito do tema.

Alegando que os dinossauros se transformaram em aves, os evolucionistas fundamentam sua suposição dizendo que al-

Um exemplo de cenário evolucionista: Dinossauros que de repente adquirem asas ao tentarem apanhar moscas!



Exemplificação da complexidade do voo da mosca

guns dinossauros que agitavam seus membros dianteiros para caçar insetos "adquiriram asas e voaram", como desenhado na figura acima. Esta teoria, sem qualquer base científica, e nada mais sendo do que mera ficção, contém uma contradição lógica bastante simples: o exemplo dado pelos evolucionistas para explicar a origem do voo – os insetos – já têm a capacidade perfeita de voar! Enquanto um ser humano não consegue abrir e fechar seus olhos 10 vezes por segundo, uma mosca bate suas asas em média 500 vezes por segundo. Ainda mais, movendo simultaneamente ambas as asas. O menor descompasso no bater das asas faria com que ela perdesse o equilíbrio, mas isso jamais acontece.

Os evolucionistas deveriam em primeiro lugar apresentar uma explicação para a questão de como os insetos adquiriram esta perfeita capacidade para voar. Ao invés disso, ficam fabricando cenários imaginários para tentar explicar como criaturas mais desajeitadas, como os répteis, teriam começado a voar.

Até mesmo a perfeição da mosca doméstica invalida as alegações dos evolucionistas. O biólogo inglês Robin Wootton escreveu em um artigo intitulado "O projeto mecânico das asas da mosca": "Quanto mais compreendemos o funcionamento das asas dos insetos, mais sutil e belo seu planejamento surge. As estruturas tradicionalmente são projetadas para se deformarem o mínimo possível; os mecanismos são projetados para movimentar suas partes componentes de maneira predizível. As asas dos insetos combinam ambas as coisas em uma só, usando componentes com ampla gama de propriedades elásticas, elegantemente dispostos para permitir deformações razoáveis em resposta a forças adequadas, e para fazer o melhor uso do ar. De fato, elas ainda não têm qualquer paralelo tecnológico atualmente."(1)

Por outro lado, não existe sequer um fóssil que possa constituir evidência a favor da imaginária evolução dos insetos. Isto é o que o distinto zoologista francês Pierre Grassé quis expressar ao dizer: "Estamos no escuro no que diz respeito à origem dos insetos."(2)

Referências:

1. Robin J. Wootton, "The Mechanical Design of Insect Wings", *Scientific American*, vol. 263, novembro 1990, p. 120.
2. Pierre P. Grassé, "Evolution of Living Organism", New York.

O FILME "JURASSIC PARK"

Transcreve-se, a seguir, trecho da palestra intitulada "El Intrigante Dinosaurio", apresentada pela Dra. Elaine Kennedy, pesquisadora do "Geoscience Research Institute", de Loma Linda, Califórnia, EUA, no Segundo Encontro de Criacionistas, realizado em São Paulo, no Centro Universitário Adventista, em 1993, com interessante comentário a respeito do famoso filme de Steven Spielberg, que praticamente foi o responsável pelo início da moderna onda de "dinomania" que se espalhou rapidamente pelo mundo todo. Nesta transcrição pode-se perceber como a verdade científica pode ser distorcida para que os "efeitos especiais" fiquem mais impressionantes, transmitindo noções pré-concebidas dentro de uma estrutura conceitual evolucionista.

O livro escrito por Michael Crichton, e o filme produzido por Steven Spielberg despertaram grande interesse pelos dinossauros, de modo que são oportunas algumas rápidas observações sobre ambos. Dos 10 dinossauros apresentados no texto (e no filme) como sendo "jurássicos", cinco aparecem nas camadas sedimentares do Cretáceo: *Velociraptor*, *Gallimimus*, *Tyranosaurus rex*, *Triceratops* e *Parasaurolophus*. O *Procompsognathus* aparece nas camadas sedimentares do Triássico. Somente os quatro restantes aparecem nas camadas do Jurássico.

O *Velociraptor* é apresentado no filme com o dobro do seu tamanho real.

O *Procompsognathus* (abreviadamente *Compys*) e o *Dilophosaurus* (abreviadamente *Dilophs*) são retratados com características venenosas: o *Compys* supostamente teria uma mordida venenosa, e o *Dilophs* cuspiria veneno. O crânio destes dinossauros, porém, aparentemente não contêm estruturas que evidenciem glândulas ou vesículas venenosas. A natureza venenosa destes animais, tal como retratada no filme, está baseada na Teoria da Evolução, particularmente nas supostas relações que existiriam entre os dinossauros e as aves que usam toxinas para os nervos, os sapos que entumecem sua presa, e as cobras que cospem.

A coloração dos dinossauros está baseada na Teoria da Evolução e nas supostas relações que existiriam entre os dinossauros, as aves e os répteis. A conduta gregária atribuída ao *Velociraptor* (abreviadamente *Raptor*) não parece ser sustentada pela literatura científica. De fato, a literatura relata que foram encontrados mortos juntos um *Raptor* e um *Protoceratops*, e não seria de esperar que se encontrassem restos articulados de *Velociraptor* ao redor da cabeça de *Protoceratops* se um grupo de rapina tivesse participado junto na matança. O *Raptor* deve ter atuado individualmente.

A denominação de *Brontossauro*, que foi usada no texto e no filme, havia sido dada pelos paleontólogos originalmente a um animal que tinha sido reconstituído com a cabeça de um *Hadrossauro* e o corpo de um *Apatossauro*, e a partir de quando este erro foi corrigido, essa denominação foi alterada para *Apatossauro*, caindo em desuso a denominação de *Brontossauro*. Sua parte posterior sobre as patas foi suposta a partir da anatomia da pélvis e da coluna vertebral.

A conduta gregária do dinossauro bico-de-pato *Parasaurolo-*

phus, do dinossauro com chifres *Triceratops*, e do minúsculo *Othy* baseia-se nos depósitos de restos ósseos, enquanto a conduta gregária do *Gallimimus*, parecido com um avestruz, e dos *Compys*, é imaginada a partir da distribuição das pegadas dos adultos. Entretanto, não deveria ser empregada nenhuma das duas fontes de dados como evidência sólida de conduta gregária. Uma evidência melhor dessa conduta gregária, documentada por pegadas do *Apatossauro*, contém tanto pegadas de adultos como de jovens, estando a dos jovens no centro dos rastos.

Estes poucos exemplos ilustrativos são um alerta para que não sejamos presa da ficção cinematográfica, que nos condiciona à aceitação de supostas verdades que na realidade fazem parte de uma estrutura conceitual e pouco ou nada têm de verdadeiramente científico!

O ÚLTIMO PASSAROSSAURO E OS FATOS O *MICRORAPTOR-GUI*

(MAIS UM "NEGÓCIO DA CHINA"!)

A respeito da notícia veiculada pela imprensa, no início de fevereiro de 2003, sobre a descoberta de um fóssil intermediário entre os dinossauros e os pássaros, tendo quatro asas, o Dr Harun Yahya, conhecido cientista criacionista da Turquia, fez circular pelo correio eletrônico a apreciação seguinte, que traduzimos, com sua permissão, para nossos leitores, por se tratar de importante alerta para os incautos que inadvertidamente aceitam sem maior espírito crítico o sensacionalismo dos meios de comunicação:

Na semana passada (o e-mail é datado de 12/02/03), os meios de comunicação em todo o mundo alardearam a descoberta recente de um grupo de fósseis na China como evidência a favor da Teoria da Evolução. O "Instituto de Paleontologia e Paleoantropologia de Beijing" divulgou uma declaração afirmando que um dos seis fósseis do grupo pertencia a um "passarossauro com quatro asas", e que essa criatura extinta era capaz de voar, ou pelo menos planar saltando de árvores. A mídia darwinista novamente desenterrou sua velha propaganda "aves evoluíram a partir de dinossauros", embora esta teoria já tivesse sido refutada completamente repetidas vezes. De fato, absolutamente não existem evidências que pudessem apoiar esta propaganda, pois nem este "passarossauro de quatro asas", nem quaisquer outros dados científicos apoiam a teoria de que as aves tenham evoluído a partir dos dinossauros.

O novo fóssil foi datado como sendo 20 milhões de anos mais recente do que o *Archaeopteryx*. Praticamente todas as pessoas que conhecem mesmo só um pouco de Paleontologia já ouviram falar do *Archaeopteryx*. Esta criatura, um dos mais celebrados achados fósseis, era uma ave que viveu há cerca de 150 milhões de anos, na escala de tempo geológica evolutiva. O mais importante sobre o *Archaeopteryx* é que ele é a ave mais antiga até hoje descoberta. Nenhum cientista desenterrou qualquer ave fóssil datada como sendo anterior ao *Archaeopteryx*.

Outro impressionante aspecto do *Archaeopteryx* é ser ele uma verdadeira ave, com todas as características de ave. Suas penas assimétricas, idênticas às das aves atuais, juntamente com sua estrutura perfeita das asas, esqueleto leve com ossos ocos, esterno sustentando os músculos das asas, e muitas outras características, convenceram os cientistas de que ele era uma ave plenamente capaz de voar.

Entretanto, dois aspectos do *Archaeopteryx* que diferem grandemente das aves modernas são suas asas com garras, e os dentes em seu bico. Devido a essas duas características, os evolucionistas, desde o século XIX, tentaram apresentar essa ave como sendo um "semi-réptil". Porém essas características não apontam para

um elo entre o *Archaeopteryx* e os répteis. As pesquisas mostram que o hoatzin, uma espécie de ave que ainda vive em nossos dias, também tem garras em suas asas na sua forma juvenil. E o *Archaeopteryx* não é a única "ave com dentes", pois outras espécies de aves representadas no registro fóssil também apresentam dentes.

Assim, como se pode ver, a tese evolucionista que caracteriza o *Archaeopteryx* como uma "ave primitiva" é incorreta, e de fato os cientistas passaram a aceitar que essa criatura parece muito mais com as aves atuais. Por exemplo, o Professor Alan Feduccia, da Universidade do Kansas, um dos mais eminentes ornitologistas do mundo, afirmou que "a maioria dos pesquisadores que têm estudado várias características anatômicas do *Archaeopteryx* têm achado que essa criatura é muito mais semelhante às aves do que previamente imaginado". A propaganda darwinista sobre o *Archaeopteryx* não tem fundamento, e o Prof. Feduccia indicou também que, até recentemente, "a semelhança do *Archaeopteryx* com os dinossauros terópodos tem sido grandemente superestimada". Em suma, então, o *Archaeopteryx* é a ave mais antiga (na escala geológica evolutiva, ele tem 150 milhões de anos) que apresenta características semelhantes às das aves modernas e que tem o mesmo poder de vôo.

O problema da idade para os evolucionistas

O *Archaeopteryx* ressalta uma incongruência fundamental na estrutura conceitual evolucionista – as aves teriam existido há 150 milhões de anos, já com capacidade de voar, e portanto, os "ancestrais das aves" deveriam ser mais antigos do que esses 150 milhões de anos. Este fato, por si só, é suficiente para mostrar que a alegação da existência do "passarossauro de quatro asas" divulgada pelo mundo todo é tanto extremamente superficial como errônea. De fato, o fóssil chinês denominado *Microraptor-gui*, que os evolucionistas estão tentando descrever como o "ancestral das aves primitivas", teria somente 130 milhões de anos na escala geológica – 20 milhões de anos a menos do que a ave mais antiga conhecida. Obviamente é um enorme contrassenso a apresentação de uma ave como "ancestral das aves primitivas", quando as aves estariam voando nos ares vinte milhões de anos antes que essa criatura existisse!

Realmente, esse "problema cronológico" existe com todos os fósseis de "passarossauros" que são considerados como supostos ancestrais das aves. Os evolucionistas que acreditam que as aves descenderam dos dinossauros afirmam que os ancestrais das aves foram os dinossauros terópodos, que eram bípedes. Entretanto, os dinossauros terópodos aparecem depois do *Archaeopteryx* no registro fóssil, e os evolucionistas sempre procuraram encobrir estas flagrantes contradições. Os mesmos esforços para encobrir esses fatos podem também ser vistos nas notícias de jornais acerca do fóssil *Microraptor-gui*. Todos os jornais e revistas evolucionistas alardeando esse fóssil como um "pássaro primitivo" de 130 milhões de anos, jamais se preocuparam em mencionar que o *Archaeopteryx* indiscutivelmente era capaz de se deslocar nos ares perfeitamente cerca de 20 milhões de anos antes.

Microraptor-gui

Então, o que vem a ser o chamado "dinossauro de quatro asas", ou em outras palavras, o *Microraptor-gui*?

É muito cedo ainda para responder essa pergunta. Muita pesquisa será feita sobre esse fóssil, cujos resultados poderão alterar fundamentalmente os pontos de vista atuais a seu respeito. De maneira semelhante, todos os fósseis de "passarossauros" surgidos

O fóssil denominado *Microraptor-gui*

desde o início da década de 1990 foram, sem exceção, desacreditados. Um desses "dinossauros emplumados", o *Archaeoraptor*, foi comprovadamente uma fraude, como visto em notícia anterior neste mesmo número da Revista Criacionista. Estudos detalhados sobre outros fósseis de "passarossauros" mostraram que as "penas" eram na realidade fibras de colágeno sob a pele. Nas palavras do Prof. Feduccia, "muitos dinossauros foram representados com uma cobertura de penas de formato aerodinâmico, absolutamente sem qualquer documentação". Em seu livro publicado em 1999, escreveu ele: "Finalmente nenhum dinossauro emplumado jamais foi encontrado, embora muitos dinossauros mumificados, com pele bem conservada, sejam conhecidos em diversas localidades".

Portanto, ao procurar responder o que exatamente é o *Microraptor-gui*, devemos ter em mente a atitude especulativa e preconceituosa dos evolucionistas. Essa criatura deveria ter uma estrutura anatômica consideravelmente diferente dos esquemas da "reconstrução" que aparecem nos meios de comunicação.

Isto também foi observado pelo Prof. Alan Feduccia. Em correspondência recente escreveu ele: "Não estou ainda convencido de que a criatura tenha quatro asas. Poderíamos estar vendo penas de asas deslocadas de seu lugar, ficando difícil a sua interpretação. Também as características que ligam este animal ao dromeossauro são muito tênues. Certamente a cauda é muito diferente da cauda dos dromeossauros conhecidos, e a garra não é falciforme, mas somente um pouco maior. O pubis também é mais semelhante ao de aves. Talvez não estejamos vendo um dromeossauro voador, mas sim um remanescente da irradiação inicial das aves... alguns 20 a 30 milhões de anos após o *Archaeopteryx*."

E mesmo que as projeções feitas a respeito do *Microraptor-gui* venham a se mostrar corretas, a Teoria da Evolução não ganharia nenhuma credibilidade por essa causa. No decorrer da História, dezenas de milhões de espécies viveram dentro de um vasto espectro biológico, e muitas delas foram extintas em certas épocas. Da mesma maneira que presenciamos mamíferos voadores atuais, como os morcegos, épocas anteriores presenciaram a existência de répteis alados (pterossauros). Muitos grupos distintos de répteis marinhos (por exemplo os ictiossauros) viveram no passado e foram extintos. Porém, o impressionante com relação a esse amplo espectro é que criaturas com diferentes características e estruturas anatômicas, apareceram abruptamente e plenamente formadas, e não evoluindo de formas ancestrais "mais primitivas". Por exemplo, vemos todas as complexas estruturas das aves aparecendo repentinamente no *Archaeopteryx*. Não existem "aves primitivas" nem "voo primitivo". A própria noção de "pulmão primitivo" das aves desafia todas as possibilidades, pois o pulmão das aves – estruturalmente muito diferente do pulmão dos répteis e dos mamíferos – tem uma estrutura irredutivelmente complexa. Em suma, o registro fóssil continua a sustentar a conclusão de que todas as criaturas apareceram na face da Terra por **criação** e não por evolução natural.

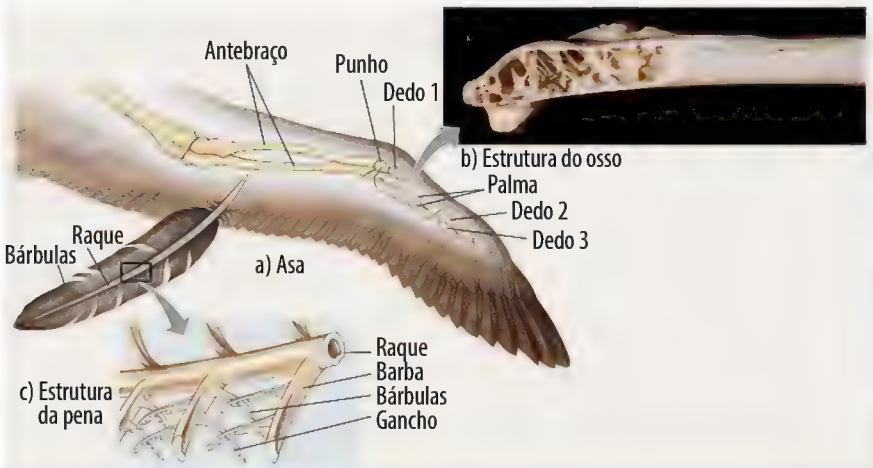
As alegações feitas neste último episódio do "passarossauro" não alteram, e não podem alterar, este fato.

O QUE SERIA NECESSÁRIO PARA UM DINOSSAURO SE TRANSFORMAR EM AVE?

Esta nota, de autoria de John D. Morris, foi veiculada no Boletim mensal "Back to Genesis", nº 135, de março de 2000 publicado pelo "Institute for Creation Research". O autor é Ph.D. em Geologia e Vice-Presidente do "Institute for Creation Research" e agradecemos a ele pela autori-

zação para a sua publicação neste número da Revista Criacionista.

Alguns evolucionistas têm despendido grandes esforços tentando confirmar que as aves evoluíram a partir dos dinossauros. De fato, existem algumas semelhanças entre os respectivos esqueletos, o que tem levado esses evolucionistas a minimizar as diferenças e a ressaltar qualquer possível indício de que as duas classes possam relacionar-se entre si (como por exemplo suspeitas da existência de penas nos dinossauros terópodos). Parece mesmo que alguns recorrem até a fraude para confirmar esse relacionamento. Compete a nós acautelarmo-nos e examinarmos o que se passa. Quais são as transformações estruturais e fisiológicas que deveriam ocorrer para a mudança de uma dessas classes em outra? A seguinte lista resumida de obstáculos evolutivos poderá ser útil.



Esquema da estrutura de penas e ossos da asa de ave moderna

Afirma-se, em geral, que os terópodos terrestres aprenderam a correr e saltar para caçar insetos, e em seguida passaram a usar os braços com escamas rustidas para voar.

O voo, porém, requer penas entrelaçadas plenamente desenvolvidas, além de ossos ocos, para não mencionar os músculos especiais e o esterno em forma de quilha para ancorá-los.

Penas

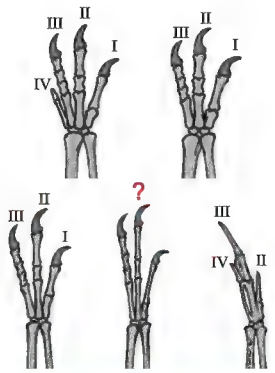
As penas de maneira alguma são semelhantes às escamas. Mesmo que as escamas fossem rustidas, não seriam entrelaçadas e impermeáveis ao ar como as penas. Na realidade, as penas são mais semelhantes a folículos pilosos do que a escamas. Seria possível um projeto tão preciso surgir por mutação?

Tipos diversos de penas de aves

Em todas as descobertas recentes de dinossauros fósseis com "penas", elas são somente inferidas. O que realmente existe seria melhor descrito como finos filamentos originados sob a pele.

Asas

Pensa-se que os propostos ancestrais das aves andavam sobre suas pernas traseiras. Seus pequenos membros dianteiros tinham dedos semelhantes aos de uma mão, contando, porém, somente os dígitos um, dois e três. Os membros dianteiros das aves contêm os dígitos dois, três e quatro. [Ver *Pterosaurs to Birds* em http://pterosaurnet.blogspot.com.br/2015/07/fingers-quick-summary.html]

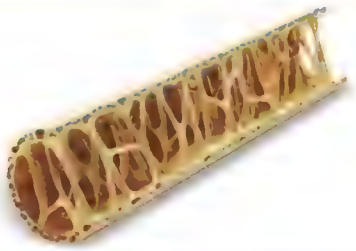


Hipótese da suposta evolução dos ossos de patas dianteiras de Terópodos para ossos de asas de aves modernas

(Ref. *Pterosaurs to Birds*)

Ossos

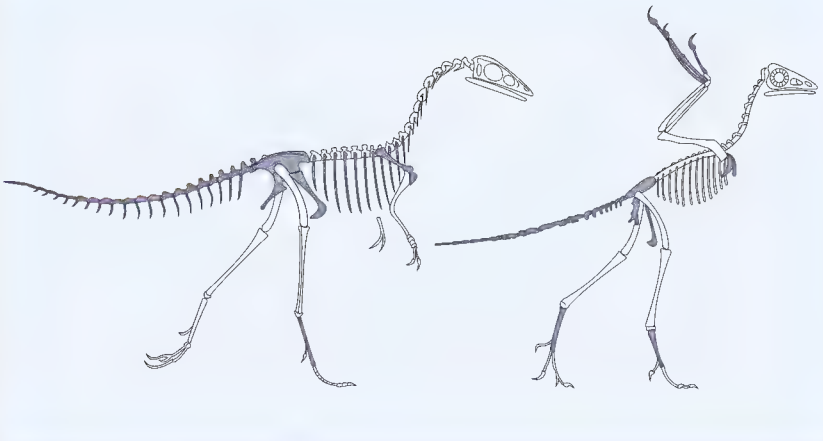
As aves têm delicados ossos ocos para diminuir o seu peso, enquanto que os dinossauros têm ossos sólidos e pesados.



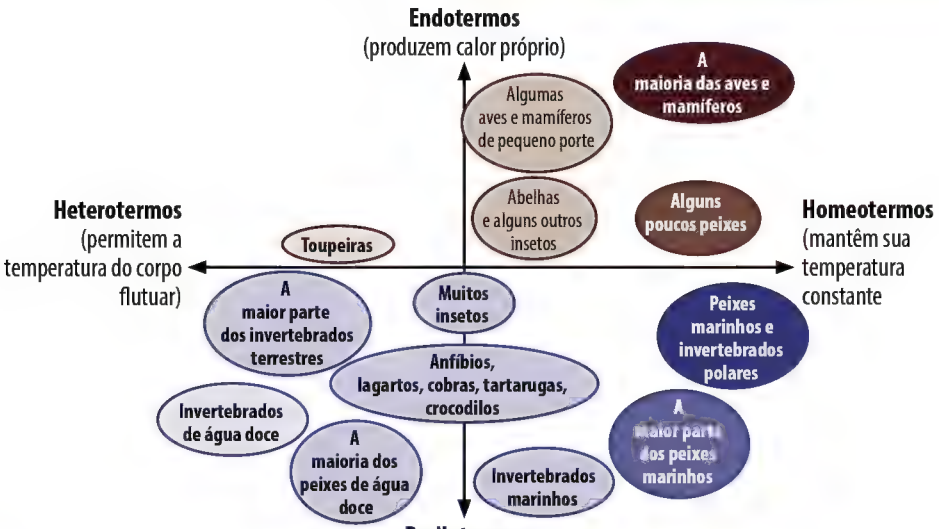
Delicada estrutura óssea das aves em forma de treliças

A disposição e a conformação dos ossos das aves podem ser análogas às dos dinossauros, mas na realidade elas são muito diferentes. Por exemplo, a pesada cauda dos dinossauros (necessária para equilibrá-los sobre as duas pernas traseiras) impediria qualquer possibilidade de vôo.

Além disso, os terópodos eram dinossauros com ossos das articulações traseiras semelhantes aos dos lagartos, e não semelhantes aos das aves, como seria de esperar dos ancestrais delas.



Comparação entre esqueletos de *Compsognathus* (terópode) e *Archaeopteryx* (ave)



Esquema ilustrativo da enorme distância entre as aves homeotérmicas e os répteis pecilotérmicos

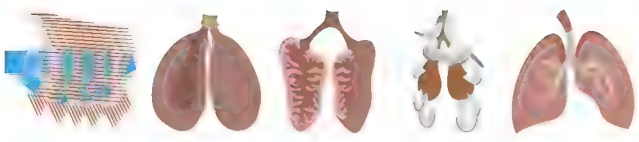
Sangue quente

As aves são animais de sangue quente, com exigência de alimento e metabolismo excepcionalmente altos. Embora o metabolismo dos dinossauros possa ser questionado, todos os répteis atuais são animais de sangue frio, com estilo de vida mais letárgico.

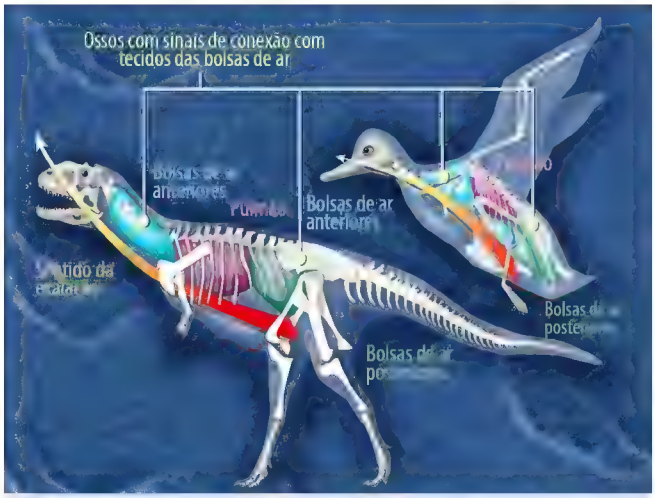
Pulmões

As aves são singulares dentre os vertebrados terrestres por não inspirarem e expirarem. Nelas o ar escoa de maneira contínua em uma alça unidirecional, sustentando o seu alto metabolismo.

A respiração dos répteis é completamente diferente, mais próxima da dos mamíferos.



Peixe Anfíbio Réptil Ave Mamífero



Comparação entre pulmões de réptil e ave

Outros órgãos

As partes moles das aves e dos dinossauros, além dos pulmões, são totalmente diferentes entre si. Um dinossauro encontrado recentemente "mumificado", com tecidos moles fossilizados, mostrou-se bastante semelhante aos crocodilos e em nada parecido com aves.

Assim, a transição de dinossauro a ave enfrenta muitos obstáculos enormes, e não somente a aquisição de penas. E pior ainda, para a transição, a maioria, se não todas as características definitivas deveriam ser adquiridas simultaneamente. Todas deveriam estar presentes juntas ou não teriam um propósito válido.

As estórias evolutivas não se adaptam aos fatos.

PENAS OU PÁSSAROS

O QUE VEIO PRIMEIRO?

Com o título acima, a revista "Scientific American Brasil", em seu número de abril de 2003, página 64 em diante, publicou um artigo de autoria de Richard O. Prum e Alan H. Brush versando sobre a controvérsia evolucionista a respeito do que teria surgido primeiro – as penas ou as aves?

O autor é o mesmo evolucionista A. H. Brush mencionado na primeira das Notícias apresentadas neste número da Revista Criacionista, com o título "O Projeto das Penas das Aves".

São apresentadas no artigo interessantes considerações sobre "cabelos, escamas, pêlos, penas, ... formas que a natureza inventou para proteger o corpo". Na realidade, o assunto principal é a "evolução da pena" "ao longo dos períodos inacessíveis dos tempos pré-históricos". Não deixa de ser curioso o novo campo da "Biologia do Desenvolvimento Evolutivo", indicado pela sigla "Evo-devo", que os autores apresentam como a última novidade no campo da Teoria da Evolução. Segundo essa teoria, a pena evoluiu numa série de estágios, cada um deles baseado "em uma inovação evolutiva relativa à forma pela qual as penas se desenvolviam, e que depois serviu de alicerce para a inovação seguinte". Enfim, praticamente as mesmas hipóteses do Darwinismo!

Na realidade, o que chama a atenção de maneira bastante positiva são as magníficas ilustrações da estrutura das penas apresentadas em cinco páginas do artigo.

O artigo termina apresentando, no subtítulo específico "Um outro olhar", outras considerações, que fazem menção aos criacionistas "e outros céticos a respeito da evolução", que transcrevemos a seguir pela importância de que se revestem no contexto do assunto abrangido por este número da Revista Criacionista:

Graças aos dividendos proporcionados pelas descobertas recentes, agora os pesquisadores podem reavaliar as várias hipóteses anteriores a respeito da origem das penas. A nova evidência da Biologia do Desenvolvimento é particularmente prejudicial à teoria clássica de que as penas evoluíram a partir de escamas alongadas. Segundo essa visão, as escamas transformaram-se em penas primeiro alongando-se, depois adquirindo bordas com franjas e finalmente produzindo bárbulas com ganchos e saliências. Mas, como vimos, as penas são tubos: os dois lados planares da lâmina – em outras palavras, a parte da frente e a de trás – são criadas pela parte interna e externa do tubo somente depois que a pena se desenvolve a partir de sua bainha cilíndrica. Por outro lado, os dois lados planares de uma escama desenvolvem-se a partir do lado de cima e de baixo da excrescência epidérmica inicial que forma a escama.

A evidência recente também enterra a teoria popular de que as penas evoluíram principal ou originalmente para o voo. Agora sabemos que as penas só surgiram depois da formação de um germe tubular e de um folículo na pele de algumas espécies. Portanto, a primeira pena evoluiu

porque o primeiro tecido tubular que rompeu a pele ofereceu algum tipo de vantagem em termos de sobrevivência.

Os criacionistas e outros céticos a respeito da evolução apontaram há muito tempo as penas como um exemplo das deficiências da teoria evolutiva. Não há formas de transição entre as escamas e as penas, afirmam. Além disso, perguntam por que a seleção natural para o voo primeiro dividiria uma escama alongada e depois criaria um novo mecanismo complicado para reorganizá-la outra vez. Agora, numa reviravolta irônica, as penas oferecem um exemplo perfeito da melhor forma de estudar a origem de uma novidade evolutiva: concentrar-se na compreensão daquelas características que são genuinamente novas e examinar sua formação no desenvolvimento de organismos modernos. Esse novo paradigma da Biologia Evolutiva certamente vai esclarecer muitos outros mistérios. Para isso é preciso dar asas à imaginação.

Realmente, continua a haver necessidade de grandes voos da imaginação, como sempre, independentemente do paradigma novo (que aparentemente é exatamente igual ao velho) desde que a estrutura conceitual envolvida seja a evolucionista!

CELACANTO

LATIMERIA CHALUMNAE

O CASO DOS "FÓSSEIS VIVOS"

Em 23 de dezembro de 1938 foi descarregado no porto de East London, na África do Sul, um espécime de peixe logo identificado pelo ictiólogo sul-africano J. L. B. Smith como um "celacanto" que ainda estava vivendo em nossos dias, e que logo recebeu a denominação de *Latimeria chalumnae*, em homenagem à curadora do Museu da cidade, a Senhora Marjorie Courtenay-Latimer.

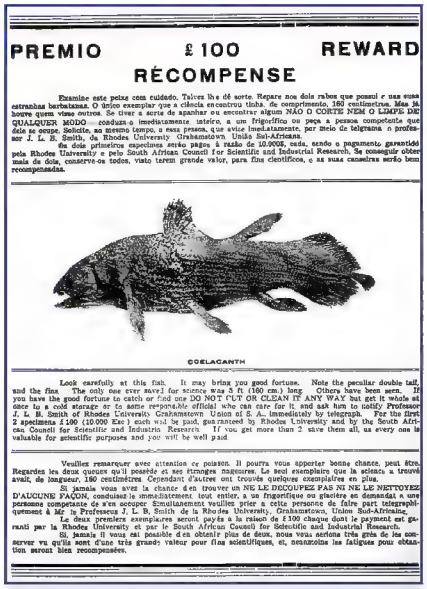
O celacanto até então era considerado um peixe que havia sido extinto no período Cretáceo Superior, há cerca de 60 a 80 milhões de anos, e sua descoberta foi considerada a melhor "história de pescador" desses últimos milhões de anos... Na realidade, a verdadeira "história de pescador" foi a suposta história evolutiva do celacanto, que era considerado até então como um elo indiscutível na transformação de peixes a répteis!

No livro *A Fish Caught in Time*, de Samantha Weinberg, publicado no ano 2000 pela editora *Harper Collin Publishers*, é feito um interessante apanhado sobre a verdadeira história do celacanto vivo, da qual alguns aspectos são expostos a seguir, complementados por informações adicionais constantes do artigo "Golden jubilee for the coelacanth *Latimeria chalumnae*", publicado no número de 22/29 de dezembro de 1988, da prestigiosa revista científica britânica *Nature*.

Após a pesca deste primeiro celacanto e sua divulgação, iniciou-se uma grande busca de outros exemplares, como ilustra o cartaz reproduzido na figura abaixo, escrito em inglês, francês e português, línguas faladas na região do Oceano Índico situada nas imediações do local da descoberta do primeiro exemplar (Repú-

Réplica de *Latimeria chalumnae* exposta em Museu

Celacanto fóssil



PREMIO £100 REWARD
RÉCOMPENSE

Examine este peixe com cuidado. Talvez lhe dê sorte. Repare nos dois rabos que possui e nas suas estranhas barbatanas. O único exemplar que a ciência encontrou tinha 5 ft. (160 cm.) de comprimento. 160 centímetros. Mas já houve quem visse outros. Se tiver a sorte de apanhar ou encontrar algum NÃO O CORTE NEM O LIMPE DE QUALQUER MODO — conduza-o imediatamente intacto, a um frigorífico ou peça a pessoa competente que dele se ocupe. Solicite, ao mesmo tempo, a mesa presente, que avise imediatamente, por meio de telegrama o professor J. L. B. Smith, da Rhodes University Grahamstown, União Sul-Africana.

Os dois primeiros espécimes serão pagos à razão de 10.000$, cada, sendo o pagamento garantido pela Rhodes University e pelo South African Council for Scientific and Industrial Research. Se conseguir obter mais de dois, conserve-os todos, visto terem grande valor, para fins científicos, e as suas canseiras serão bem recompensadas.

COELACANTH

Look carefully at this fish. It may bring you good fortune. Note the peculiar double tail, and the fins. The only one ever saved for science was 5 ft. (160 cm.) long. Others have been seen. If you have the good fortune to catch or find one DO NOT CUT OR CLEAN IT ANY WAY but get it whole at once to a cold storage or to some responsible official who can care for it, and ask him to notify Professor J. L. B. Smith of Rhodes University Grahamstown Union of S. A., immediately by telegraph. For the first 2 specimens £100 (10 000 Esc.) each will be paid, guaranteed by Rhodes University and by the South African Council for Scientific and Industrial Research. If you get more than 2 save them all, as every one is valuable for scientific purposes and you will be well paid.

Veuillez remarquer avec attention ce poisson. Il pourra vous apporter bonne chance, peut être. Regardez les deux queues qu'il possède et ses nageoires rugueuses. Le seul exemplaire que la science a trouvé avait, de longueur, 160 centimètres. Cependant d'autres ont trouvés quelques exemplaires en plus.

Si jamais vous avez la chance d'en trouver un NE LE DECOUPEZ PAS NI NE LE NETTOYEZ D'AUCUNE FAÇON, conduisez-le immédiatement tout entier, à un frigorifique ou glacière ou demandez à une personne competante de s'en occuper. Simultanement veuillez prier à cette personne de faire part télegraphiquement à Mr le Professeur J. L. B. Smith de la Rhodes University, Grahamstown, Union Sud-Africaine.

Les deux premiers exemplaires seront payés à la raison de £100 chaque dont le payment est garanti par la Rhodes University et par le South African Council for Scientific and Industrial Research.

Si, jamais il vous est possible d'en obtenir plus de deux, nous vous serions très grés de les conserver vu qu'ils sont d'une très grand valeur pour fins scientifiques, et, neanmoins les fatigues pour obtenir seront bien recompensées.

Cartaz oferecendo prêmios a quem encontrasse exemplares vivos de celacanto

blica Sul-Africana, Madagascar e Moçambique). Nesse cartaz constava o oferecimento de um prêmio para quem conseguisse encontrar outros exemplares.

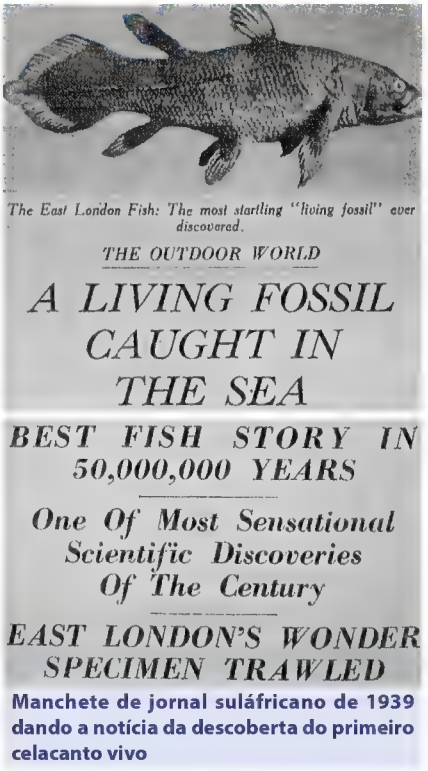
Soube-se que nas proximidades das Ilhas Comoro era comum a captura de celacantos pelos pescadores locais. Os cientistas acharam pouco provável que o exemplar identificado na República Sul-Africana proviesse de tão grande distância (cerca de 1600 km) e dentre as expedições organizadas para tentar descobrir a possível existência de criadouros de celacantos nas proximidades da foz do rio Chalumna, a cerca de 200 metros de profundidade, destacou-se a de 1986, dirigida pelo biólogo alemão Hans Fricke, em um submarino especialmente construído, e que com sua equipe do Instituto Max Planck da Alemanha conseguiu filmar pela primeira vez o celacanto em seu habitat nas profundidades.

Uma notícia dada pela revista *New Scientist*, de 25 de maio de 1991, de autoria de Sue Armstrong, de Joanesburgo, com a manchete "Aberta a temporada de caça ao último dos *peixes fósseis*" conclui afirmando que "Fricke refutou a teoria de que o celacanto utiliza suas nadadeiras avantajadas para **andar** no leito do mar. Ele verificou, na realidade, que as nadadeiras permitem ao celacanto nadar em todas as direções, inclusive para trás e de ponta cabeça".

Até 1991 haviam sido capturados cerca de 170 espécimes de celacanto, nenhum dos quais sobreviveu ao ser trazido das profundezas de seu habitat, pois o decréscimo da pressão faz com que eles sobrevivam apenas algumas poucas horas. (E dizer que eles saíram do mar para a terra firme, sendo o elo de transição entre peixes e répteis!).

A ilustração apresentada na figura abaixo (reproduzida do livro de Samantha Weinberg) é bastante significativa do que se pensava a respeito dessa transição evolutiva que deveria ter-se processado nos últimos 400 milhões de anos.

Conforme o artigo da revista *Nature* mencionado anteriormente, a partir da descoberta do primeiro espécime de celacanto vivo, a *Latimeria chalumnae*, foi alimentada a esperança de se poder reunir informação direta sobre a transição entre peixes e anfíbios, pois de longa data se pensava que o celacanto era um dos ancestrais próximos dos tetrápodos. Entretanto, continua o artigo dizendo que "A *Latimeria* foi assim divulgada como um **elo perdido**, com base na reputação da teoria de que os celacantos e os tetrápodos eram mais relacionados entre si do que com



The East London Fish: The most startling "living fossil" ever discovered.

THE OUTDOOR WORLD

A LIVING FOSSIL CAUGHT IN THE SEA

BEST FISH STORY IN 50,000,000 YEARS

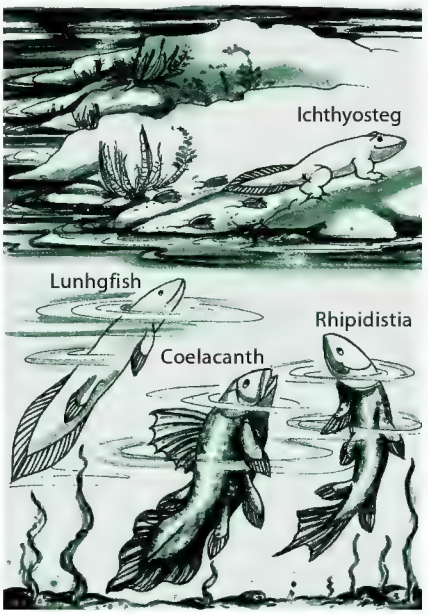
One Of Most Sensational Scientific Discoveries Of The Century

EAST LONDON'S WONDER SPECIMEN TRAWLED

Manchete de jornal suláfricano de 1939 dando a notícia da descoberta do primeiro celacanto vivo

quaisquer outros grupos de seres vivos. Porém, os estudos da anatomia e da fisiologia da *Latimeria* evidenciaram que esta teoria não podia manter-se, e que a reputação do celacanto vivo como elo perdido parece ser injustificável.

"Em outra frente mais ampla, a descoberta da *Latimeria* proporcionou um teste da capacidade dos paleontologistas para



reconstruir organismos fósseis a partir dos restos frequentemente fragmentários existentes no registro fóssil, bem como alertou para o fato de que ainda conhecemos muito pouco sobre a vida nos oceanos, ressaltando que há necessidade de muita exploração adicional, e lembrando também que são necessárias tentativas de conservação da vida dessa criatura extraordinária.

"De qualquer forma, sob muitos aspectos a *Latimeria* mostrou-se desapontadora como elo perdido, ou mais corretamente, como um tipo intercalar – um animal que exemplificasse estágios primitivos e intermediários, pois ela não tem nem narinas internas e maxilas, nem pulmões funcionais, tudo que seria de se esperar em um ser evoluído dos ripidístios e aparentado com os tetrápodos. As estruturas aparentemente primitivas do cérebro, do coração e do intestino, de maneira nenhuma são as que se esperariam em um ancestral tetrápodo. De fato, algumas características como, por exemplo, a retenção de ureia e a postura de ovos grandes, são mais semelhantes às dos peixes cartilaginosos (tubarões, raias e outros aparentados). Se a *Latimeria* fosse o parente vivo mais próximo dos tetrápodos, por que tem ela tão poucas características semelhantes às dos tetrápodos?"

É interessante que ainda um outro problema foi levantado no artigo publicado pela revista *Nature*, da maior importância no contexto das considerações evolucionistas. Foi o problema (para a Teoria Evolucionista) da pequena taxa de variação do celacanto ao longo da sua história, problema este "que tem levantado explicações contraditórias".

De fato, não é fácil, neste e em outros numerosos casos, explicar dentro da estrutura conceitual evolucionista a permanência das características dos "fósseis vivos" ao longo de imensos períodos de tempo. A propósito, encontra-se em Hagen, na Alemanha, um famoso Museu de Fósseis Vivos (o *Lebendige Vorwelt*), com milhares de espécimes fósseis com presumíveis dezenas e centenas de milhões de anos, e os espécimes correspondentes que vivem em nossos dias. Seu diretor é o conhecido paleontólogo Dr. Joachim Scheven, que também é o editor da interessantíssima revista criacionista *Leben – Deutsches Schöpfungs-Magazin.*

Os "fósseis vivos" continuam a ser uma pedra de tropeço na estrutura da Teoria da Evolução das Espécies.

O MONSTRO DE LOCH NESS

Outro controvertido episódio de "caça aos monstros" tem a ver com o avistamento periódico de formas estranhas e inusitadas deslocando-se em alguns lagos da Escócia. Relatos de testemunhas visuais sobre o assunto enriquecem o folclore regional e têm despertado interesse de pessoas sérias que se propuseram a desvendar o aparente mistério desses acontecimentos.

Dentre os vários apanhados críticos feitos sobre os relatos referentes à possível existência de seres "antediluvianos" nos lagos da Escócia, destaca-se uma série de artigos sobre o assunto que a revista britânica de divulgação científica *New Scientist* publicou em 1982. Em princípio, muitos aceitaram que esses artigos teriam solucionado o enigma do aparecimento periódico daquelas formas que desde tempos tão remotos quanto o ano 500 A. D. (ver observações feitas no Capítulo 10, do livro de Bill Cooper sobre a história de Columba, neste número da *Revista Criacionista*) foram consideradas como sendo verdadeiros monstros aquáticos que viveriam nas profundezas de alguns dos lagos escoceses.

Na realidade, dentre os mais de 500 lagos de água doce da Escócia, particularmente três se destacam pelos relatos a respeito dessas criaturas aquáticas – os lagos Ness, Morar e Tay, todos eles com grande profundidade. O leito do lago Ness, por exemplo, chega a 250 metros de profundidade, onde é atingida a pressão de 25 atmosferas, que – de conformidade com um dos pontos de vista apresentado e defendido enfaticamente nos artigos mencionados – poderia exercer alguma influência física

Vista do Lago Ness tendo em primeiro plano o Castelo de Urquhart

sobre fenômenos de decomposição biológica que ocorreriam em restos de matéria orgânica depositada no fundo do lago, do que poderia decorrer, por sua vez, a aparição de formas inusitadas na superfície do lago. Entretanto, os artigos deixam margem ainda a interpretações distintas que incluem a provável existência, embora ainda não comprovada definitivamente, de animais aquáticos de grande porte vivendo nas profundezas das águas desses lagos escoceses.

Dentre os livros escritos sobre o assunto, citados pela *New Scientist*, destacam-se dois – *The Unexplained*, de Adrian Shine, e *The Elusive Monster*, de Maurice Burton – que divergem quanto à interpretação dos fatos. O primeiro faz um levantamento equilibrado das evidências a favor e contra a existência de um enorme animal não identificado em Loch Ness, abordando a possibilidade de ser ele, na ordem decrescente das probabilidades, um grande peixe que vive nas profundezas do lago, um mamífero, um réptil, ou um anfíbio. O segundo propõe que o monstro de Loch Ness corresponda a um misto de eventos que envolvem mantas de vegetais com inclusões de bolhas de gás, turbulência causada por gás liberado em falhas ou fissuras geológicas no fundo do lago, objetos comuns como barcos e aves observados de grande distância, ondas de superfície, castores, e outras causas, não descartando, também, um grande animal de pescoço longo, semelhante a um castor.

Os artigos publicados em *New Scientist* mencionam farta documentação fotográfica e testemunhal disponível desde 1933. Lamentavelmente, as fotos existentes nunca apresentam definição suficiente para se poder concluir algo definitivo sobre a existência ou não do enigmático "monstro de Loch Ness".

Dentre a documentação fotográfica são mencionadas as seguintes:

1. Foto tirada por Hugh Gray, em novembro de 1933.
2. Idem, por Kenneth Wilson, em abril de 1934.
3. Idem, por Peter O'Connor, em 27 de maio de 1960.
4. Idem, por H. L. Cockrill, sem menção de data.
5. Filmagem, por Tim Dinsdale, em abril de 1960.

Dentre os relatos de testemunhas, citados pela revista, entre outros incluem-se os seguintes:

1. De Arthur Grant, que avistou, em janeiro de 1934, um animal de quase oito metros de comprimento, e fez um desenho dele.
2. Da expedição conduzida em 1934, por Sir Edward Mountain.
3. De um professor de ciências (provavelmente D. Campbell), sem menção de data.

Evidentemente estas citações não esgotam o assunto, havendo numerosíssimas a mais que complementam o quadro do enigma de Loch Ness. Estas foram destacadas particularmente para ilustrar as várias possibilidades que foram aventadas na série de artigos para a explicação do "fenômeno".

Independentemente da real possibilidade de alguma das alternativas consideradas na série de artigos da revista *New Scientist* poder explicar a ocorrência dos aparecimentos periódicos verificados particularmente no Lago Ness, é interessante considerarmos também a notícia divulgada pela revista *Veja*, de 23 de março de 1994, que nos alerta sobre o perigo de precipitadamente tirarmos conclusões sobre os fatos cujas evidências podem ser analisadas dentro de concepções aceitas previamente, levando a conclusões falsas.

A notícia, intitulada "Os pais da lenda", com o subtítulo "Sobrevivente revela como foi feita há seis décadas a falsa foto do

monstro do Lago Ness", faz referência à fotografia tirada em 1934 por Kenneth (Robert) Wilson, mencionada anteriormente.

Sem termos qualquer informação posterior a essa notícia, que nos pudesse levar a uma conclusão definitiva sobre o assunto, limitamo-nos apenas a transcrever os trechos seguintes, que bem ilustram outros episódios semelhantes ocorridos na história da pesquisa científica.

Famosa foto tirada em 21 de abril de 1934

"A fraude veio à tona. O mais famoso registro do lendário monstro que se esconderia sob as águas do nebuloso Lago Ness, na Escócia, cuja autenticidade os cientistas nunca conseguiram questionar por completo, é uma falsificação barata armada por cinco ingleses. O longo pescoço que se eleva do lago na famosa fotografia feita em abril de 1934, até agora atribuída ao ginecologista inglês Robert Wilson, não passa de um boneco, feito de plástico, acoplado a uma boia semi-submersa. A farsa foi revelada na semana passada pelos jornais ingleses que publicaram a tardia confissão de um dos envolvidos na trama, Christian Spurling, construtor do falso monstro. Pouco antes de morrer, em novembro passado, o nonagenário Spurling, então o último dos cinco comparsas ainda vivo, admitiu a fraude a dois estudiosos do Lago Ness, David Martin e Alastair Boyd, que agora resolveram tornar pública a trama.

"A ideia de forjar um falso ser pré-histórico foi de Duke Wetherell, um cineasta e caçador de excentricidades que foi contratado em 1933 pelo jornal inglês *Daily Mail* para encontrar o mitológico monstro do Lago Ness. Para justificar seu contrato com o diário inglês, Wetherell simplesmente decidiu criar falsas evidências de que a criatura aquática realmente existia. Quarenta e oito horas depois de desembarcar na região do lago, Wetherell comunicou ao jornal que tinha achado pegadas do monstro. O jornal estampou a notícia como um furo mundial no dia seguinte, mas descobriu-se logo que as marcas deviam ser de um hipopótamo ou simplesmente uma armação de Wetherell. Desmoralizado, o caçador de monstros resolveu então tramar sua vingança. Pediu a seu enteado Christian Spurling, especialista em bonecos, que confeccionasse uma espécie de dinossauro aquático. 'Daremos a eles o monstro que tanto querem', teria dito Wetherell, de acordo com as memórias de Spurling. Depois que o seu enteado terminou o monstro de mentira, Wetherell foi com seu filho Ian até o Lago Ness. Lá fizeram a famosa foto, que iria correr o mundo como o mais impressionante flagrante da criatura.

"Para dar credibilidade à sua 'descoberta', Wetherell pediu a um de seus amigos, Maurice Chambers, que lhe arranjasse uma pessoa acima de qualquer suspeita para assumir a autoria da foto. Chambers lhe indicou um respeitado ginecologista londrino, Robert Wilson, que figurava até hoje como o autor da melhor foto do animal. Durante sessenta anos, os cinco comparsas – Wetherell, seu filho Ian, seu enteado Christian, Chambers e Wilson – guardaram segredo da farsa e enganaram uma série de estudiosos do monstro do Lago Ness, que nunca conseguiram provar que a foto era uma montagem de estúdio. Agora se sabe que a foto é verdadeira, mas o objeto clicado é falso. Não há monstro algum na imagem, apenas um boneco plástico criado por um garoto. 'Fiz o monstro pensando numa serpente marinha', disse Spurling antes de morrer."

E O MAPINGUARI?

A China tem seus discutidos fósseis propostos como intermediários entre dinossauros e aves, a Nova Zelândia tem os seus plessiossauros, a Escócia tem seu "monstro de Loch Ness", a Dinamarca e as Ilhas Britânicas tiveram "grendels" e dragões diversos, as ilhas do Oceano Índico têm o celacanto, o Tibet tem o seu famoso "Yeti, o abominável homem das neves", os Estados Unidos têm o seu "big foot", e assim sucessivamente.

Em todo o mundo se procura caçar animais lendários.

Na foto abaixo, o criptozoologista Bernard Heuvelmans com um molde das pegadas do *Sasquatch*, ou "Big Foot", obtida na região das Montanhas Rochosas, nos Estados Unidos.

Até mesmo no texto bíblico encontramos referência a dragões e pelo menos dois tipos específicos de animais com características "ante-diluvianas" – o "leviatã" e o "behemoth". E nosso país, com sua extensão continental e densas florestas ainda impenetradas? Evidentemente seria de esperar alguma referência à existência de espécimes desses animais (que hoje foram todos englobados no termo genérico de "dinossauros") pelo menos nos recônditos da floresta amazônica!

E de fato, além da famosa lenda da "cobra grande", manifesta no folclore e na tradição cabocla amazônica, talvez como eco longínquo da real existência de sucuris de enorme porte, bastante acima do que tem sido encontrado em nossos dias, mais recentemente veio à baila a notícia da existência do "mapinguari", provavelmente uma espécie de preguiça gigante. Também chamado de "quindá oio" pelos índios da região de Maloca Velha, local não identificado propositadamente para evitar a interferência de aventureiros que poderiam prejudicar as expedições de caráter científico que estão em busca do espécime raro que presumivelmente poderia ter cerca de 8 metros de comprimento, 1,80 metros de altura e até 5 toneladas de peso.

As primeiras notícias veiculadas pela imprensa a respeito da "Caçada na Selva" em busca do "mapinguari" datam de agosto de 1994 (*Isto é*, nº 1.292, de 6/7/94) e surpreendentemente pouco ou nada mais se ouviu desde então.

De acordo com as lendas indígenas da região, trata-se de um autêntico monstro assassino, de cujas garras nenhum ser humano consegue escapar. Essas len-

Na figura, o "Roteiro da Aventura", sem identificação precisa do local, pelas razões já expostas

das motivaram David C. Oren, zoólogo norte-americano – na época da notícia ornitologista do Museu Goeldi – a preparar uma expedição para procurar evidências concretas da existência do animal, tais como ossos, pegadas, e até mesmo o próprio "mapinguari". Participou do grupo o paleontólogo gaúcho Alceu Rancy, provavelmente a maior autoridade mundial em fósseis de preguiças terrestres sul-americanas.

A notícia da revista *Isto é* limita-se a dizer que os únicos indícios encontrados pela expedição foram estranhos urros do que poderia ser o "Mapinguari", ouvidos pelos participantes e por mais 300 índios da aldeia de Maloca Velha, e cinco pegadas circulares com três dedos e cerca de 20 centímetros de diâmetro.

Reconstituição do "Mapinguari"

David C. Oren

Esqueleto de Preguiça Gigante (*Megatherium*) no Museu Nacional, Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro

(Uma das possíveis versões a respeito do "Mapinguari" é que se trata de uma Preguiça Gigante)

QUAL FOI A CAUSA DA EXTINÇÃO DOS DINOSSAUROS?

A questão da extinção dos dinossauros continua candente. A revista *Time*, de 4 de fevereiro de 2002, trouxe uma notícia interessante, de autoria de Leon Jaroff, sobre "O que extinguiu os dinossauros?", discordando da versão usualmente aceita que atribui a extinção à colisão da Terra com um ou mais asteróides ou cometas, há cerca de 65 milhões de anos, entre os períodos designados como Jurássico e Cretáceo na escala de tempo geológico.

De fato, tem sido aceita de maneira geral a explicação dada pelo detentor do Prêmio Nobel Luís W. Alvarez, de que esta colisão (ou colisões) teria (ou teriam) ocasionado uma enorme nuvem de escombros que se espalhou pela atmosfera da Terra levada pelos ventos, de forma a circundar todo o planeta, bloqueando a incidência da luz solar sobre a superfície durante meses, e provocando diminuição drástica da temperatura. Desta forma, teriam sido extintos os dinossauros e cerca de 70% de todas as demais espécies de animais terrestres. Sugerimos, a propósito, a leitura da notícia sobre o artigo de autoria de Luis W. Alvarez e Walter Alvarez intitulado "Causa Extra-Terrestre da Extinção do Cretáceo-Terciário", que publicamos no número 43 da *Folha Criacionista*.

A notícia da revista *Time* ressalta, entretanto, que este cenário foi confrontado na semana anterior à da publicação desse número da revista, por Kevin Pope, um ex-cientista do programa espacial norte-americano. Kevin Pope, revendo recentes estudos sobre explosões nucleares, juntamente com as análises de partículas encontradas nos estratos geológicos correspondentes à data de 65 milhões de anos atrás, concluiu em seu trabalho publicado pela revista *Geology* que a maior parte das partículas de poeira que resultaram daquele impacto (ou impactos) tinha dimensões muito grandes para poder permanecer em suspensão

durante muitos meses. As partículas mais finas que poderiam ter permanecido em suspensão não teriam conseguido bloquear luz solar suficientemente para provocar a extinção em massa.

As descobertas de Pope imediatamente refletiram-se nos meios de comunicação em manchetes afirmando que "Alvarez estava errado", e "Poeira não seria capaz disso", e também animaram alguns poucos cientistas que ainda contestavam a teoria de Alvarez. Entretanto, ainda muitos cientistas discordam das análises feitas por Pope, e afirmam que a sua metodologia estava incorreta. Embora reconhecendo que outros fatores poderiam ter contribuído, esses cientistas acreditam, ainda, que a poeira dos escombros foi a principal causa do bloqueamento da luz solar, do qual resultou a extinção dos dinossauros.

A propósito do assunto em questão, recomendamos ainda a leitura dos seguintes artigos e notícias publicados em números anteriores da Folha Criacionista, que poderão ilustrar bem a complexidade do assunto e ajudar a formar um quadro mais abrangente da questão da extinção dos dinossauros:

1. Para onde foram os dinossauros?, Isaac Asimov – *Folha Criacionista* nº 3, pp. 58-59.
2. A Teoria das Extinções por Asteróides Reforçada, *Science – Folha Criacionista* nº 27, pp. 57-62.
3. Dinossauros, Cometas e Vulcões, Michael Rampino – *Folha Criacionista* nº 43, pp. 43-48.
4. Uniformismo e Catastrofismo; Algumas Evidências de Catástrofes na História da Terra, *Folhinha Criacionista* nº 7.

Não poderíamos deixar de recomendar, também, para uma maior compreensão da extinção dos dinossauros, dentro de um modelo bíblico da Geologia Catastrofista, a leitura do excelente livro de autoria do Dr. Nahor Neves de Souza Júnior, intitulado "Uma Breve História da Terra", agora em vias de ser pu-

Didtintos cenários hipotéticos para a extinção dos dinossauros

Explosão de Matéria Negra

Queda de chuva de meteoritos

Cinzas vulcânicas na atmosfera

blicado sob os auspícios da Sociedade Criacionista Brasileira, em segunda edição, no segundo semestre de 2003. Antecedendo a publicação deste livro, dois artigos do mesmo autor, sobre o mesmo assunto, foram também publicados nas *Folhas Criacionistas* nº 49 e 59.

AINDA A PREMIAÇÃO DO LIVRO "EVOLUÇÃO – UM LIVRO TEXTO CRÍTICO"

Conforme noticiado no número anterior da *Revista Criacionista*, a Sociedade Criacionista Brasileira teve a honra de ser premiada pelo Sindicato das Indústrias Gráficas do Distrito Federal pela publicação do livro *Evolução – Um Livro Texto Crítico*, considerado como o melhor livro impresso no Distrito Federal na categoria de livros didáticos.

Apraz-nos comunicar a nossos leitores que esta notícia foi divulgada pelo Boletim Informativo nº 62, de março de 2003, da nossa sociedade congênere alemã *Wort und Wissen*, no qual foi também feita referência à premiação do mesmo livro (em sua 5ª edição em alemão) pela Associação *Lernen für die Deutsche und Europäische Zukunft e.V.* como melhor livro escolar do ano, notícia essa que já havia sido dada no nº 61 do mesmo Boletim Informativo, em novembro de 2002. Esta referência, juntamente com a notícia sobre a premiação da edição em português, foi ressaltada de maneira propositada, em face de ter havido um protesto da Associação dos Biólogos Alemães pela referida premiação na Alemanha.

Apresentamos a seguir um sumário de ambas as notícias, bem como a tradução de trecho ilustrativo da notícia dada no nº 62 do Boletim mencionado. Agradecemos a nosso associado Rivelino Montenegro, atualmente no Instituto Max Planck de Berlim, pela tradução.

"Alguns meses atrás foi publicado em português o livro "Evolução – Um Livro Texto Crítico". A Sociedade Criacionista Brasileira foi responsável pela tradução. Logo após a versão original em alemão ter recebido o prêmio alemão do livro escolar, agora foi a vez da versão em português receber no Brasil o prêmio de melhor livro didático de 2002."

"A reação da Associação dos Biólogos Alemães sobre o prêmio concedido ao livro na Alemanha constou de um ofício enviado a todos os ministros da cultura da Federação Alemã, demonstrando preocupação de que o livro pudesse vir a ser utilizado nas escolas alemãs. Seria assustador se um livro com tal motivação ideológica fosse usado como fundamento nos cursos básicos de biologia/evolução." Ademais, acrescenta o ofício, *"as escolas não seriam o local para se conduzirem discussões ideológicas fundamentais"*.

A notícia veiculada pelo boletim da *Wort und Wissen*, por sua vez, declara que a Associação dos Biólogos pode se acalmar, pois *"a admissão como livro escolar*

Ein weiterer Preis für das evolutionskritische Lehrbuch

Vor einigen Monaten ist das evolutionskritische Lehrbuch in Portugiesisch erschienen. Die brasilianische *Sociedade Criacionista Brasileira* hat die Übersetzung herausgegeben. Nachdem die deutsche Originalversion vor kurzem den Deutschen Schulbuchpreis erhielt, wurde nun auch die portugiesische Übersetzung als „bestes Lehrbuch" des Jahres 2002 in Brasilien ausgezeichnet. Der Preis wurde von der „Union of Editorial and Printing Houses" vergeben. Mittlerweile erschien das Lehrbuch auch in Serbisch.

Reaktion des *vdbiol* auf die Vergabe des Schulbuchpreises

Der Verband Deutscher Biologen (*vdbiol*) hat die Vergabe des Deutschen Schulbuchpreises an die Autoren von „Evolution – ein kritisches Lehrbuch" scharf kritisiert. In einem Schreiben an alle Kultusministerien wurde die Sorge ausgedrückt, daß das Buch für den Gebrauch an deutschen Schulen zugelassen werden könnte. Es wäre „verheerend, wenn ein ein derart ideologisch motiviertes Buch in der Schule Grundlage für die Ausbildung im Fach Biologie/Evolution würde". Die Schule sei zudem „nicht der Ort, grundlegende ideologische Auseinandersetzungen zu führen".

Den *vdbiol* kann man beruhigen. Eine Zulassung als Schulbuch wird nach schlechten Erfahrungen in der Vergangenheit schon lange nicht mehr angestrebt. Die ideologische Festlegung liegt aber offenkundig auf seiten des *vdbiol*, wenn Grundsatzfragen wie die Ursprungsthematik an Schulen nicht diskutiert werden sollen. Das bedeutet nichts anderes, als daß die Evolutionslehre der Kritik entzogen bleiben soll. Mit Wissenschaft hat das nicht viel zu tun, dafür umso mehr mit Weltanschauung.

Neues über „Evolution – ein kritisches Lehrbuch"

Kritik im Internet

Die häufigste Anfrage, die in den letzten zwei Jahren an die Geschäftsstelle gerichtet wurde, betraf die Internetseite von Martin Neukamm, der sich sehr kritisch mit dem Kreationismus auseinandersetzt. Manch einer sieht dadurch unsere Thesen als „weitgehend widerlegt" an. Für diejenigen, die die Ausführungen von Martin Neukamm kennen, wurde eine Entgegnung zu dessen Rezension von „Evolution. Ein kritisches Lehrbuch" (http://thor.tech.chemie.tu-muenchen.de/~neukamm/rezension_junker.html; Stand: 3. 4. 2002) auf die W+W-Homepage gestellt (www.wort-und-wissen.de/dusk/d02-4/d02-4.html). Es fällt auf, daß Neukamm häufig irrelevant unser Lehrbuch zitiert, oder Inhalte *hineinliest*, die dort gar nicht vertreten werden, um dann auf diese fiktiven Inhalte kritisch einzugehen. Darüber hinaus vermißt man Belege des Autors, auf welchen Seiten das Kritisierte steht. Alles in allem handelt es sich über weite Strecken um ein Musterbeispiel für unwissenschaftliche und sachlich unbegründete Kritik.

R. Junker, S. Scherer

Deutscher Schulbuchpreis für das evolutionskritische Lehrbuch

Das von der Studiengemeinschaft Wort und Wissen herausgegebene Standardwerk „Evolution – ein kritisches Lehrbuch" erhält dieses Jahr den Deutschen Schulbuchpreis der vom Verein „Lernen für die Deutsche und Europäische Zukunft e.V." (LDEZ) verliehen wird. Die Entscheidung, welches Schulbuch mit dem Preis ausgezeichnet wird, erfolgt durch Abstimmung in einem Kuratorium, dem prominente Wissenschaftler aus unterschiedlichen Disziplinen sowie herausragende Vertreter verschiedener gesellschaftlicher Gruppen angehören. Der Zweck des Vereins LDEZ besteht nach eigenen Angaben darin, dazu beizutragen, daß die Erziehung und Ausbildung der jungen Generation sowie die Erwachsenenbildung nach den Prinzipien des Grundgesetzes, der Verfassung der Bundesländer sowie auf der Grundlage der christlich-abendländischen Kultur erfolgt. Als eines der Kriterien für die Vergabe des Preises wird vorbildliche, unvoreingenommene Sachlichkeit in allen Bereichen genannt, sowie Anleitung der Schüler zur gleichen vernunftgemäßen Unbestechlichkeit bei der Beurteilung wichtiger Fragen der Welt, der Natur, der Gesellschaft, des eigenen Lebens und fremder Einzelschicksale. Der Deutsche Schulbuchpreis wird einmal jährlich vergeben. Die Übergabe des Preises findet am 17. November 2002 in Bielefeld statt.

não é mais ambicionada, de longa data, depois das experiências ruins do passado" (referindo-se ao período nazista). "*Porém, a determinação ideológica fica evidente por parte da Associação dos Biólogos Alemães quando perguntas de cunho fundamental, como a temática das origens, não devam ser discutidas nas escolas. Isto nada mais significa do que o dogma da Evolução dever se abster de críticas. Isto não tem muito a ver com Ciência, porém tem muito mais a ver com paradigmas.*"

A propósito, na capa do livro premiado está a fotografia de um exemplar de *Archaeopteryx*, e a Sociedade Criacionista Brasileira oferece à venda para os interessados réplicas do mesmo exemplar, em placa de gesso de cerca de 25 x 30 cm (foto acima). Basta consultar a Sociedade por e-mail, para obter as informações necessárias.

Réplica de *Archaeopteryx* - peça componente do kit Paleontologia da SCB

CONFERÊNCIAS DO DR. DUANE GISH NO BRASIL

Conforme amplamente divulgado, a Sociedade Criacionista Brasileira uniu-se à Associação Brasileira de Pesquisa da Criação (ABPC) para apoiar a vinda a Brasília do Vice-Presidente do *Institute for Creation Research* – o conhecido conferencista Dr. Duane Gish – no início do mês de abril deste ano.

Nesta quinta vez que o Dr. Gish veio ao Brasil sob os auspícios da ABPC, seu itinerário incluiu Brasília, onde foram organizadas várias reuniões para a exposição de diversas facetas da controvérsia entre Criacionismo e Evolucionismo. Essas reuniões foram realizadas com absoluto sucesso na Faculdade Teológica Batista de Brasília, na Sociedade Bíblica do Brasil, e nas Igrejas Adventista do Sétimo Dia, Assembleia de Deus, Batista Memorial e Presbiteriana.

Dr. Gish tendo ao lado o Presidente da SCB e o Presidente da ABPC, Christiano P. da Silva Neto

As seis conferências foram gravadas em vídeo, e estarão disponíveis cópias para os interessados, logo no início do segundo semestre. Para adquiri-las, basta entrar no *site* da Sociedade Criacionista Brasileira e proceder da maneira usual para a solicitação da literatura da Sociedade.

Para os que não conhecem ainda o Dr. Duane Gish, segue um curriculum abreviado de sua formação e atividades:

- Bacharel em Química em 1949, pela Universidade da Califórnia, Los Angeles.
- Ph.D. em Bioquímica em 1953, pela Universidade da Califórnia, Berkeley.
- Atividades de ensino e pesquisa na *Cornell University*, Nova York.
- *Postdoctoral Fellow* em Ciências Naturais na Universidade da Califórnia, Berkeley.
- Pesquisador na companhia *UpJohn* até 1971.
- Membro da *American Chemical Society* e do *American Institute of Chemists.*
- Membro fundador da *Creation Research Society.*

Autor de vários livros criacionistas, dentre os quais:

- *Evolution – The Fossils Say No!*
- *Evolution – The Fossils Still Say No!*

Debatedor e conferencista sobre temas relativos à controvérsia Evolução vs. Criação, além da série de conferências realizadas em Brasília, o Dr. Gish esteve também apresentando séries de palestras em Goiânia, Belém, São Luis e São Paulo, com o apoio de entidades locais.

CRIACIONISMO EM DEBATE NA GRANDE IMPRENSA

Após a divulgação, em nosso número anterior da *Revista Criacionista*, dos resultados da pesquisa efetuada pelo Prof. Haller Elinar Stach Schünemann quanto à publicação de artigos e notícias sobre controvertidos temas científicos sob as abordagens criacionista e evolucionista em revistas de divulgação científica brasileiras, fomos surpreendidos com um contato da redação da revista *Galileu* mostrando interesse em entrevista com o Dr. Duane Gish e conosco.

Agendadas e realizadas as entrevistas, foi publicado no número de junho da revista *Galileu* o artigo intitulado "A Ciência da Criação".

Alegramo-nos pela iniciativa da revista, bem como pela apresentação equilibrada da controvérsia entre Criacionismo e Evolucionismo feita pelo competente repórter Pablo Nogueira (não obstante a posição do Editorial francamente hostil ao Criacionismo).

ELES TÊM QUASE TUDO EM COMUM

"Cientista americano demonstra que homens e chimpanzés apresentam 99,4% de semelhança em seu DNA e reabre um debate da época de Charles Darwin".

Com a manchete reproduzida acima, a revista "Veja" de 28 de maio de 2003 veiculou uma notícia de autoria de João Gabriel de Lima sobre a realização de pesquisas sobre a semelhança genética entre o chimpanzé e o ser humano (que também foi divulgada em torno da mesma data no Brasil por outros periódicos), e que se destacou pelo caráter sensacionalista, com nítida ênfase evolucionista.

O "site" da sociedade criacionista australiana "Answers in Genesis" já tinha publicado em 21 de maio um apanhado sobre o assunto, que havia sido divulgado pela "National Academy of Sciences" dos Estados Unidos. Esse apanhado, com o sugestivo título "Chimpanzés e o Gênero Homo", apresenta interessantes considerações a respeito do verdadeiro significado das pesquisas, que foram divulgados, e certamente a sua transcrição será de valor para nossos leitores formarem uma melhor ideia a respeito do assunto.

CHIMPANZÉS E O GÊNERO HOMO

Os seres humanos e os chimpanzés deveriam ser reunidos na mesma classificação – o gênero *Homo*. Pelo menos é o que alegam pesquisadores em recente nota publicada nos *Proceedings of the National Academy of Sciences*, nos Estados Unidos da América do Norte.

Os pesquisadores fundamentam sua alegação em descobertas suas de que os chimpanzés têm mais em comum com os seres humanos do que com qualquer outro primata – supostamente partilhando 99,4% de seu DNA. A agência de notícias *Associated Press* (AP) incumbiu-se de elaborar a notícia e divulgá-la.

Esta é uma alegação surpreendente, especialmente porque a tendência entre os cientistas evolucionistas tem sido de diminuir aquele percentual de similaridade, de cerca de 98,5% para 95% (ver por exemplo *Greater than 98% Chimp/human DNA similarity? Not any more*). Então, por que esse súbito aumento?

De acordo com o relato da AP, a equipe de pesquisadores, dirigida por Morris Goodman, na Faculdade de Medicina da *Wayne State University* (em Detroit, Michigan), "comparou 97 genes de seres humanos, chimpanzés, gorilas, orangotangos, macacos do Velho Mundo, e camundongos". Os pesquisadores descobriram que os genes de chimpanzés e bonobos (gênero *Pan*) têm mais em comum com os genes humanos do que com os de quaisquer outros primatas.

Dificilmente esses dados seriam suficientes para sustentar uma conclusão tão radical. Os pesquisadores compararam 97 genes, porém o genoma humano (que foi mapeado em sua totalidade apenas de uma maneira muito "geral") tem pelo menos 30.000 genes – portanto eles compararam apenas 0,03% do total! Além disso, os genomas dos primatas não foram nem sequer mapeados de maneira aproximada. Assim, qualquer tentativa de comparar o DNA total atualmente é apenas uma conjectura!.

Como, de fato, os chimpanzés são mais semelhantes aos seres humanos do que outros macacos ou símios, por que isso não se refletiria em alguns de seus genes? Não é surpresa que a anatomia similar refletisse genes similares, porém isso nada tem a ver com a origem das similaridades, seja no nível anatômico, seja no nível genético. A questão da ancestralidade comum *versus* projeto comum não se decide pelo grau de similaridade.

Mesmo para os evolucionistas, a lógica do raciocínio apresentado levantaria suspeitas. Digamos que a similaridade genética total "real" entre seres humanos e chimpanzés fosse de 96%, apenas para argumentarmos (mesmo 98% corresponderia a mi-

lhares de genes diferentes, sendo que apenas uns poucos genes poderiam acarretar uma diferença crucial). Se decidíssemos comparar apenas alguns desses genes, poderíamos obter resultados para o grau de similaridade que variariam de 0% a 100%. A escolha dos genes a serem comparados inevitavelmente tem um caráter extremamente subjetivo.

O argumento dos pesquisadores, neste caso, com relação a como os chimpanzés deveriam ser classificados, centrou-se na proximidade relativa, isto é, no fato de que, nos estudos deles, os chimpanzés mostraram-se mais próximos de nós do que dos outros grandes símios. Entretanto, aqui novamente uma escolha diferente de genes presumivelmente seria facilmente capaz de gerar uma configuração genética diferente, também relativa. E mesmo que isso não acontecesse, supondo que fosse mantida a mesma configuração, qual seria o grande problema? Até mesmo as técnicas rudimentares de hibridização usadas para a avaliação da similaridade hoje em dia (ver *Human/chimp DNA similarity*) têm levado à conclusão não surpreendente de que, de fato, os chimpanzés são geneticamente mais similares aos seres humanos do que, por exemplo, os gorilas. Assim, se os chimpanzés tivessem uma similaridade genética total maior com os seres humanos do que com os gorilas (o que é muito duvidoso com base em sua morfologia e na anatomia comparada, como mostrado pelas técnicas morfométricas computadorizadas do anatomista evolucionista Charles Oxnard) isso seria algo para apenas tomarmos nota.

O problema é que, embora equívoco, o número de 99,4% chama a atenção. O público em geral é levado a interpretar as reportagens dos meios de comunicação como elas tendo dito que os chimpanzés são "99,4% humanos". Mesmo antes que esse percentual de similaridade total tivesse sido rebaixado para 95%, a sociedade criacionista australiana "Answers in Genesis" já havia ressaltado a falácia dessa lógica. Isso foi feito citando o professor evolucionista Steven Jones, que afirmara que as bananas compartilham 50% de seus genes com os seres humanos, mas que isso não torna as bananas 50% humanas!

Muito pouco se conhece sobre a maneira pela qual os genes se expressam. Já é suficientemente claro que "nem todos os genes são iguais". Alguns genes, por exemplo, exercem um profundo controle sobre o desenvolvimento do ser vivo. Já de há muito sabe-se que o mesmo gene em criaturas diferentes pode ter funções diferentes. Essas limitações severas que pesam sobre a "comparação genética" raramente são discutidas quando comparações simplistas como as da notícia em questão são divulgadas.

Usando o mesmo tipo de raciocínio dos pesquisadores considerados, poder-se-ia presumivelmente mostrar que, com base em 97 genes devidamente escolhidos, os seres humanos e as bananas constituem uma mesma espécie, pois seriam 100% idênticos!

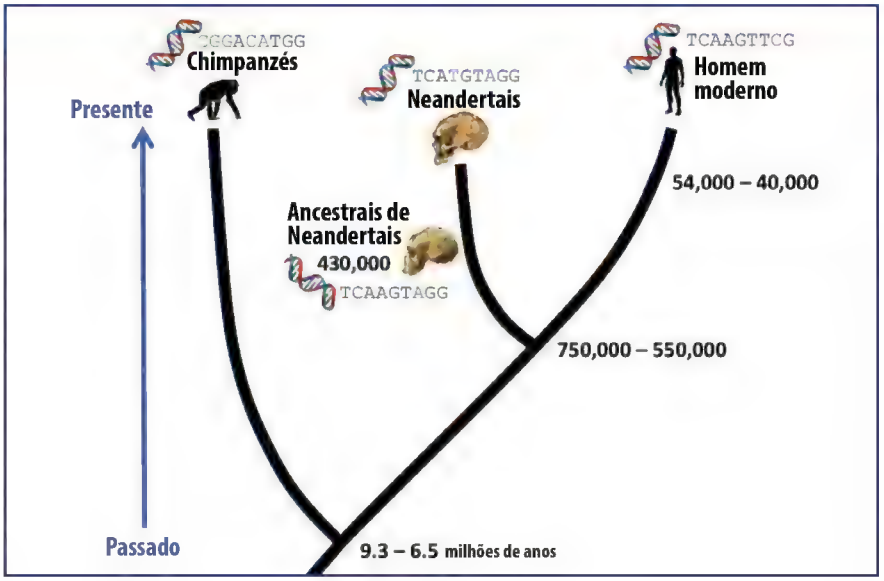
A propósito, muitos eminentes evolucionistas não se deixam convencer pelas alegações de seus colegas. Goodman citou uma proposta feita em 1963 de juntar taxonomicamente chimpanzés com gorilas, com base em sua similaridade, porém acredita que as similaridades entre chimpanzés e seres humanos, descobertas por ele, são muito mais convincentes. O antropólogo Richard J. Sherwood, da Universidade de Wisconsin (E.U.A.) observa que Goodman está na realidade procurando qualquer argumento que possa ser trazido

a seu favor: "Ir em busca de uma referência histórica como esta, e então usá-la como único critério para sugerir uma enorme mudança na sistemática dos primatas, é difícil de ser levado a sério".

A proposta de Goodman levará a alguma alteração na taxonomia que envolva primatas e seres humanos? Provavelmente não tão cedo. Goodman parece um pouco preocupado em seus comentários com a imprensa: "Se muitos se interessarem por isso, e julgarem que seja algo para ser considerado, poderá ser realizado um simpósio que aborde essa questão como tema principal e que conclua se a proposta é ou não razoável. Certamente eu a julgo razoável, senão não a teria feito".

Pedimos ao biologista celular Dr. David DeWitt, que estará falando sobre "Similaridade do DNA entre o Neandertal e o Homem Moderno" na Conferência *Creation 2003* a ser realizada em Cincinnati, Ohio, E.U.A., em 22-26 de maio de 2003, para comentar a notícia. Ele nos escreveu:

"A classificação dos organismos baseia-se em similaridades e diferenças. Parece estranho colocar essas três espécies (chimpanzés, bonobos e seres humanos) no mesmo grupo em igualdade de posição. Uma criança pode reconhecer a similaridade entre chimpanzés e bonobos, bem como a diferença entre eles e os seres humanos. A proposta poderá também complicar a já problemática situação dos Neandertais, Australopitecíneos e outros alegados ancestrais humanos. Por exemplo, os cientistas evolucionistas não classificam os Australopitecíneos, como Lucy, no mesmo gênero que os seres humanos. Entretanto, isso é o que Goodman está propondo fazer com os chimpanzés.



É irônico que esse estudo apontando para a similaridade entre chimpanzés e seres humanos apareça nos *Proceedings of the National Academy of Science* ao lado de um artigo que destaca as diferenças entre os Neandertais e os seres humanos modernos. A conclusão é que quando os cientistas procuram similaridades, eles as encontram, e quando procuram diferenças, também as encontram. Com base no número de diferenças nos pares de bases do DNA, alguns têm excluído os Neandertais como contribuintes para o mtDNA do pool gênico do homem moderno. Entretanto, com base no número de similaridades, os chimpanzés e os bonobos deveriam ser incluídos no gênero Homo, juntamente com os seres humanos. Não se pode esquecer do fato de que esses critérios são arbitrários.

Tipicamente, em estudos deste tipo, os cientistas só examinam substituições no DNA, embora inserções e deleções de nucleotídeos também ocorram. As inserções e deleções usualmente são deixadas de lado na análise filogenética porque elas complicam o alinhamento das sequências. Em artigo publicado também nos Proceedings of the National Academy of Science, Britten incluiu esses tipos de diferenças do DNA em sua análise e chegou a um percentual bastante inferior (aproximadamente 95%). Deixar de lado esses tipos de alterações no DNA leva a um grau de similaridade muito mais alto, porque ficam excluídas da análise as alterações mais comuns."

Para encerrar: Existem e sempre existirão profundas diferenças entre seres humanos criados à imagem e semelhança de Deus, e outras criaturas. Isso não é uma questão de mera afirmação, mas também de observação e senso comum. Nenhum chimpanzé estará lendo ou discutindo essa reportagem, por uma razão especial. Nosso ancestral original, Adão, foi criado singularmente à imagem de Deus, sem nenhum ancestral animal.

"O PASSAROSSAURO E OUTROS ANIMAIS: A CATÁSTROFE DO DARWINISMO"

LIVRO DE AUTORIA DE MAURIZIO BLONDET

Editora: Effedieffe, Largo V. Alpini, 9 – 20145 Milão
E-mail: effedieffe@iol.it

Esta revisão crítica do livro do Prof. Maurizio Blondet com o título original em Italiano "L'Uccellosauro ed altri animali – La catastrofe del darwinismo" foi elaborada pela Sociedade Criacionista Italiana (Centro Studi Creazionismo), com a qual mantemos cordiais laços de colaboração, e foi publicada originalmente no seu site (www. creazionismo.org), do qual foi traduzida pela Sociedade Criacionista Brasileira, com a permissão e revisão linguística daquela sociedade congênere. Agradecemos particularmente ao Prof. Fernando De Angelis, que foi o autor da revisão crítica em 18/11/02 – e que enviou um exemplar do livro para a biblioteca da SCB – e à Sra. Márcia Calá que fez a revisão da nossa tradução.

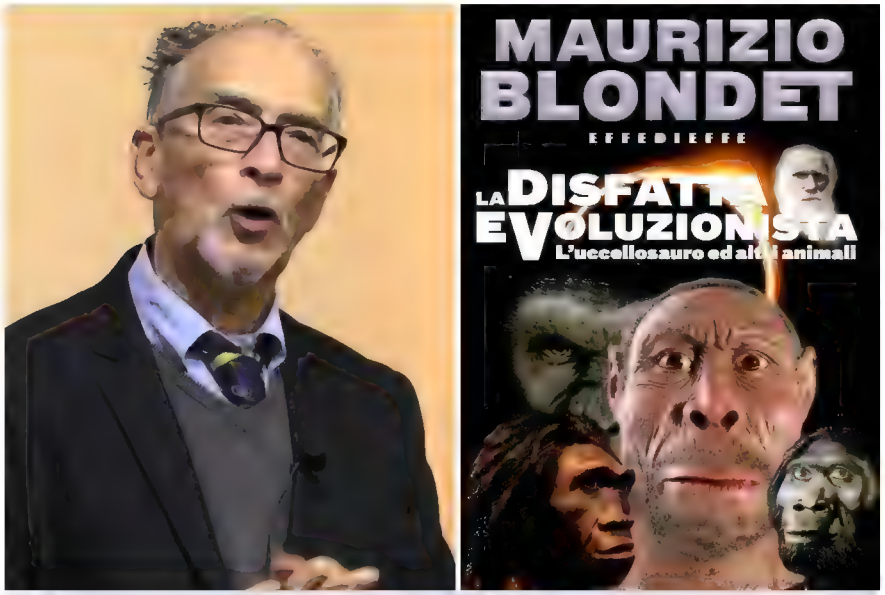
Trata-se de uma visão atualizada e corrente do confronto que se desenvolve entre evolucionistas e criacionistas, adequada como primeira aproximação à discussão, bem como para ordenar e fortalecer aquilo que já é conhecido. Certamente é um livro, sob certos aspectos, "incrível", pois é uma defesa ampla do Criacionismo e dos criacionistas feita por um jornalista do *Avvenire*, isto é, do jornal que pertence aos bispos italianos, e isto não obstante o Catolicismo ter oficialmente aceito que Deus poderia ter criado por intermédio da Evolução.

Maurizio Blondet tem escrito obras polêmicas sobre outros assuntos variados, suscitando reações contrastantes. Não nos manifestaremos aqui sobre outros trabalhos seus (porque não têm a ver com o Criacionismo e porque não os temos lido), mas neste livro ele se mostra bem documentado, claro e equilibrado, expondo também o pensamento da parte contrária.

O livro parece inaugurar uma fase nova no Criacionismo italiano, envolvendo setores diversos e suscitando simpatias ainda há pouco impensáveis. Um primeiro sinal disso foi o convite a nós endereçado pela assembleia dos estudantes do Liceu Científico "*Vittorini*" de Milão, onde pudemos ir para expor as nossas razões e responder às suas perguntas.

Passemos agora a resumir alguns conteúdos de interesse.

Não é de desprezar já o prefácio, sendo Giuseppe Sermonti o primeiro grande cientista italiano a ter assumido posição clara contra o Darwinismo [ver o *link* no *site* do *Centro Studi Creazionismo* (Centro de Estudos do Criacionismo) – http://www.creazionismo.org – sobre a revisão crítica do livro de Sermonti *Dimenticare Darwin* – Esquecer Darwin]: "O autorizado perió-



Maurizio Blondet e seu livro

dico semanal científico inglês *New Scientist*", esclarece Sermonti, "anunciou em sua capa (outubro de 1998): *Evolution is dead* – A evolução morreu". "O problema do Darwinismo não é um problema científico. E assim é benvinda a opinião de alguém 'não ligado à área', que escuta atônito, dos que são da área, a fábula improvável" [...] "Sendo Blondet 'expert' do jogo político, das confusões editoriais, de complôs culturais, ele pôde contribuir para a crítica darwiniana melhor do que um especialista" (pp. 7, 8).

O título do livro refere-se a uma clamorosa e recente apresentação falsa feita pelos evolucionistas, mas da qual o público italiano foi mantido rigorosamente à parte. A prestigiosa revista *National Geographic* de novembro de 1999 publicou a fotografia de um "*passarossauro*", isto é, de um fóssil apresentado como um intermediário entre aves e dinossauros, anunciando-o como "o verdadeiro elo faltante da complexa cadeia que liga os dinossauros às aves" (p. 9 do livro de Blondet). Também outra prestigiosa revista, *Nature*, deu posteriormente a notícia da grande descoberta. As análises com raios-x, entretanto, revelaram que o fóssil havia sido forjado, com a cumplicidade dos chineses que há anos escavavam uma zona rica em fósseis, e que sabiam muito bem o que os evolucionistas esperavam encontrar (e pelo que pagariam bastante bem). A revista *New Scientist* relatou o fato intitulando-o "O Pássaro de Piltdown", em alusão a outro famoso fóssil fraudulento que durante muito tempo foi apresentado como "o elo de ligação entre os símios e o homem".

O autor se refere, depois, a uma importante reunião anti-darwinista realizada na Califórnia em 1996, que foi intitulada *Mere Creation* ("Somente Criação"). Entre os 160 relatores, além de teólogos e pessoas cultas estavam também muitos cientistas, dentre os quais Blondet cita uma dezena, afirmando: "São nomes que agora não dizem muito, mas que dentro de alguns anos serão prêmio Nobel e catedráticos de fama mundial" (p.16).

A polêmica conduzida pelos criacionistas vai cada vez mais se concentrando no plano científico, de maneira a poder utilizar uma linguagem aceita universalmente. A oposição ao Darwinismo é levada avante através de duas alternativas, indicadas como "Projeto Inteligente" (*Intelligent Design*) e "Complexidade Irredutível" (*Irreducible Complexity*).

O Darwinismo afirma que tudo originou-se **por acaso**, embora os seres vivos possam ser melhor compreendidos cientificamente se forem considerados como "projeto inteligente", isto é, resultado de alguém que os projetou (e, acrescentamos, se um computador é indubitavelmente o resultado de um projeto, como poderemos considerar resultado do acaso o ser humano que fez aquele computador?).

O darwinismo afirma que as estruturas dos seres vivos são formadas **gradualmente** através de pequenas alterações vantajosas que predominaram através da seleção natural. A isto se opõe o conceito de "complexidade irredutível", que considera as diversas estruturas dos seres vivos como semelhantes, por exemplo, a uma ratoeira, isto é, feitas de um conjunto de componentes que devem existir todos contemporaneamente, dado que a falta de um só deles não confere nenhuma vantagem evolutiva, sendo assim um obstáculo para quem o possuísse.

Os conceitos de "Projeto Inteligente" e "Complexidade Irredutível" integram-se mutuamente e cada vez mais são aceitos pelos cientistas, independentemente de suas convicções sobre a Bíblia. Na realidade, tornaram-se conceitos estritamente científicos, que permitem organizar melhor e mais simplesmente os dados que estão disponíveis.

Nos capítulos centrais, o autor examina as diversas questões que são objeto de debates, e a afirmação que aí foi mais impressionante (p. 89) é a do famoso telejornalista Gordon Rattray Taylor: "Nunca, absolutamente nunca, até hoje, foi visto surgir não só uma **espécie** nova, mas nem mesmo uma **enzima** nova". Em outras palavras, os evolucionistas quiseram fazer crer que "máquinas novas" completas (isto é, as espécies) formam-se ao acaso, enquanto concretamente não podem mostrar nem sequer uma "peça da máquina" verdadeiramente nova.

O autor conclui (pp. 126-130) com um elogio aos criacionistas americanos (sobre os quais circulam na Itália preconceitos e caricaturas que não correspondem à realidade). "No momento da despedida", afirma Blondet, "ocorre-me apresentar os ver-

dadeiros protagonistas desta história. São os evangélicos, os protestantes fundamentalistas americanos" [...] "E o que não se deve fazer é confundi-los com os fundamentalistas de outras regiões do mundo" [...] "Os fundamentalistas iranianos usam a sua força e a força do Estado para *suprimir* a dissensão, para excluir "*certos argumentos*" do discurso público, para impor a censura. Os fundamentalistas americanos têm usado a sua força também política (que é apreciável: constituem cerca de 20% da população) para *abrir* o debate sobre o Evolucionismo, um debate que os próprios evolucionistas teriam preferido manter fechado em suas academias" [...] Os obscurantistas são em geral ignorantes. Os "obscurantistas" americanos "foram" ignorantes, mas hoje são instruídos nos campos da Zoologia, da Biologia e da Geologia, assistem congressos e fazem anotações" [...] "Gente simples hoje pode defender as teses criacionistas de maneira articulada e até mesmo profunda" [...].

"Algo que, como católicos (e um pouco papistas) deveríamos imitar deles: nem sequer o Papa é uma autoridade em questões científicas, porque a Ciência, por princípio, não reconhece autoridade" [...] "Se o Papa declarasse o Evolucionismo como dogma da Igreja – coisa que se espera que não faça, sem entretanto estarmos muito seguros disso – os católicos autênticos não teriam a obrigação de crer. O Darwinismo não é matéria de fé" [...].

"A vida do homem é uma responsabilidade, e não uma conjunção de contingências e causas naturais".

Concluindo, trata-se de um livro que, pela sua abrangência, pela sua simplicidade e por ser de um autor católico, não poderá senão interessar diversos italianos (e diremos nós, também brasileiros), muitos dos quais poderão assim ter pela primeira vez a visão de um novo modo de ver o conjunto e vários fatos da Ciência.

O prefácio de Giuseppe Sermonti

Os Editores julgaram oportuno transcrever o Prefácio do livro de Maurizio Blondet, da lavra do renomado cientista italiano Giuseppe Sermonti, por se tratar de um posicionamento claro anti-darwinista que muito poderá influir para que aqueles que ainda creem no mito da Evolução possam ponderar melhor a seu respeito:

A Teoria Darwinista da Evolução – se é que não nasceu morta - morreu jovem, no início do século XX, quando Hugo De Vries descobriu as mutações, August Weismann formulou a Teoria da Linhagem Germinativa, e William Bateson fundou a Genética sobre os princípios de Mendel que acabavam de ser redescobertos. No pensamento de Darwin era central a ideia da herança dos caracteres adquiridos pelos organismos (pangênese) que De Vries superou, Weismann excluiu, e Mendel refutou. Do mecanismo darwinista restava, no século que se iniciava, somente a seleção natural. E já em 1871 Darwin reconhecia ter "atribuído muito à ação da seleção natural e à sobrevivência do mais apto", e que isto constituía "um dos maiores enganos (*oversights*) encontrados no meu trabalho".

Mas o século XX tinha necessidade de Darwin, e durante cem anos foram feitos esforços para integrar no selecionismo de Darwin tudo o que a Biologia, a Bioquímica ou a Paleontologia andavam descobrindo, e que pouco ou nada tinha a ver com a seleção natural. O século XX foi glorioso para a Biologia – com a descoberta do gene, da genética bioquímica, do código genético, da engenharia genética, do relógio molecular, do genoma humano, do pacote "hox" – porém o Darwinismo o atravessou ileso, apesar de contradito em todas as suas teses principais. Richard Dawkins, um dos modernos pontífices do Darwinismo, escreveu audaciosamente na Introdução de *O Relojoeiro Cego*: "Este livro foi escrito com a convicção de que a nossa existência tivesse sido no passado o maior de todos os mistérios, mas que hoje, entretanto, deixou de sê-lo, porque o enigma foi resolvido. O mérito desse empreendimento é devido a Darwin e a Wallace, mesmo que continuemos por um bom tempo a adicionar notas de rodapé à sua solução." Estas "notas de rodapé" são a Biologia dos anos novecentos. Para começar, a mutação de De Vries foi ligada à seleção, para produzir o binômio "*mutação – seleção*", a teoria de Weismann foi chamada de "*Neo-Darwinismo*", a Genética de Populações foi integrada à seleção para fundar a "*nova síntese*". Enfim, todo o grande corpo da Genética Bioquímica e Molecular não conseguiu mo-

dificar a "*teoria sagrada*" que se entrincheira naquilo que foi chamado de "*dogma central*". Este afirma que toda a hereditariedade e toda a evolução situam-se no DNA: tudo no DNA, nada mais que no DNA. Ideia esta que o bom Darwin teria refutado horrorizado, e que a boa Ciência repetidamente tem desmentido.

A Biologia se renova, o Darwinismo não. Wegener descobriu a "*deriva dos continentes*", Kimura o "*neutralismo*", Crick e Watson o "*código genético*", Gould e Eldredge o "*equilíbrio pontuado*", Prusiner a "*hereditariedade priônica*", outros o "*pacote regulador (hox)*" ... e tudo isto tem sido rotulado como "*notas de rodapé*". A Ciência da Evolução transformou-se em disputas entre sofistas em encontros sociais, em ideologia política, em discurso sobre o sexo dos anjos, em máfia das cátedras. As várias tendências darwinistas encontram-se como uma coalisão de partidos incapazes de achar uma linha comum, concordando apenas na aversão ao comandante da coalisão adversária, nesse caso o "*Criador*".

O Evolucionismo tornou-se uma anomalia na Ciência. No Prefácio de um edição comemorativa do centenário de *A Origem das Espécies*, W. H. Thompson escreveu: "Esta situação, em que pessoas se reúnem em defesa de uma doutrina que não são capazes de definir cientificamente e, menos ainda, de demonstrar com rigor científico, tentando manter sua credibilidade perante o público mediante a supressão da crítica e a ocultação das dificuldades, é anormal e indesejável na Ciência."

Como surgiu esta situação perversa? Aconteceu há mais de cem anos atrás, quando o velho geólogo Charles Lyell e o jovem biólogo Thomas H. Huxley (o futuro "*bull-dog*" de Darwin) recrutaram Darwin para desenvolver uma teoria materialista sobre a história da vida e asseguraram a ele um grande sucesso editorial – a primeira edição de "A Origem" esgotou-se em um dia! – apesar de somente poucos terem se convencido com a teoria que o obscuro naturalista de Down concordara propor. C. Bibby, biógrafo de Huxley, informa sobre a formação de um "Club X" em Londres, em 1864 (do qual Darwin não participava), que se reunia antes das sessões da *Royal Society*, para discutir "a política da sociedade culta, projetos de novos museus e revistas, a guerra periódica à religião e às tradições, e a posição da ciência na sociedade contemporânea" (W. Irvine: *Apes, Angels and Victorians*, 1956). O Club X devia fazer todo o esforço para assegurar que todos os postos acadêmicos fossem ocupados por homens partidários de suas ideias, e que todos os seus filiados "*fossem portadores da bandeira da evolução em qualquer posição que ocupassem*" (M. Bowden:*The Rise of the Evolution Fraud*, 1982). Bibby listou umas vinte posições de projeção que Huxley conseguira para os seus adeptos em universidades novas.

A Teoria da Evolução hoje corre o risco de desaparecer, mais pela arrogante presunção de seus modernos adeptos, do que pela inadequação de suas respostas. O respeitado semanário científico inglês *New Scientist* trouxe na capa de sua edição de outubro de 1998 a manchete *Evolution is dead* ("A Evolução morreu"). O texto declarava: "A tecnologia tomará o lugar da evolução, e a escala do tempo será muito mais rápida. Os homens estão se tornando objeto de um projeto consciente." O relojoeiro de Dawkins é cego, o homem de laboratório vê muitíssimo bem. O trabalho grosseiro e lentíssimo de uma mutação cega e de uma seleção míope e inconcludente deve ser enfrentado pelos engenheiros geneticistas, que aprenderam a fazer sozinhos e rapidamente o que a natureza demorou milhões ou bilhões de anos para fazer. O Fausto do terceiro milênio apresenta-se muito mais sofisticado perante a pobre natureza, e não me surpreenderia se um dia acabasse por atribuir a um demiurgo fundamentalista a grosseira orquestração da criação. Poderia finalmente dar-se conta das contradições, lacunas e incongruências de montar e desmontar o absurdo *puzzle* cujas peças não se ajustam nunca, e no qual cabe até mesmo de vez em quando ver um pássaro voando com pernas para cima. Finalmente, poderia destronar a teoria improvável pela qual o "*Don Quixote*" se transforma no *Ulysses*, de Joyce, passando por *Anna Karenina*, através de uma série de erros de impressão (Borges).

O problema do Darwinismo não é um problema científico. Por isso é benvindo o parecer de um "*não especialista*" que escuta atônito dos outros a fábula improvável, e assiste as discórdias, as contradições, as confusões, com a conivência dos membros da elite do Evolucionismo. Sen-

do Blondet especialista no jogo da política, das confusões editoriais, dos complôs culturais, ele pode contribuir para a crítica do Darwinismo melhor do que um especialista, que deve fingir estar levando a coisa a sério. Por outro lado, os mais convictos defensores do Evolucionismo e de Darwin são alguns eminentes humanistas que jamais se rebaixaram a estudar estas coisas.

De vez em quando, os estudiosos (na realidade é a imprensa que se refere às suas opiniões) perante a última resposta da Genética ou da Paleontologia, manifestam-se com um exaltado "*Darwin tinha razão!*". Eu lhes pergunto: por favor, o que mais se deveria descobrir para afirmar que Darwin estava errado? E quando me convidam a propor uma teoria alternativa, percebo imediatamente que essa teoria jamais poderá existir. De fato, todas as hipóteses que contenham um projeto, um mistério, um impulso, um arquétipo, um fim ou um princípio **criador**, são excluídas *a priori* como "*não científicas*".

Dever-se-ia, talvez, recorrer ao aparecimento de um imenso ancião barbudo sobre as nuvens, que traçasse as formas viventes com seu compasso? Talvez os cientistas se submetessem a ele, enquanto os humanistas haveriam sempre de fazer pouco caso e creriam que, como descreve Robert Musil, "o Seu talento não é suficientemente original, e a Sua visão de mundo não é bastante abrangente para poder colocá-lo no mesmo plano de certas inteligências verdadeiramente divinas".

Sugerimos a nossos leitores que desejem melhor conhecer o Dr. Semonti - o "Michael Behe" da Itália, assim como numerosos outros Biologistas Moleculares ao redor do mundo – que acessem o link de sua breve palestra, indicado abaixo.

A TEORIA DA EVOLUÇÃO, A CIÊNCIA EXPERIMENTAL E A EXISTÊNCIA DE DEUS

Antonino Zichichi e seu livro

Afirmar que Deus não é o Criador, tendo como base o modelo da evolução, é ferir as próprias bases da ciência e da lógica", é a consideração básica feita pelo jornalista Michelson Borges (redator da Casa Publicadora Brasileira, autor dos livros A História da Vida e Por Que Creio (ambos da Casa), e membro atuante da Sociedade Criacionista Brasileira), ao fazer comentários sobre a Teoria da Evolução, a Ciência Experimental e a existência de Deus, a propósito do livro com o título "Por que Acredito n'Aquele que Fez o Mundo", publicado em português pela Editora Objetiva, escrito por Antonino Zichichi, presidente da Federação Mundial de Cientistas.

Segue o texto do interessante apanhado feito na Revista Adventista de agosto de 2001, por Michelson Borges, motivado por

algumas das afirmações constantes do livro de Antonino Zichichi.

Em livro recentemente publicado em Português, o presidente da Federação Mundial de Cientistas, Dr. Antonino Zichichi, faz afirmações bastante corajosas e pouco convencionais no mundo científico. Segundo ele, há flagrantes mistificações no edifício cultural moderno e que passam, muitas vezes, desapercebidas do público em geral.

Eis alguns exemplos (*Por Que Acredito Naquele Que Fez o Mundo*, pág. 16, edição em Português aqui e nas demais referências). Faz-se com que todos creiam que ciência e fé são inimigas. Que ciência e técnica são a mesma coisa. Que o cientificismo nasceu no coração da ciência. Que a lógica matemática descobriu tudo e que, se a matemática não descobre o "Teorema de Deus", é porque Deus não existe. Que a ciência descobriu tudo e que, se não descobre Deus, é porque Deus não existe. Que não existem problemas de nenhum tipo na evolução biológica, mas certezas científicas. Que somos filhos do caos, sendo ele a última fronteira da ciência.

Para Zichichi, a verdade é bem diferente. E a maneira de se provar a incoerência das mistificações acima consiste em compreender exatamente o que é *Ciência*.

Foi Galileu Galilei quem lançou as bases da Ciência Experimental, que passou também a ser denominada de "Ciência Galileana". A grandeza desse físico e astrônomo italiano, para quem "o Universo é um texto escrito em caracteres matemáticos", não reside tanto em suas extraordinárias descobertas astronômicas, mas na busca de verificar se o resultado de experiências era ou não contrário à validade de determinadas leis. Para Galileu, as teorias deveriam ser testadas e repetidas a fim de serem consideradas verdadeiras. Graças a ele, pôde-se fazer separação entre o imanente e o transcendente. Como dizia um dos pais da Física Moderna, Niels Bohr, resumindo o pensamento galileano, não existem teorias bonitas e teorias feias. Existem apenas teorias verdadeiras e teorias falsas.

Por isso, Zichichi afirma: "Nem a Matemática nem a Ciência podem descobrir Deus pelo simples fato de que estas duas conquistas do intelecto humano agem no imanente e jamais poderiam chegar ao Transcendente" (*Idem*, p. 16).

Uma teoria como a da Evolução das Espécies, com tantos "elos perdidos", desenvolvimentos milagrosos (olho, cérebro, DNA, etc.), extinções inexplicáveis e fenômenos irreprodutíveis não é Ciência Galileana. "Eis porque", diz Zichichi, "a teoria que deseja colocar o homem na mesma árvore genealógica dos símios está abaixo do nível mais baixo de credibilidade científica. ... Se o homem do nosso tempo tivesse uma cultura verdadeiramente moderna, deveria saber que a Teoria Evolucionista não faz parte da Ciência Galileana. Faltam-lhe os dois pilares que permitiram a grande virada de 1600: a reprodução e o rigor. Em suma, discutir a existência de Deus, com base no que os evolucionistas descobriram até hoje, não tem nada a ver com a Ciência. Com o obscurantismo moderno, sim" (*Idem*, págs. 81 e 82).

Por mais que alguns queiram ignorar a realidade, especialmente no que diz respeito ao modelo da evolução, posto que não é fato científico confirmado, as premissas e a filosofia de vida dos pesquisadores influem diretamente em suas pesquisas. Bom exemplo é o do geólogo e pensador evolucionista da Universidade Harvard, Stephen Jay Gould (falecido em 2002). Ele era marxista e é o autor da Teoria do Equilíbrio Pontuado (evolução aos saltos), que é quase uma transposição literal da ideia de revolução para o mundo natural. Por isso mesmo, embora Gould faça bastante sucesso como escritor, grande parte da comunidade científica rejeita suas ideias "evolucionistas marxistas". E a conclusão de José Luiz Goldfarb, presidente da "Sociedade Brasileira de História da Ciência", é a de que "nenhum cientista entra no laboratório sem uma visão de mundo mais complexa. O fato de a Ciência funcionar em bases experimentais não significa que o cientista não tenha crenças ou pressupostos sobre a realidade" (*Época*, 27/12/99).

Isso explica por que, entre os cientistas, há crentes e ateus (como entre a população em geral). Se a existência de Deus (ou Sua inexistência) fosse algo demonstrável nos domínios da Ciência (Galileana), só haveria um grupo de cientistas: crédulos (ou incrédulos).

Para Zichichi, Deus transcende a Lógica Matemática e a Ciência. Por isso, "é inconcebível que possa ser descoberto pela Lógica Matemática ou pela Ciência. A Lógica Matemática pode descobrir tudo aquilo que faz parte da Matemática. E a Ciência, tudo que faz parte da Ciência. ... O ateu, na verdade, diz: 'Por amor à lógica, não posso aceitar a existência de Deus.' Mas o rigor lógico não consegue demonstrar que Deus não existe" (*Idem*, págs. 159 e 162).

Quando a "ciência" opta por excluir o conceito de um Criador, deixa claro, com isso, que não é uma busca aberta da verdade, como tantas vezes quer parecer ser.

Na verdade, tudo ficaria mais claro (e lógico) se as pessoas admitissem, como fez Galileu, que tanto a natureza quanto as Escrituras Sagradas são obra do mesmo Autor e, embora utilizem linguagem diferente (mas apontem para o amor e o poder de Deus), não estão em contradição para o observador atento. "Não sabemos o que e quanto desconhecemos", escreveu o zoólogo Dr. Ariel Roth. "A verdade precisa ser buscada, e devia fazer sentido em todos os campos. Devido a ser tão ampla, a verdade abrange toda a realidade; e nossos esforços para encontrá-la deveriam também ser amplos" (*Origens*, pág. 51 – Casa Publicadora Brasileira).

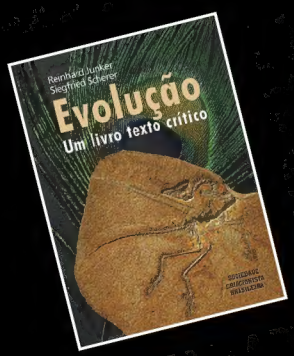
Por mais amplos que sejam nossos esforços, entretanto, jamais conseguiremos demonstrar a existência de Deus pelos métodos da Ciência Experimental. Deus, o Criador, é infinito e transcendente, e nós, criaturas suas, somos finitos, limitados em nossos mais aprimorados métodos imanentes.

MAIS NOTÍCIAS DA ITÁLIA

(Esta Notícia foi acrescentada à edição original deste número da Revista Criacionista)

É com satisfação que informamos a nossos leitores que a nossa congênere da Itália "Associacione Italiana Studi sulle Origini (AISO) publicou em 2017 a tradução da sexta edição do original alemão do livro "Evolução - Um Livro Texto Crítico" de autoria de Reinhard Junker e Siegfried Scherer.

Apresentamos nossos cumprimentos ao magnífico trabalho efetuado pelo nosso amigo Prof. Fernando De Angelis, que coordenou a edição e a publicação desse importante livro, que a SCB em 2002 também traduziu editou e publicou em língua portuguesa.



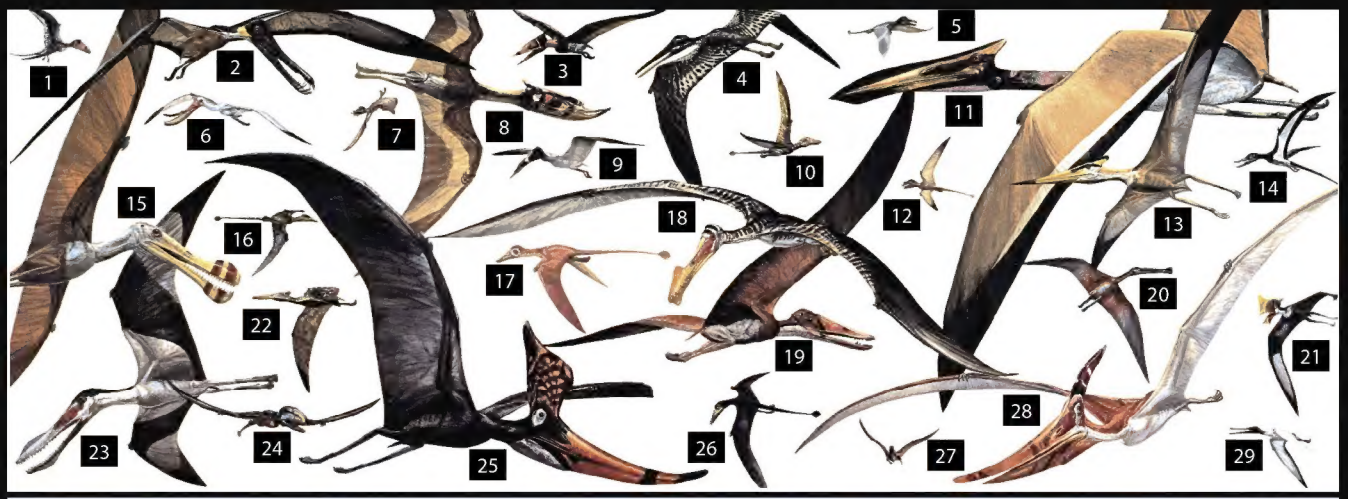
Evolução

Um livro texto crítico

É um livro-texto que pode ser usado nos cursos de nível médio e nas primeiras séries de cursos universitários, escrito por dois ilustres professores doutores, conhecidos internacionalmente por suas publicações especializadas na área da Biologia.

Maiores informações:
Sociedade Criacionista Brasileira
Telefone: (61) 3468-3892
Sites: www.criacionismo.org.br e www.scb.org.br
E-mail: scb@scb.org.br

"QUANDO OS RÉPTEIS VOAVAM"



Apanhado geral sobre aves extintas (reconstruções artísticas baseadas em restos fósseis)
(Superinteressante, agosto 1994)

1. Peteinosaurus
2. Cearadactylus
3. Phobetor
4. Ornithocheirus
5. Preondactylus
6. Pterodautro
7. Anurognathus
8. Dsungaripterus
9. Germanodactylus
10. Scaphognatus
11. Quetzalcoatius northropi
12. Batrachognatus
13. Nyctosarus
14. Rhamphorhynchus
15. Criorhyncus
16. Eudimorphodon
17. Campylognathoides
18. Tropeognathus
19. Ornithodesmus
20. Gnathosaurus
21. Tapejara
22. Gallodactylus
23. Anhanguera
24. Dimorphodon
25. Pteranodon sternbergi
26. Dorygnathus
27. Pterodctylus kochi
28. Pteranodon ingens
29. Ctenochasma

***Archaeopteryx* - fóssil e reconstrução artística**
(Revista Veja, 02/06/93)

ISSN 1518-3696